

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PATRICIA REJANE FROELICH

***“VIVEMOS DESTA RENDA”*: A AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTO CRISTO-
RS E AS COMPLEXIDADES DA INTENSIFICAÇÃO PRODUTIVA DO LEITE.**

São Luís

2017

PATRÍCIA REJANE FROELICH

***“VIVEMOS DESTA RENDA”*: A AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTO CRISTÓ-
RS E AS COMPLEXIDADES DA INTENSIFICAÇÃO PRODUTIVA DO LEITE.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Sampaio
Carneiro

São Luís

2017

PATRÍCIA REJANE FROELICH

**A AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTO CRISTO-RS EM QUESTÃO:
COMPLEXIDADES DA INTENSIFICAÇÃO PRODUTIVA DO LEITE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Sampaio Carneiro (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Maria Catarina Chitolina Zanini
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Martina Ahlert
Universidade Federal do Maranhão

Para Teresinha e Aristeu,
que me deram a vida e me ensinaram a viver;
Agricultores, cujas mãos calejadas, demonstraram que estudar é importante.

Para a vó Maria, que não alcançou o final desta dissertação,
mas que sempre me perguntava com interesse como estavam os estudos. Saudades.

Para Michele e Graciele,
que tornaram tudo mais colorido e suportável.

Para todos os/as agricultores/as de Santo Cristo-RS,
razão e inspiração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Seguir carreira acadêmica, como a vida em si, possui concomitantemente alegrias e dissabores. Nos momentos de desânimo costumava ler esta seção do trabalho em outras dissertações e também em teses e monografias. Era minha terapia! Quantas vezes lendo-as e choramingando verificava que tanto as rosas como os espinhos fizeram/fazem/farão parte das trajetórias e que, no final das contas, muitas mãos escrevem conosco. Tenho, portanto, a obrigação e também o prazer de agradecer aquelas que fizeram a diferença na minha caminhada, especialmente nestes dois anos do curso de mestrado e, por conseguinte, nesta dissertação que simboliza dois anos de vida e de formação. Pago nesse ínterim o risco de esquecer algum nome.

Obrigada Teresinha Maria Froelich, a quem tenho o privilégio de chamar de mãe. A confiança que depositou em mim, quando eu mesma duvidei, fez diferença fundamental na construção e finalização deste trabalho. Obrigada por me incentivar a fazer a pesquisa empírica, e, que, com sua respectiva força e integridade sempre foi minha âncora em períodos de ventania forte. Obrigada pai Aristeu Aloísio Froelich por me incentivar de um jeito distinto: duvidando! Acredito que herdei de você essa força de levantar do chão, após inúmeras pancadas que a vida nos desfere! Obrigada por, mesmo nos querendo perto de você, nunca ter cortado nossas assas ao alçar voos longínquos. Tenho orgulho da nossa origem humilde e trabalhadora, de conquistar as coisas com dignidade! Obrigada Michele e Graciele, “minhas gordinhas”, por tanto amor, carinho e companheirismo. Obrigada Michi, por ser minha leitora/incentivadora número um, este trabalho lhe deve muitos louros! Obrigada Graci, caçulinha amada, não há um dia sequer que não sinto tua falta, “malinha”! Obrigada também Lucas Caye, meu cunhado preferido! Obrigada tia Noeli, por sempre me incentivar a continuar estudando! Obrigada vó Maria Engel (*in memorian*) por ser exemplo de resiliência e amor. Obrigada vô Balduino por me inspirar com sua ânimo e vontade de continuar trabalhando na agricultura, apesar de estar aposentado. Força, para nós, neste momento de perda recente da vó Maria! Obrigada vó Lidvina, por sempre me achar magra! Brincadeiras a parte, obrigada por me acolher a cada regresso, com um chimarrão, contando das tuas coisas, e como era a agricultura há 70 anos atrás! Obrigada vô Ignácio (*in memorian*) por me ensinar sobre gentileza e bondade.

Obrigada aos agricultores da Vila Sítio, por inspirarem este trabalho e por torná-lo pragmaticamente possível! Por questões éticas não é possível listar nomes, mas à vocês que abriram vossa propriedade com entusiasmo e solicitude: OBRIGADA! Obrigada ainda ao Rodrigo K. e o Vanderlei N. pela contribuição nesta análise da modernização agrícola. Obrigada a prefeitura municipal de Santo Cristo especialmente a Secretaria Municipal da Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente.

Obrigada a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pelo auxílio financeiro durante os dois anos do curso de mestrado, que me permitiu dedicação exclusiva! Obrigada a Universidade pública, neste caso a Universidade Federal do Maranhão, que possibilitou a uma filha de agricultores se tornar mestra! Obrigada ainda a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão-FAPEMA que possibilitou Estágio de curta duração na Universidade Federal de Santa Maria em 2016.2. Obrigada Theciana Silveira, por me situar quanto ao estágio em questão, dar suporte e ser amiga.

Obrigada professor orientador Dr. Marcelo Sampaio Carneiro, pelo profissionalismo e parceria. A credibilidade que depositou neste trabalho, bem como tantas observações e correções, são o alicerce disso tudo! Obrigada também aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc-UFMA), especialmente o Dr. Horácio A. de Sant’Ana Junior e o Dr. Igor Gastal Grill, professores no sentido estrito do termo! Obrigada professora Dr^a Cíndia, por aceitar compor a banca de qualificação deste trabalho e colaborar valorosamente. Obrigado também ao atencioso secretário da nossa pós-graduação, David, e todos os prestimosos/as bolsistas.

Obrigada, aliás, à todos(as) professores(as) que já tive, pessoas essenciais nos degraus da minha vida e formação, especialmente as professoras Irami Dietz, Leonice Binsfeld, Roseli Kraemer, Sandra Huppés, Vera M. e os professores Milton Kist e Luís Carlos Rossato, grandes incentivadores! Também quero mencionar, agradecer e bendizer o professor Dr. Everton Picolotto, o professor Dr. João Rodolpho Flôres e minha amiga e educadora, doutoranda Maria Rita Py Dutra. Eis profissionais cujo comprometimento me inspirou e continua inspirando.

Obrigada à todos os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Teresinha, da Vila Sírío, onde estudei, e que em junho e julho de 2016, tive o privilégio de tê-los enquanto colegas. Obrigada aos meus alunos do Projeto Mais Educação, especialmente os pequenos da 4ª e 5ª séries, que me arrancaram tantos sorrisos e que muito mais me ensinaram do que aprenderam.

Obrigada as “eternas neconzetas”: Daniele Cielo, Jamile Santos, Fabiane Dalla Nora, Diéssica Gaige e Silvana Oliveira. Para além do nosso grupo no WhatsApp (cheio de chorumelas e fotos de comidas), obrigada pelo suporte presencial e/ou online. Ter amigas como vocês, nesta desgastante trajetória acadêmica, é sinônimo de equilíbrio psicológico! Sem vocês a conclusão deste trabalho seria inúmeras vezes mais árduo!

Obrigada Profª. Drª. Maria Catarina Chitolina Zanini, minha mãe acadêmica, por me acolher enquanto orientanda desde meados de 2010, depositando em mim confiança, e me direcionando altas doses de perseverança e gosto pelo trabalho empírico. Também por não medir esforços, para neste momento, ser membro da banca de avaliação, com uma leitura atenta e atenciosa. Obrigada também Profª. Drª. Martina Ahlert, também banca de avaliação deste trabalho, por quem tenho carinho e admiração, pessoal e academicamente falando.

Obrigada Natana Botezini, amiga de todas as horas, compartilhando as alegrias e desgastes da formação em Ciências Sociais. Quiçá em um futuro breve seremos também colegas professoras! “Miga”, obrigada por estar tão próxima, mesmo longe fisicamente!

Obrigada minha amiga e profe de inglês: Pâmela Marques. Seu suporte foi fundamental para minha aprovação na prova de proficiência em língua inglesa do mestrado. Sem você o título de mestra seria inviável! Distendo este agradecimento aos demais professores de inglês: Waldez Borges, Vitor Porto, Aline Hellen, Letícia Valença, William Dubois e Patricia Morais.

Obrigada Carolina Padoin pela amizade irretocável; A irmã mais velha que a vida me deu! Obrigada Dani Faccin, amada “Danilinda”; Quantos sábios conselhos e palavras entusiastas! Obrigada Fabiane Grimm, Vivi Brixner, Vanessa Lima, Paola Barbieri e principalmente a Lu Weber, grandes amigas dos idos tempos da graduação. Ter vocês em minha vida é inestimável!

Obrigada Lia Renata, colega de mestrado, amiga de vida. És o presente mais valioso que este curso me conferiu. Obrigada pelo companheirismo de todas e de tantas horas; Por ser lucidez em tempos nebulosos! Obrigada Luzinele, colega e amiga na mesma proporção; Obrigada por dividir angústias, sonhos e sorrisos! Obrigada aos demais colegas e amigos do mestrado, por tornar tudo isso menos pesado: Leandro, Dandara, Samário, Hailton, Marcelo e Romário. Obrigada também aos queridos amigos do doutorado: Daisy Damasceno, Jorge Luiz Feitoza Machado, Franklin Lopes, Hugo Freitas, Antonio Gomes e Caio Bastos.

Obrigada meus conterrâneos e grandes amigos: Charles Assmann, Luana Klatt, Camila Schreiner. Charles, saudades dos tempos que erámos vizinhos lá na CEUII, da convivência diária entre chimarrão, brigadeiro e miojo (mas deste último não tenho tanta saudades). Essa nossa amizade, que começou em 2010, espero que continue vigorando; Obrigada pela serenidade! Lu, cheia de vida e minha cantora predileta! Obrigada por ser luz em tempos de escuridão! Obrigada Camila, por ser igualmente entusiasta dos estudos da “región”!

Obrigada Laura Sebastiany pelas contribuições relativas à parte zootécnica da bovinocultura leiteira. Obrigada meu amigo e grande parceiro Jeferson Tonin, por responder minhas mensagens e e-mails, sempre falando em dissertação e pedindo ajuda, com muita paciência e interesse. Espero lhe ter sempre por perto, seja para falar de agricultura familiar ou assuntos aleatórios.

Obrigada Drey Damaso, pela parceria no NECON e por nos brindar com literatura de primeiro nível; Me orgulho em dizer que tenho uma amiga escritora! Obrigada Taline, Luís, Sahel e Sheila, mais do que colegas de apartamento, vocês foram amigos do/no dia-a-dia! Agradeço especialmente a Giulia, minha doce, prestativa, bondosa e entusiasta amiga! Obrigada também Felize Rodrigues, Fernanda Cutrim e Edyth Dayana Rodrigues, por se preocuparem comigo e torcerem pela conclusão desta etapa.

Obrigada Rarielle, Erinaldo, Mônica, Lícia, Carlos, Daniel Madson, Danielzinho, Dênis, Jujuba, Cássia, Annagesse, Léo, Renan, Gláucia, Juliana e Adielson, preciosas amigas que o GERUR me proporcionou. Obrigada Marcelles, a alquimista mais graciosa; também minha honrosa colega professora no Projeto "Cursinho da Inclusão Social" SLZ –UFMA, e obrigada aos meus/nossos pupilos: Renata Costa e Wallace David, que enchem a “profe Paty” de orgulho! Obrigada Diana: vizinha, amiga inestimável, parceira de brigadeiro! Obrigada Thays Brasil, doce Thays, mesmo longe,

conversar contigo me faz um bem enorme; O que a comida uniu ninguém separa! Obrigada pela força e incentivo! Vocês, todos, são flores em meio aos espinhos da vida acadêmica: permaneçam perto, por favor!

Obrigada meu grande amigo Wendson Asevedo, por ser alegria, alento e carisma em meu caminho (e em/de tantos outros) e também parceiro/parceria! Obrigada aos demais colegas do GEPTS, pelo conhecimento construído de forma coletiva e também pelos momentos de descontração: Márcia, Gracy Kelia, Roberto, Clenilson, Gilson, Lidielze, Vinicius (*in memoriam*) e Danielle. Especialmente agradeço o Jonathan e o Evaristo, colegas em que busco constantemente suporte e inspiração!

Obrigada à família do Taekwondo-UFMA, especialmente aos professores-idealizadores-amigos: Itânio, Tomáz e Elayne. Obrigada ainda Railde, Fabiano, Laís, Emy May, Amanda, Andréia, Paulo, Mellanie, Mário, Matheus, Mariana, Sidney, Bianca, Juliane, Phillippe, Luís, G Winne, Cristina, Luana, Flávia, Fabiano Fróes, Fabiano Carvalho, Thalyta e Dione, por tantos momentos divertidos e de aprendizados! Obrigada também ao Daniel Nogueira, meu professor-amigo de taekwondo, em Santa Maria-RS. Amor ao taekwondo, amor por vocês: amigos de Dojô, de Universidade, de vida!

Obrigada amigos da Educação Física: Letícia Mendes, Pablo Frazão, Lucas Monteiro e Adailton Tinoco. Gratidão por me ensinarem que é preciso cuidar tanto da mente quanto do corpo. Obrigada ainda aos amigos da academia “Top”: Roberth Diniz, Alan, Giovanna, Célia e Vanessa Soares.

Obrigada aos maravilhosos amigos que fiz na/atraves a CEUII-UFSM: Cléber, Jana, Cleiclei, Cléu, Carme, Sabrina, Darci, Naieri, Bernardo Rodrigues da Silva, Jefferson Luquini, Vinicius Silveira, Ezequiel Redin, Gabriel Franco e Paulo Henrique. Obrigada especialmente a Rosi Ruviano e a Jéssica Sauthier, amigas no sentido estrito e restrito do termo; Espero ter vocês duas sempre por perto- mesmo longe fisicamente! Se eu fosse lhes agradecer por cada momento transcenderia o espaço dessa seção! Outrossim, vocês todos, são como aquele arco íris que brota pós mistura de chuva e sol no céu acinzentado da vida, trazendo, portanto, beleza, graça e renovação. Obrigada, muito obrigada!

Obrigada Nati Espídia, Fladney Freire, Alex Cordeiro, Karol Ramos, Gleen Eduards, José, Richardson, Thiago Fontoura, Túlio Rossi, Mário Afonso e Gustavo Cunha pessoas pelas quais tenho um grande carinho. Obrigada especialmente ao Dejamim e o Jesiniel, por estarem sempre dispostos a ajudar, psicologicamente ou em questões relativas ao texto.

Obrigada Luma Santos, Isadora Vasconcelos e Iulla Portillo, presentes no sentido figurado e literal, na e da vida respectivamente. Obrigada por conceberem suporte quando minhas mãos e pernas vacilaram, por serem norte! Obrigada ainda Jessica Soares, Isabela Alves, Jessica Nascimento, Mayara de Ávila e principalmente a Lawrence, por diminuírem o peso dos problemas cotidianos e me fazerem ressignificar a palavra sororidade.

Obrigada Amábile e Aline Barosuol, que por sua vez encantam quem delas se aproxima. Tive o privilégio de conhecê-las em 2012 e de lá para cá só aumentou a admiração que lhes tenho! Incitando paz, equilíbrio e autoconhecimento nas pessoas. Obrigada por assim fazê-lo a mim também!

Obrigada Rodrigo de Oliveira, por transmitir serenidade, força e otimismo. Essa dissertação deve muito as tuas palavras de incentivo! Obrigada Aline Heck, Adeli Braun, Michele Engelmann, Angélica Weimann, Paula Indicatti, Eliane Tozin, Maristela Noeli Johansson, Vanice Vogt, Anelise Holz, Fabiane Klein, Rafaela M., Thaís e Marciane amigas do Ensino Fundamental e/ou Médio e aquém. Obrigada especialmente à Zuleica Kraemer, amiga e parceira de universo acadêmico.

Obrigada Deusamar, Leomir e Deuzilene, lhes considero minha família em São Luís-MA! Deusa, obrigada por me acolher em um momento de precisão, e por tantos sorrisos compartilhados! Leomir, obrigada pelo tempo de convivência, pelo carinho e presteza! Deuzilene, obrigada pela alegria, candura e companheirismo! Obrigada também a Raimunda Reis, Anacleto e Lu, amigas que a Deuzilene “me deu”!

Obrigada Samuel Malheiros e Fabiano Araújo, outrora vizinhos, hoje amigos imprescindíveis. Vossa integridade e prestatividade me inspiram. Ter vocês por perto me transmite paz, confiança e alegria!

Lamento por algum nome esquecido, justifico dizendo que meu coração é maior do que minha memória. Então, obrigada à você, que por ventura não nomeei!

RESUMO

Esta dissertação se insere nos debates acerca das transformações no mundo rural contemporâneo, discutindo o processo de modernização tecnológica e especialização produtiva experimentada por agricultores familiares, através da pesquisa etnográfica realizada na comunidade da Vila Sírío, município de Santo Cristo, estado do Rio Grande do Sul. O município de Santo Cristo é atualmente o maior produtor de leite no Rio Grande do Sul e um dos principais do Brasil (IBGE, 2015), cuja produção começou a se destacar no início dos anos de 1990, tendo por base a agricultura familiar. Comumente se atribui a agricultura familiar características como o policultivo e baixos níveis de produtividade, aspectos que no caso de Santo Cristo vêm se modificando, com a especialização na produção de leite e ganhos de produtividade, com a introdução crescente de insumos tecnológicos (ordenhadeiras, tratores, seleção genômica, insumos químicos, etc.) tornando a agricultura familiar do município um caso paradigmático de competitividade na produção leiteira (SOUZA, 2011). A partir do estudo desse caso, procuro descrever esse processo de modernização tecnológica, discutindo suas implicações para a reprodução das famílias envolvidas na atividade leiteira, privilegiando para tal a narrativa dos agricultores/as.

Palavras-Chave: Agricultura familiar. Modernização agrícola. Produção de leite.

ABSTRACT

This dissertation is part of the debates about the transformations in the contemporary rural world, discussing the process of technological modernization and productive specialization experienced by family farmers, through the ethnographic research carried out in the community of Vila Sírío, city of Santo Cristo, state of Rio Grande do Sul. The city of Santo Cristo is currently the largest dairy producer in Rio Grande do Sul and one of the main ones in Brazil (IBGE, 2015), whose production began to stand out in the early 1990s, based on family farming. Characteristics such as polyculture and low levels of productivity are commonly attributed to family farming, which in the case of Santo Cristo have been changing, with specialization in milk production and productivity gains, with the increasing introduction of technological inputs (milking machines, tractors, Genomic selection, chemical inputs, and among others), making family farm a paradigmatic case of competitiveness in milk production (SOUZA, 2011). From the study of this case, I try to describe this process of technological modernization, discussing its implications for the reproduction of the families involved in the dairy activity, privileging for this the narrative of the farmers.

Keywords: Family agriculture. Agricultural Modernization. Milk production.

LISTA DE QUADROS E IMAGENS

Quadro 1- Propriedades sociais e materiais dos interlocutores.....	36-37
Quadro 2- Relação do trato bovino.....	71
Imagem 01- Vacas adentrando a chamada sala de ordenha, na propriedade 3.....	14
Imagem 02- Pórtico de entrada da cidade.....	21
Imagem 03- Tanque de refrigeração de leite na propriedade 5; Vista interna do tanque com leite, da propriedade 1.....	61
Imagem 04- A sala de ordenha em três propriedades. Propriedade 2, 3, 5.....	64
Imagem 05- Caderneta/cartão de leite; Freteiro mensurando os litros com uma régua de inox, na propriedade 1.....	68
Imagem 06- Extrato de pagamento do leite ao produtor, da propriedade 2.....	68
Imagem 07- Monte de silagem na propriedade 1; Vacas comendo silagem na propriedade 5.....	71
Imagem 08- Lembrete apregoado na parede quanto aos procedimentos necessários para a ordenha, na propriedade 1.....	74
Imagem 09- A estrutura da sala de ordenha das 4 propriedades.....	75
Imagem 10- Gado sendo alimentado na propriedade 5. Pelo tamanho visual dos úberes podemos verificar que a foto ocorreu no momento anterior a hora da ordenha.....	78
Imagem 11- Placa de trânsito entre a propriedade 2 e 3, em estrada rural; Gado na pastagem de aveia na propriedade 1(casa dos meus pais); Gado entre o galpão do trato e a sala de ordenha na propriedade 2; Gado na sala de ordenha, na hora desta, propriedade 3; Gado também na sala de ordenha, na hora desta última, propriedade 4; Gado no galpão do trato, na propriedade 5.....	74
Imagem 12- Filha auxiliando nas tarefas da propriedade 1; Filha auxiliando na ordenha da propriedade 3.....	83
Imagem 13- A ordenha nas cinco propriedades pesquisadas.....	85
Imagem 14- Alimentação das vacas pós-ordenha, na propriedade 2.....	95
Imagem 15- A sala de ordenha, na propriedade 3.....	99
Imagem 16- A sala de ordenha, na propriedade 4.....	104
Imagem 17- Vacas sendo alimentadas, na propriedade 5.....	106
Imagem 18- Poste de piquete, com bambu e arame liso, na propriedade 1.....	110
Imagem 19- Bezerros e vacas e novilhas, na propriedade 1.....	113

LISTA DE TABELAS, MAPAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Evolução do n ^o de vacas ordenhadas e da produção de leite em Santo Cristo.....	26
Tabela 2 – Área plantada com lavouras temporárias em Santo Cristo – 2015.....	27
Tabela 3 - Tarefas relativas à ordenha.....	80
Mapa 01 - Localização da Vila Sírío (distrito) em relação ao município (Santo Cristo), ao estado (Rio Grande do Sul) e ao país(Brasil).....	22
Mapa 02 - Comunidades de Santo Cristo e cidades vizinhas.....	23
Gráfico 01 - Evolução do n ^o de vacas ordenhadas e da produção de leite em Santo Cristo – 1980 a 2015.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRF- Brasil Foods S.A.

CBT- Contagem Bacteriana Total

CAPES - Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCH - Centro de Ciências Humanas

CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada

CCS- Contagem Células Somáticas

CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DESOC- Departamento de Sociologia e Antropologia

EMATER/RS - Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

FEE - Fundação de Economia e Estatística

GEPTS - Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Sociedade

GERUR - Grupo de Estudos Rurais e Urbanos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IN 51- Instrução Normativa 51

IN 62- Instrução Normativa 62

LBR - Lácteos Brasil

PLANAF- Plano Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PIB- Produto Interno Bruto

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PROVAP- Programa de Valorização do Pequeno Agricultor

MDA- Ministério do Desenvolvimento Agrário

MDS- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MAPA- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

NECON - Núcleo de Estudos contemporâneos

RS- Rio Grande do Sul

SDR- Secretaria de Desenvolvimento Rural

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

“ABRINDO AS PORTEIRAS”: CONSIDERAÇÕES INICIAS.....	14
A AGRICULTURA DE SANTO CRISTO EM FOCO.....	21
CAPÍTULO 1- “A PATY ESTÁ FAZENDO PESQUISA”: “UMA ESTRANHA NO NINHO” E/OU ESTRANHANDO O FAMILIAR.....	20
1.1 As motivações para o tratamento do tema de estudo.....	38
1.2 O processo de problematização e definição do objeto de estudo a partir de reflexão teórico- metodológica.....	42
1.3 Breves notas sobre a etnografia e o <i>estar lá</i>	50
CAPÍTULO 2 - “TOCANDO AS VACAS”: A AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTO CRISTO E A PRODUÇÃO DE LEITE.....	59
2.1 A necessidade (?) de modernizar o campo: algumas ponderações sobre o desenvolvimento agrícola.....	60
2.2 A agricultura de Santo Cristo: exíguas considerações sobre as <i>rupturas e continuidades</i>	71
2.3 “Hoje tudo é mais com maquinário”: a rotina do trabalho com a pecuária bovina na Vila Sirio.....	72
CAPÍTULO 3 – “HOJE SE TU PRODUZIR POUCO NÃO CONSEGUE SE MANTER”: PERCEPÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS DA AGRICULTURA E A MODERNIZAÇÃO TÉCNICA.....	86
3.1 Breves apontamentos sobre a modernização agrícola na literatura.....	87
3.2 O que os (as) agricultores (as) da Vila Sirio dizem sobre as mudanças na agricultura e a modernização técnica?.....	92
3.2.1 A propriedade 2: Sr. ^a Lia e Sr. Rodolfo.....	94
3.2.2 A propriedade 3: Sr. ^a Zuleica e Sr. Lucas.....	97
3.2.3 A propriedade 4: Sr. ^a Mônica e Sr. Eduardo.....	102
3.2.4 A propriedade 5: Sr. ^a Amábile e Sr. Wendson.....	104
3.2.5 A propriedade 1: Sr. ^a Teresinha (mãe) e Sr. Aristeu (pai).....	108
NOTAS FINAIS.....	111

“FECHANDO AS PORTEIRAS”: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	121
ANEXOS.....	129

“VIVEMOS DESTA RENDA”: A AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTO CRISTO-RS E AS COMPLEXIDADES DA INTENSIFICAÇÃO PRODUTIVA DO LEITE.

“ABRINDO AS PORTEIRAS”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Imagem 01- Vacas adentrando a chamada sala de ordenha, na propriedade 3.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Esta dissertação de mestrado baseia-se em um estudo etnográfico sobre o processo de intensificação da produção de leite, na agricultura familiar, da comunidade da Vila Sírrio, no município de Santo Cristo-RS. Nela procuro analisar as transformações objetivas pelas quais a agricultura familiar dessa região vem passando, ao mesmo tempo em que busco compreender a visão que os próprios agricultores(as) possuem acerca desse processo de modernização da produção e de especialização gradativa.

A pesquisa empírica foi realizada de março até a primeira semana de agosto de 2016, bebendo em diversas fontes bibliográficas, especialmente da Sociologia Rural, e aliando-as a pesquisa etnográfica e seus variados instrumentos de coletas de dados. Objetivo, portanto, responder minha questão sociológica de pesquisa, que foi formulada nos seguintes termos: 1 – Há a constatação de um processo de transformação da agricultura familiar em Santo Cristo; 2 – Esse processo de transformação está relacionado com a especialização desses/as agricultores/as na produção leiteira; 3 – Quais, então, são os efeitos desse movimento de

especialização na organização produtiva dos/as agricultores/as familiares de Santo Cristo e qual a concepção deles sobre isso?

Nesse sentido, assim que concluí os créditos das disciplinas do primeiro ano do curso de mestrado (2015), me desloquei para a região de estudo no Rio Grande do Sul, de forma a começar o trabalho de campo. Embora o respectivo *lócus* de investigação seja literalmente familiar (minha cidade natal), o compromisso de fazer uma pesquisa científica pesou desde então. A necessidade de tornar o familiar em exótico, bem como as dificuldades de objetivar uma realidade que me *é/era* tão próxima, logo saltou-me aos olhos.

Uma das formas que encontrei para enfrentar os impasses foi estruturar um trabalho de campo cunhado substancialmente na ética e no rigor metodológico. Em outras palavras, procurei explicar e deixar bastante claro para os entrevistados o motivo de estar ali, o que eu procurava analisar, e segui o roteiro previsto para a observação etnográfica e a realização das entrevistas. Para complementar as informações obtidas com as entrevistas e as observações, solicitei aos/as agricultores/as o preenchimento de um questionário, com questões de natureza quali-quantitativas (vide anexo).

Havia da minha parte um olhar, em primeira instância, preocupado com a operacionalização epistemológica e, por conseguinte pragmática¹ da pesquisa. Da mesma forma que a maioria das pessoas não entendem o que faz um pesquisador de Ciências Sociais, também senti dificuldade em explicar qual o significado das questões que queria investigar, uma vez que para meus/minhas interlocutores (as) não havia nada de novo para eu conhecer, considerando a intimidade que tinha/tenho com este espaço rural (berço de minha infância e adolescência). Inicialmente pensavam que eu estava cursando Medicina Veterinária ou Agronomia dado meu interesse em acompanhar o trabalho com a pecuária leiteira, especialmente na hora de ordenhar² as vacas.

Se, por um lado, havia/há tal dilema de familiaridade demasiada, por outro não tive nenhuma “porteira” fechada, o que foi importante para o desenvolvimento desta pesquisa relativamente curta em termos temporais, considerando o tempo do curso de mestrado, e a necessidade de conciliar disciplinas, trabalho empírico, operacionalização de dados, revisão bibliográfica e a escrita propriamente dita. Esta dissertação resulta, portanto, de um

¹ Epistemológico e pragmático são coisas diferentes. Pragmático aqui diz respeito a questões operacionais da pesquisa, enquanto epistemológico refere-se às questões relativas à dimensão problemática do conhecimento, ou seja, a reflexão sobre meus instrumentos de conhecimento.

² Assim é denominado o ato de extrair o leite das vacas, que no *lócus* em questão já é mecanizado. Mas nem sempre foi assim, o que será desenvolvido no decorrer deste trabalho.

amadurecimento teórico e de uma abertura para problematizar aquilo que para mim, antes, parecia ordinário.

Na verdade há um elemento que foi crucial para a escolha deste tema e desta delimitação. Debruçada sob os estudos do meio rural desde meados da graduação, sempre me incomodou, de modo geral, algo que aparece recorrentemente nos estudos que abordam a agricultura camponesa ou familiar, a saber a romantização que se faz sobre o trabalho na atividade agropecuária. Muitos teóricos, a partir de uma visão totalmente externa à realidade observada, criticam a modernização tecnológica da agricultura, que, a partir de políticas governamentais, estimulou a utilização intensiva de insumos externos, de natureza mecânica (máquinas e implementos) ou química (adubos e agrotóxicos) por diferentes agentes no campo. Como filha de agricultores que sou, e vivendo no meio rural até os 17 anos de idade (1992-2009), acompanhei de perto as agruras de trabalhar no campo, vi e continuo vendo as dificuldades enfrentadas pelo trabalho manual (em termos de esforço físico), e a luta³ que é fazer agricultura em um país que privilegia o latifúndio e a grande empresa agropecuária.

Portanto, antes de demonizar a modernização tecnológica da agricultura e a consequente especialização produtiva, considero pertinente analisar esse processo a partir das representações que os próprios agricultores(as) fazem sobre tal, procurando contextualizá-las com a situação vivenciada, de forma a compreender suas estratégias de reprodução socioeconômica. Não estou querendo com isso glorificar qualquer processo que seja, o que quero é dar voz aos agentes e trazer, mesmo que seja sumariamente, a complexidade do processo em questão.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, não apenas por questões de norma, mas também para aprofundar detalhes específicos em cada um deles, embora estejam articulados. No primeiro passo desta caminhada dissertativa, vulgo capítulo um, exploro questões de cunho metodológico e epistemológico, ou seja, elaboro reflexões sobre o impasse de pesquisar em um meio totalmente familiar e o exercício de estranhá-lo, utilizando para tal o método etnográfico. Problematizo também o porquê desta escolha e como a base teórica patrocinada pelo curso de mestrado auxiliou nesse sentido. Reflito, ainda, sobre as dificuldades de materializar na escrita as observações do campo empírico. A incursão etnográfica, ainda que em um espaço familiar, é carregada de surpresas e contratemplos, que

³ Os latifundiários também fazem agricultura e para eles isto não é uma luta, ao passo que dispõem de mais capital econômico e cultural. A dificuldade, neste caso, refere-se à reprodução social enquanto agricultor(a) familiar ou então à dificuldade de fazer agricultura de modo familiar, diante dos intempéries climáticas e/ou sociais, como migração dos filhos/as para os centros urbanos. A terminologia luta, neste caso, é compreendida no sentido de reprodução da família e continuação do ethos camponês (TEDESCO, 1999).

por seu turno estimulam o/a pesquisador/a a operar um exercício de autoanálise – constante – e a empreender esforços para expandir seu respectivo horizonte teórico.

No segundo passo – capítulo dois – apresento como é a agricultura de Santo Cristo, especialmente na comunidade da Vila Sírío, isto dentro das minhas percepções etnográficas (que por suposto são limitadas) e com o auxílio de dados secundários. Pondero também, sumariamente, sobre o desenvolvimento agrícola e a agricultura em escala local. Através de imagens e descrições demonstro como é a estrutura das propriedades especialmente a questão relativa a tecnologia e as tarefas diárias ligadas a pecuária de leite.

Costumo buscar inspiração em Geertz (2013), que por sua vez criticou a Antropologia abstrata e distante da realidade, esta última empregada por alguns de seus colegas. O primor de seu método é anotar e interpretar o discurso social de seus pesquisados. Este autor advogou em prol de uma Antropologia interpretativista, cujo método por excelência seria a observação participante. Mas, para além de um método, ele foi proponente crítico de um esquema analítico com fortes bases epistêmicas, desenvolvendo extensivas pesquisas de campo, característica que segundo tal lhe dava certa autoridade, pelo menos em relação aos teóricos exclusivamente de gabinete.

Embora os recortes de discurso que apresento tenham uma seleção, um crivo delimitante, ainda sim, acredito que este trabalho dissertativo contribui mais do que aqueles essencialmente teóricos, que por seu turno trazem substancialmente a visão do pesquisador sobre a modernização da agricultura. Como no artigo de Silva e Vieira (2015), no qual se analisa a modernização e intensificação da produção leiteira em Piracanjuba/Goiás sob um prisma econômico, destacando a vulnerabilidade e a perda da autonomia dos agricultores. Problematizo o trecho que segue:

Na pecuária moderna, as vacas são ordenhadas pelo menos duas vezes ao dia, estendendo-se a jornada para além de 12 horas. Movimentam-se diariamente toneladas de alimentos volumosos e concentrados, debaixo de chuva e sol, de domingo a domingo, de forma ininterrupta. Não se guardam mais os dias santos, sequer a Sexta-Feira da Paixão, dia em que, tradicionalmente, tudo parava no campo. O aumento na escala de produção gerou um ritmo de trabalho acelerado e intenso, semelhante ao de uma indústria; os modernos sistemas de produção são, na verdade, sistemas industriais. (SILVA; VIEIRA, 2015, p. 95)

Ao ler esse trecho, caso não conhecesse como ocorre a produção leiteira, pensaria que a penosidade de tal atividade assemelha-se à escravidão. Em Santo Cristo, as vacas são

ordenhadas apenas duas vezes ao dia, e não pelo menos duas vezes. Não sei como essas 12 horas foram mensuradas, mas em meu campo empírico, os agricultores iniciam o trabalho e param ao seu tempo, especialmente próximo a hora do almoço, no cochilo da tarde ou caso ocorra alguma visita. Eles mantêm um horário habitual de ordenha considerando o conforto térmico⁴ dos animais, como exploro mais no segundo capítulo. Outrossim, caso haja algum contratempo, iniciam mais tarde ou mais cedo, por exemplo, se houver um temporal.

A ordenha, de fato, ocorre de domingo a domingo, mas, o desenvolvimento dessa prática com essa regularidade pode ser relacionada mais com uma preocupação relativa à saúde animal do que com um esforço para alcançar maior patamar de produtividade. “De baixo de chuva e sol, interruptamente”, avalio imprecisamente, pelo menos em Santo Cristo os horários das refeições e do sono são salvaguardados, bem como o lazer do domingo. No verão, nos horários de pico do sol, das 12 às 16 horas, geralmente não se trabalha ou se trabalha no galpão⁵ (ou seja, na sombra).

Ainda se guardam os dias santos, no caso dos católicos, fazendo somente os serviços indispensáveis e guardando os mais dispendiosos para o outro dia. Faz-se jejum, e o rádio que sempre está ligado no galpão, durante o trabalho, nesse dia é desligado, para respeitar o silêncio requerido pelo dia santo. Quanto ao “ritmo de trabalho acelerado” não vejo como exclusividade da especialização produtiva do leite, inclusive como aprofundo na sequência, meus interlocutores destacam que o trabalho era muito mais desgaste outrora. Não percebo a produção de leite em Santo Cristo, operada pelos agricultores, enquanto um sistema industrial, ao passo que a mão de obra é essencialmente familiar, não se verificam relações de

⁴ Esse termo significa exatamente o sentido etimológico de suas palavras. Os agricultores sabem que as vacas leiteiras sob estresse calórico malbaratam desempenho produtivo, sanitário e reprodutivo. O Sr. Lucas e a Sr^a Zuleica manifestaram, por exemplo, na entrevista, que tem ganas de comprar ventiladores para a sala de ordenha, para melhorar o conforto animal no verão. Ao invés de destacarem seu conforto, o bem estar animal aparece antes do seu próprio, nos discursos. A questão de maus tratos animais é complexa e não pretendo entrar nesse mérito, mas é comum ouvir dos agricultores que *“as vacas vivem melhor do que nós”*. Um exemplo paradigmático disso, eu observei na propriedade 5, onde a casa velha/antiga contrasta com uma sala de ordenha altamente tecnificada. Os agricultores trabalham com um sistema de “leite a pasto”, o que significa menos confinamento e mais mobilidade também.

⁵ Galpão, no dialeto alemão *“Schob”*, é uma construção/ benfeitoria, usualmente de madeira, para guardar ração, equipamentos, medicamentos e com espaço para os animais pernovernarem (geralmente os bezerras, pois as vacas costumam ficar na pastagem). Uma espécie de casa para os animais, no sentido mais ilustrativo do termo. Esse espaço do galpão, também chamado de estrebaria, é onde ocorre a ordenha nas propriedades que ainda não possuem a *sala de ordenha*. A estrebaria, *“Kuhstall”*, tem divisórias com cochos (individuais, parecido com uma caixa) para colocar o alimento. Usualmente tem uma porta de entrada e uma de saída, para manejar, no caso da ordenha, os animais que já foram ordenhados, já que tal processo é feito em duas ou até três “levas”. A sala de ordenha, por seu turno, tem uma estrutura de nivelamento arquitetada justamente para a extração de leite, como será explorado no segundo capítulo. Em tempo vale destacar que o galpão tem seu respectivo formato de acordo com os fins produtivos de cada propriedade. No tempo que os agricultores não compravam as sementes, por exemplo, boa parte dessa estrutura era reservada para guardá-las de um ano ao outro. Esta última informação tenho através de relatos dos meus interlocutores.

subordinação do trabalho em relação ao capital, e ainda, a principal motivação dos trabalhadores rurais segue sendo, desde os tempos remotos, a preocupação com o bem estar da sua respectiva família (CHAYANOV, 1974).

Concordo que a especialização produtiva tem aspectos negativos⁶, mas não somente isso. As variáveis econômicas precisam ser consideradas, contudo, enquanto pesquisadores sociais, que o façamos sobrelevando as representações dos próprios agentes sobre a atividade realizada, procurando compreender o que os fez investir em tal atividade, quais suas estratégias de reprodução e permanência. Nesse sentido, ainda que com diversas lacunas, o presente trabalho é importante uma vez que trás elementos para além de uma discussão essencialmente teórica. Não estou, com isso, desprezando trabalhos desse feitio, outrossim ressaltando que o presente trás uma espécie de bônus analítico.

No terceiro passo, capítulo 3, já caminhando para o final do trabalho, por vezes cambaleante e ainda com diversos elementos pouco explorados até então, reflito sobre o espaço rural e suas múltiplas facetas, sendo ele mais do que um espaço de produção, é também morada. Sobre ele e sobre a modernização da agricultura há concepções distintas, razões de ordem técnica, prática e social. No subtítulo ‘O que os(as) agricultores(as) da Vila Sírío dizem sobre as mudanças na agricultura e a modernização técnica’ problematizo o que estes agentes, situados na base da cadeia produtiva do leite, tem a dizer sobre o trabalho cotidiano nessa atividade e as mudanças percebidas por eles/as nas últimas duas décadas, especialmente sobre a inserção de novas tecnologias relacionadas com a mecanização da produção do leite. Considero esta a principal contribuição do meu trabalho, uma vez que emprega esforços no sentido de trazer os discursos que os agricultores/as têm a respeito de um processo que lhes afeta no dia a dia.

Em contraponto aos autores clássicos, como Kautsky(1968), que apregoava a subordinação da agricultura e do camponês à indústria, e Lênin (1982) que destacava o fim do campesinato, ora relevo que o modo de produção agrícola, tal como visualizado na Vila Sírío, tem se modificado consideravelmente, mas parece bem longe da extinção e da perda total de

⁶ Segundo apontado por Souza; Buainain (2013) a agricultura familiar pode ser competitiva e representativa no mercado, principalmente quando se especializa em determinado produto como o leite. Reconheço a especialização produtiva no campo, por sua vez, como um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que gera uma renda mensal (pensando o caso do leite, porque no caso dos grãos é a safra), também provoca certa perda de autonomia dos agricultores/as, uma vez que a passagem do policultivo(s) para o monocultivo(s) traz consigo adoção de insumos “modernos”, que embora sejam um facilitador, também deixam o agricultor mais dependente das oscilações do mercado (por exemplo, quando um agricultor deixa de preparar o seu próprio adubo orgânico e passa a comprar única e exclusivamente adubo mineral).

autonomia, me aproximando por sua vez, das concepções de agricultor/camponês⁷ resiliente e “adaptável” de Lamarche(1993), Moura (1988), Wanderley (2009), Shanin (2005), entre outros.

Embora não seja da minha alçada, enquanto socióloga, fazer previsões, acredito que a agricultura de Santo Cristo continue, muitas vezes em diálogo constante com as demandas do mercado e neste ínterim se capitalizando e empreendendo esforços para garantir certa qualidade de vida para sua respectiva família, por vezes requerendo suporte do Estado e suas políticas públicas.

As crises foram e são recorrentes nesta minha caminhada. Quando me refiro a esse termo – crise –, que, aliás, também está assolando o presente escrito, estou conjecturando sobre as dúvidas que se instauraram a respeito das escolhas analíticas, referentes ao lócus empírico, ao problema de pesquisa, a bibliografia norteadora, enfim, há uma série de questionamentos pessoais sobre o desafio de executar e ainda transportar ao papel uma pesquisa, cuja magnitude necessita ser condizente ao grau de pós-graduação. Será que o esquema analítico que escolhi é compatível com meu problema de pesquisa? A pesquisa tornou-se exitosa, tendo em vista meu vínculo emotivo com os pesquisados/as? O que é êxito para as Ciências Sociais? Como controlar, com eficácia, essa conexão sensível? Muitas dúvidas e inseguranças acompanharam esse escrito, mas também há um comprometimento com o fazer científico e suas exigências metodológicas e epistemológicas.

Percebi a necessidade de observar e interpretar densamente todos os elementos que compõem meu objeto de pesquisa, na intenção de construir uma espécie de leitura dos significados que estão por trás das ações visíveis, buscando compreender “o que está sendo transmitido com sua ocorrência e através de sua agência” (GEERTZ, 2013, p. 8), a exemplo do famoso caso das piscadelas relatado por Geertz. Embora reconheça minha imaturidade teórica, esta dissertação foi orientada por essa aspiração. Bourdieu (2004), por seu turno, é proponente da vigilância epistemológica. Quando penso neste autor faço-me a seguinte indagação: - Estou adotando uma postura crítica e me empenhando em romper com o senso comum? Esse questionamento perturbador acompanhou cada linha do presente escrito, e alfinetou cada conclusão. Se pedissem para definir o presente trabalho em duas palavras, o faria da seguinte forma: reflexivo e descritivo.

⁷ A discussão sobre a conceitualização do que seja um camponês é extensa (e polêmicas sobre a persistência de um campesinato tradicional e autônomo e a visão da inserção direta do mercado nos produtos da agricultura familiar) não sendo possível esgotá-la aqui. Compreendo camponês e agricultor enquanto sinônimos, juntamente com as terminologias de colono, trabalhador, produtor rural e homem do campo. Essa postura é apenas uma opção teórica entre as muitas correntes existentes.

A AGRICULTURA DE SANTO CRISTO EM FOCO



Imagem 02- Pórtico de entrada da cidade.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1727822&page=4>
(Acessado às 03h41minh, dia 15.11.16)

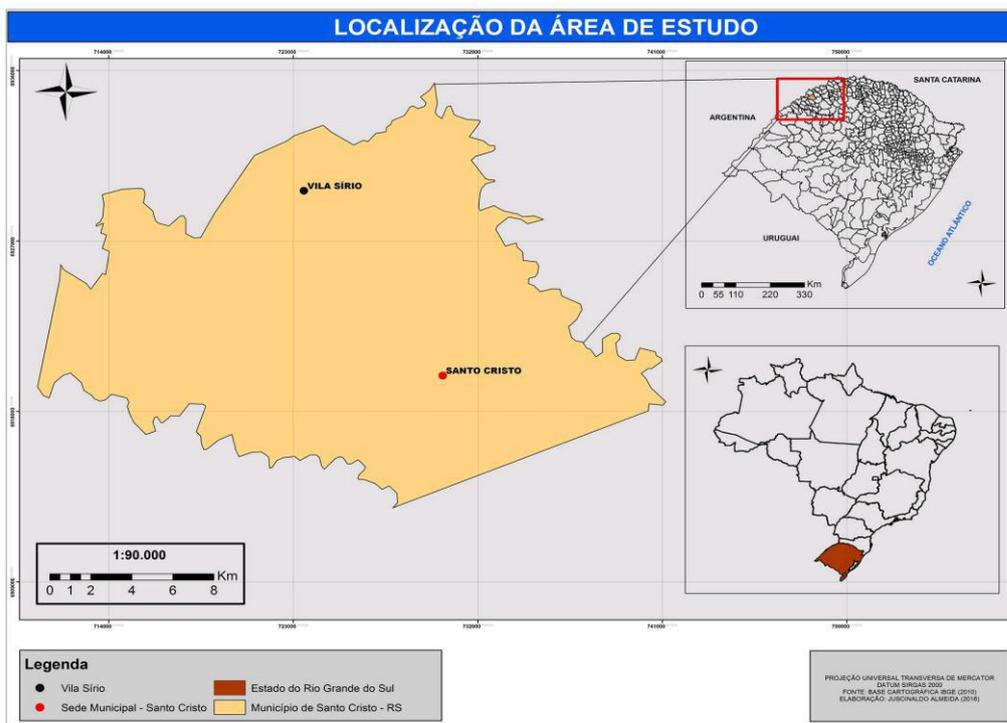
O universo empírico escolhido é o distrito de Vila Sírío, município de Santo Cristo, estado do Rio Grande do Sul, no qual há considerável produção leiteira realizada por agricultores (as) familiares, que, a partir da década de 1990 começaram a se especializar nessa atividade, realizando investimentos na mecanização de suas atividades agropecuárias, no melhoramento genético do gado, na nutrição animal e no aumento do plantel. Trata-se de uma unidade territorial cujas dimensões e a quantidade populacional são módicas. Santo Cristo está situada entre as cidades de Santa Rosa (a famosa “cidade da Xuxa”) e Alecrim, como podemos visualizar abaixo, no mapa 02.

Do perímetro urbano para a Vila Sírío são 13,9 km via RS-540⁸, o tráfego é tranquilo e a via é asfaltada, depois chão batido para chegar ao lócus empírico desta pesquisa. Na sede da Vila Sírío há a Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Teresinha, a Sociedade Ipiranga

⁸ Dados gerais do município: Lei e data de emancipação: Lei Estadual nº 2.602, de 28 de janeiro de 1955; Data de instalação: 1º de janeiro de 1956; Altitude média: 250 metros acima do nível do mar; Altitude dominante: 335 metros em Vila Sírío; Latitude: 55,30 ; Longitude: 28,30 ; Topografia: ondulada ; Área: 362,6 Km² ; Clima: temperado semi- úmido ; Precipitação pluviométrica: 1.997,90 mm ; Localização: Região Alto Uruguai e Micro Região do Grande Santa Rosa ; Limites: Sul- Cândido Godói, Norte- Alecrim, Leste- Santa Rosa e Tuparendi, Oeste- Porto Lucena ; Distância da Capital: 554 Km ; População : Urbana: 7. 283 Habitantes ; Rural: 7.607 Habitantes ; Crescimento Populacional: 0,26 (Censo 2000) Distâncias : Santo Cristo e Tuparendi – 18 Km; Santo Cristo e Santa Rosa – 18 Km; Santo Cristo e Cândido Godói – 24 Km ; Santo Cristo e Porto Lucena – 43 Km ; Santo Cristo e Porto Alegre – 544 Km. Fonte: <http://www.acisantocristo.com.br/historia.html>. Acessado em 23.01.2017, às 16 horas e 37 minutos.

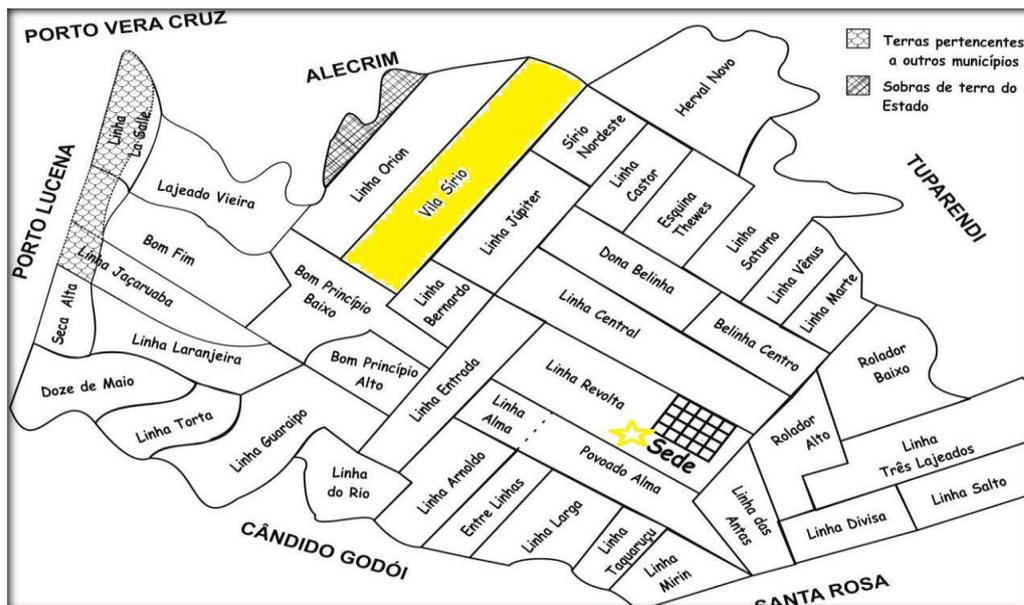
da Vila Sírío, academia ao ar livre, igreja católica e evangélica, posto de saúde, posto de gasolina, mercados, farmácia, correio, cemitério comunitário, agropecuária, enfim, podemos dizer que trata-se de um lugarejo equipado. O *lócus* da minha pesquisa, por sua vez, é a parte para além da sede. Algo que é marcante, especialmente para oriundos de grandes cidades, é o silêncio que perpassa os lugares, especialmente nas propriedades rurais. Nas propriedades o som predominante, como esperado, é o mugido do gado leiteiro (vacas, novilhas, bezerros e o touro) e nas respectivas horas da ordenha, o som dos equipamentos, especificamente da ordenhadeira e do resfriador.

O município de Santo Cristo, por seu turno, está situado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul (como podemos verificar no mapa 01), com seu núcleo urbano distando cerca de 520 km da capital gaúcha (a cidade de Porto Alegre). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE estima-se que atualmente o município tenha 14.767 habitantes, sendo que cerca de 45,9% (6.597) residem no meio rural e 54,1% (7.781) no meio urbano. Sua estrutura fundiária é majoritariamente composta por propriedades de 5 a 20 hectares, que se referem a 60,44 % dos estabelecimentos.



Mapa 01- Localização da Vila Sírío (distrito) em relação ao município (Santo Cristo), ao estado (Rio Grande do Sul) e ao país (Brasil).

Fonte: Elaborado por ALMEIDA, J.G (2016).



Mapa 02- Comunidades de Santo Cristo e cidades vizinhas⁹.

Fonte: Anexo do EDITAL DE CONCURSO Nº 001/2014- OBJETIVA CONCURSOS LTDA. (marcações em amarelo da autora).

Para quem transita no sentido Santa Rosa- Santo Cristo visualiza antes de chegar ao perímetro urbano um pórtico (imagem 02), cuja arquitetura dialoga com o fato da cidade ser oriunda de colônias migratórias de alemães, muitas pessoas já da terceira geração e além. Há uma inscrição, no sentido oposto ao da entrada: *Terra do homem da terra*. O perímetro urbano da cidade é entrecortado por uma via arterial denominada Dom Pedro II. Dois pontos turísticos que trazem diversos visitantes para a cidade são o Parque Aquático Lago Azul e o Hotel Fazenda Três Cascatas¹⁰.

Segundo Motter (2011) foi a partir de 1915 que se iniciou a colonização e a ocupação da região noroeste do Rio Grande do Sul, por imigrantes europeus e seus descendentes. Para ela, ainda, “a ideia de progresso, para os imigrantes, esteve associada à abertura de áreas agrícolas nas regiões de florestas nativas (...) substituição da vegetação nativa para a produção

⁹ Esse mapa é elucidativo em relação ao processo de colonização do município, porque as divisões são todas em retângulos e, na medida do possível, com acesso à água. Isso é característico da colonização no início do sec. XX (as colônias novas). Segundo relatório da Secretaria Municipal da Educação e Cultura (2009, p16) “Os (sic) primeiros lampejos da aurora da história de Santo Cristo raiaram em princípios deste século, quando o Dr. Harst Hoffmann, adquiriu do Governo do Estado a gleba rural, que compreendia o território de Santo Cristo, cabendo-lhe a adoção das providências iniciais com vista à colonização. Dita gleba rural denominava-se Colônia de Boa Vista, tinha Santo Cristo por sede, pertenciam ao município de Santo Ângelo e compunha-se de 1222 lotes rurais e área unitária de 25 hectares, incluídas as sedes de Santo Cristo e Boa Vista, esta à margem esquerda do Rio Amandaú. A colonização propriamente dita, teve início no ano de 1910, ano este em que a companhia colonizadora Riograndense, sediada em Porto Alegre, que adquirira do Dr. Horst Hoffmann a gleba em referência, incrementou a medição das terras (...)”.

¹⁰ Hotel Fazenda Três Cascatas, situado na Linha Revolta: (55) 99788783 e (55) 35410749; Lago Azul Parque Aquático (e Hotel), situado na Rua Prefeito Hartmann, 1497, Fone/ Fax: (55) 3541 2030, Celular: (55) 9973 5114.

agropecuária.” (MOTTER, 2011, p.7). Gerhardt (2014, p. 137) também considera que foi a presença e o trabalho dos colonos que criaram transformações socioambientais no RS, para este historiador o RS foi eleito “pela existência de condições ambientais favoráveis para acolher e sustentar a vida de numerosa população migrante, que se somou aos habitantes rio-grandenses ou substituiu os indígenas e os lavradores nacionais”.

Marmitt (2013, p.6), no que lhe concerne, fez uma investigação a respeito do turismo rural em Santo Cristo, para ela “o município tem como principal característica a agricultura familiar com traços da cultura alemã”. O chamado *Roteiro Turístico Doces Caminhos Germânicos no município de Santo Cristo*, é problematizado e apresentado em tal escrito como uma “estratégia de desenvolvimento rural” (ibidem), apesar de apresentar alguns dilemas. Sua caracterização do espaço socioambiental de Santo Cristo merece destaque também no presente escrito:

O município de Santo Cristo apresenta uma grande diversidade nas áreas rurais com a presença de balneários com áreas de camping, piscinas, churrasqueiras com amplo contato com a natureza, agroindústrias de bolachas, cucas, salgados, pizzas, lasanhas, laticínio, queijos, melado, açúcar mascavo, rapadura, processadora de frangos caipiras. Há também projeto de um abatedouro de suínos da agricultura familiar, cantinas de vinho, vários pesque pague, viveiros com produção de mudas frutíferas, folhagens e flores, artesanato, produção de alimentos e a maior bacia leiteira do estado (IBGE Pecuária, 2011). Ou seja, no município há lugares que merecem ser visitados seja pelos aspectos naturais e seja pela organização da agricultura nas propriedades do município. (MARMITT, 2013, p.11)

Para a autora sobrelevada, ainda “As(sic) primeiras famílias colonizadoras do município são de descendentes alemães e teve sua emancipação política em 1955. Esta colonização está visível no perfil dos habitantes que conservam o idioma e os costumes alemães” (ibidem, p.26). Ela destaca ainda que o município de Santo Cristo é substancialmente agrícola, e cunhada em informações cedidas pela EMATER¹¹ (Emater/RS-ASCAR), as propriedades rurais são pequenas, a grande maioria de até 20 hectares. Contudo, segundo tal, a fonte de economia preponderante do município seria o comércio, e depois a agricultura, afirmação que faz com base nos números do Produto interno bruto-PIB, fornecido pela prefeitura municipal.

Segundo Neuhaus (2001, p.8) em média 40% de todos “os Condomínios Leiteiros do Rio Grande do Sul se concentraram na Região Noroeste do Estado”, Santo Cristo faz parte, por sua vez, do que regional denominam como “*bacia leiteira do grande Santa Rosa*”.

¹¹ Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural : <http://www.emater.tche.br/site/>

Ainda sobre o processo histórico da colonização alemã que deu origem à cidade de Santo Cristo, vale frisar que:

A partir do século XIX o governo brasileiro começa a incentivar a imigração europeia na região noroeste do Rio Grande do Sul (...) Os colonizadores de Santo Cristo são na sua maioria descendentes de alemães católicos, oriundos das chamadas Colônias Velhas (...) a maior corrente migratória chegou a esta localidade entre os anos de 1915 a 1918 (COSTA, 2006, p.60 e 61).

O termo colônia, em Santo Cristo, é utilizado como sinônimo de meio rural. Colônia (ou sua variação no dialeto Hunsrückisch: *Kolonie*) e colono¹² (“*Kolonist*”) são termos presentes nos discursos diários. Em Santo Cristo se fala o referido dialeto, sendo que a maioria dos idosos o tem por idioma primevo e único, embora nascidos no Brasil. Há um orgulho nessa ascendência, inclusive muitos não se reconhecem como brasileiros, pois brasileiros são os outros, que não possuem origem alemã e não sabem falar alemão. O trabalho é tido como necessário e dignificante. Os agricultores de Santo Cristo consideram, em geral, que trabalho tem haver com “*pegar pesado*” e “*trabalhar no sol*”, serviços burocráticos, por exemplo, não seriam da mesma categoria de trabalho. Quanto mais judiado, mais honroso, porém não menos desgastante. É comum ouvir reclamações sobre dores na coluna e nas articulações. Não é incomum que os agricultores se automediquem nesse sentido.

Segundo o relatório do Programa Municipal de Agricultura Sustentável (Gestão 2013-2016), fornecido e realizado pela Secretaria Municipal da Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente de Santo Cristo, no que concerne ao gado de leite (dizem ter se baseado nos dados de 2011 do IBGE), o município ocuparia o 1º lugar na produção de leite no estado do Rio Grande do Sul, com 56.284.000 litros de leite por ano¹³. Ainda segundo essa mesma fonte de informação, Santo Cristo teria um total de 1.460 produtores dedicados à produção de leite e um rebanho de 17.480 de vacas ordenhadas, alcançando o quarto lugar na produtividade leiteira no estado, com uma média de 3.220 litros de leite/vaca/ano.

No gráfico a seguir apresento a evolução da produção de leite (em mil litros) e do número de vacas ordenhadas em Santo Cristo/RS entre 1980 e 2015. A partir dele é possível verificar que o incremento da produção leiteira municipal ocorreu a partir de 1989, quando a

¹² Segundo Heck (2003, p.28): “O termo colono é empregado corriqueiramente pelo agricultor de Santo Cristo/RS para se autodenominar. No significado que emprega fica saliente que expressa um sentimento de igualdade dentro daquele espaço social. (...) Parece que a identidade que expressam se relaciona com a forma de organização econômica e familiar, de participação comunitária (igreja, escola) e de trabalho com a terra, da qual depende o sustento da família e dá-lhes credenciais para serem enquadrados como colono”.

¹³ De acordo com dados do Censo Agropecuário de 2006, Santo Cristo é o município do Rio Grande do Sul com a maior produção de leite e o 48º em todo o Brasil, com uma produção naquele ano de 32.080.000 de litros de leite.

produção de leite municipal atingiu a quantidade de 12.323 mil litros/ano. Esse crescimento contínuo da produção de leite só sofreu interrupção em 2007, mas, se recuperou logo em seguida para alcançar a marca de 64.551 mil litros/ano.

Outro aspecto que deve ser observado e que serve de indicador para a observação do processo de modernização da produção de leite é o aumento da produção de leite por vaca, que, como pode ser visualizado na tabela 01, duplicou entre as décadas de 1980 e 2000 e quase quadruplicou no período 1980 a 2015.

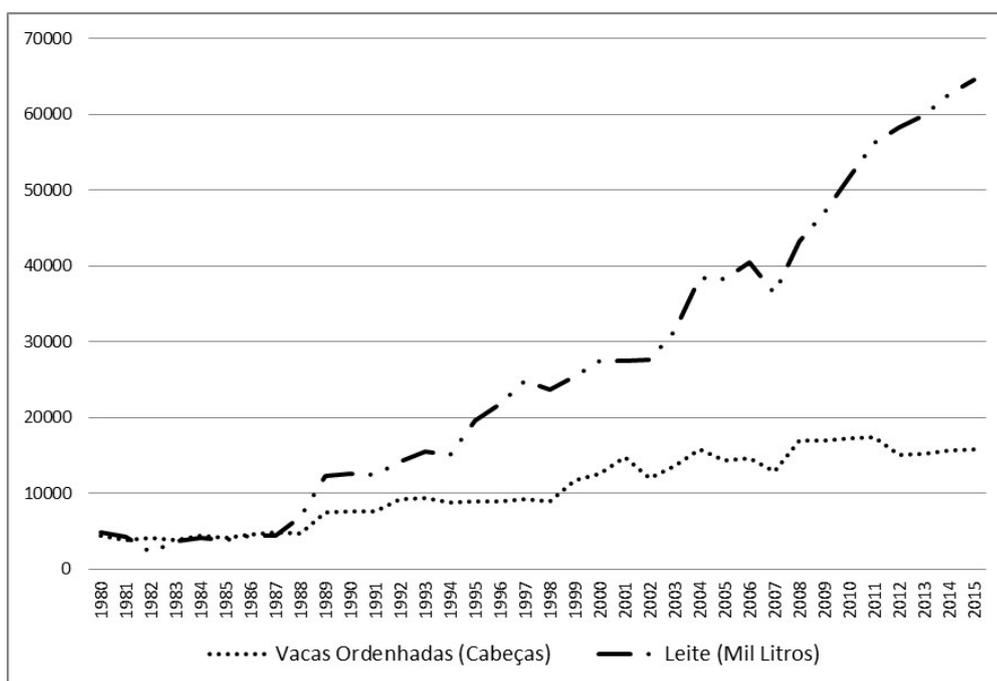


Gráfico 01- Evolução do nº de vacas ordenhadas e da produção de leite em Santo Cristo – 1980 a 2015.
Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE.

Anos	Vacas ordenhadas	Leite coletado (em litros)	Média de litros por vaca
1980	4.392	4.808.000	1.094,71
1990	7.655	12.659.000	1.653,69
2000	12.522	27.549.000	2.200,04
2010	17.319	51.699.000	2.985,10
2015	15.800	64.551.000	4.085,50

Tabela 01- Evolução do nº de vacas ordenhadas e da produção de leite em Santo Cristo.
Fonte: 1980 a 2015- IBGE.

Quanto à atividade agrícola, as principais lavouras temporárias no município, de acordo com o último levantamento do IBGE sobre a Produção Agrícola Municipal,

correspondem ao plantio de soja, milho e trigo, conforme tabela 02. Vale destacar que a produção de milho é destinada para a produção de silagem, que por sua vez constitui a base alimentar do gado de leite, como será explicado mais no próximo capítulo.

Lavouras temporárias	Área plantada (Hectares)
Cana-de-açúcar	150
Milho (em grão)	3.000
Soja (em grão)	9.800
Feijão (em grão)	175
Mandioca	1.500
Trigo (em grão)	2.000
Outros Produtos	174
Total	16.799

Tabela 02- Área plantada com lavouras temporárias em Santo Cristo – 2015.

Fonte: Produção Agrícola Municipal – IBGE.

Dados da prefeitura municipal de Santo Cristo apontam também que partir de 1990 as atividades da bovinocultura de leite e da suinocultura, em escala industrial, se estabeleceram como as principais atividades econômicas do município, em contraposição a agricultura diversificada de subsistência e a produção comercial de grãos (feijão) e banha¹⁴ (1930-1950). Anteriormente, de 1950 até 1970, houve a comercialização do suíno vivo, de derivados do leite como a nata e a manteiga, e a partir de 1959 ocorreu o estabelecimento de linhas de leite. Já de 1970 até 1990 desenvolveu-se a implantação da monocultura do trigo e da soja mecanizada¹⁵. Todo esse processo, situado em Santo Cristo-RS, acompanhou a denominada *Revolução Verde*¹⁶.

Embora a produção de leite seja a produção mais expressiva do município, presente orgulhosamente nas falas dos representantes dos principais órgãos governamentais locais, há também, segundo o supracitado relatório da Secretaria Municipal da Agricultura, uma importante presença da criação de suínos, da produção de cereais, de agroindústrias de processamento de melado (derivado da cana de açúcar), vinho, frango, mudas de árvores

¹⁴ Gordura de origem animal (porco), utilizada para fins culinários.

¹⁵ A fonte dos dados advém de publicações/coletâneas/pesquisas da Secretaria Municipal da Educação e encontram-se disponíveis na Biblioteca Pública Municipal, que funciona junto a Prefeitura Municipal (Centro Cultural) de Santo Cristo-RS.

¹⁶ O início da modernização agrícola ocorreu em torno do ano de 1960, com a conhecida *Revolução Verde* que se caracterizou pela proposição de um “pacote tecnológico” composto de crédito, assistência técnica e maquinário, encabeçado pelo grande capital econômico do país, e difundido pelos serviços de extensão rural, no qual o Estado teve participação fundamental, subsidiando financeiramente este processo. Tal movimento impulsionou a tecnificação do campo, e a adoção de *commodities* em detrimento das policulturas fornecedoras de alimentos.

frutíferas, polvilho (derivado da mandioca), queijo e derivados do leite (como a nata), conservas, mel, peixe e filé de peixe, erva mate, polpa de sucos, defumados, ovos, hortaliças, frutas, tubérculos, rosas e artesanato.

A especialização leiteira e a intensificação produtiva observadas em Santo Cristo estão relacionadas com o processo mais amplo de modernização da agricultura que atingiu todo Brasil, em diferentes níveis regionais. Graziano Neto (1986, p. 43) destaca que existe uma espécie de “ideologia modernizadora” orientando a ação dos indivíduos que trabalham no setor agrícola, a fim de supervalorizar as técnicas ditas modernas em detrimento daquelas consideradas obsoletas ou tradicionais. Mas afinal, qual a visão que os próprios agricultores familiares da Vila Sírío, no caso, apresentam em relação a essas mudanças? Como isso afeta o dia-a-dia dessas pessoas? A tecnificação é valorada positivamente em relação ao trabalho manual? Esses são alguns dos questionamentos que me impulsionam a buscar compreender – sociologicamente - um pouco mais desta realidade social.

Acerca dessa perspectiva de modernização e de urbanização, Wanderley (2003) pontua que ambas tem incidido historicamente sobre o meio rural. A autora propõe uma agenda de pesquisa que visa ilustrar a complexidade da categoria agricultura familiar, dinâmica e plural, e os desafios que ela enfrenta nas sociedades modernas, inspirando minha pesquisa de mestrado e finalmente a elaboração da presente dissertação.

O processo de crescimento da produção de leite por agricultores familiares no Rio Grande do Sul é destacado por Souza e Buainain (2013), para quem a competitividade dos referidos agentes (diante de um novo cenário que requiere igualmente mais quantidade e qualidade) deve ser pesquisada e aprofundada. Ao pesquisar na região de Passo Fundo (a região, e especialmente a cidade de Passo Fundo, distam 288 km de Santo Cristo, circunscritos no noroeste do RS), a especialização surge em diálogo com as mudanças institucionais, a reestruturação da indústria e as exigências sanitárias ditadas pelo Ministério da Agricultura. Para eles, a questão de competitividade está ligada as noções de qualidade do produto e aos custos da produção.

Haveria, segundo os autores supracitados, seis dimensões que influenciam toda a cadeia produtiva do leite na qual estes agricultores familiares estão colocados: “1) o ambiente organizacional; 2) o ambiente institucional; 3) o ambiente tecnológico; 4) o ambiente competitivo (...); 5) as características edafoclimáticas; e 6) a disponibilidade dos fatores de produção” (SOUZA e BUAINAIN , 2013, p.311). As conclusões deste artigo se aplicam também a cidade de Santo Cristo (afirmação com base na minha investigação): “há a constatação que a competitividade dos produtores familiares de leite na região está

relacionada ao sistema de produção desenvolvido, à capacidade de inovar tecnologicamente, à existência de políticas públicas ao seu grau de organização (...)” (SOUZA e BUAINAIN, 2013, p.331).

Dentro da referida perspectiva, as políticas públicas, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar- PRONAF estariam dentro do ambiente institucional. O PRONAF, no caso, é mencionado nas entrevistas que realizei, cuja importância é ressaltada por meus interlocutores e este será também objeto de exploração no terceiro capítulo do presente escrito. Contudo, não é só através dos registros orais que a importância do PRONAF aparece em Santo Cristo, também no Anuário Estatístico do Crédito Rural 2012¹⁷, do Banco Central do Brasil, o acesso ao crédito é expressivo, a saber, 872 contratos de custeio ligados a pecuária, o que significa R\$ 8.206.903,69, foram feitos em Santo Cristo em 2012.

Gazolla e Schneider (2013), por sua vez, após analisar estatisticamente (entrecruzando dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, da Fundação de Economia e Estatística-FEE, indicativos do Ministério do Desenvolvimento Agrário-MDA¹⁸ e ainda com dados próprios de um levantamento particular) o acesso ao PRONAF nos Estados do Sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, chegaram ao seguinte denominador: um ponto preocupante do PRONAF seria o estímulo à especialização produtiva, onde o cultivo de *commodities* é flagrante. Toledo e Schneider (2008, p. 01) destacam o PRONAF enquanto detentor de grande importância “como expressão da ação de intervenção do Estado traduzida em política pública para um segmento historicamente alijado de acesso ao crédito rural”.

Outrossim, os limites da referida política, segundo estes últimos autores, seria em linhas gerais a “descapitalização e endividamento crônico dos agricultores” (ibidem, p. 02).

¹⁷ <http://www.bcb.gov.br/?red-publicacoes>

¹⁸ Segundo Rambo (2011) há ainda um elemento importante para ser destacado a respeito da estruturação do PRONAF, que data de 1999, quando essa política passou por mudanças institucionais, a saber, deixou de fazer parte do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA, onde era vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) e passou para o Ministério de Desenvolvimento Agrário-MDA. Este último surgiu, segundo a autora, para responder as cobranças dos “movimentos sociais rurais” (p. 100). Desta maneira “foi reconstruída parte da institucionalidade pública que havia sido modificada em 1989 quando reformas estruturais fundiram o Ministério Extraordinário da Reforma e o Desenvolvimento Agrário com o Ministério da Agricultura.” (ibidem). Em síntese, a diferença dos Ministérios relativos à agricultura, é que o MAPA atende ao agronegócio enquanto o MDA atenderia a dita agricultura familiar. Ei-lo uma divisão política no sentido estrito do termo. Porém, recentemente (2016) o MDA foi extinto e posteriormente fundido com o antigo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), constituindo então o atual Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário, o que foi criticado pelos movimentos sociais, que afirmam, por seu turno, que tal fusão secundariza ainda mais as pautas dos agricultores familiares e da reforma agrária. A FEE também foi extinta: “A extinção da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), aprovada na madrugada da última quarta-feira (21) [2016] pela Assembleia Legislativa, é ‘uma perda irreparável’ ao Rio Grande do Sul, na avaliação do Diretor de Pesquisa do IBGE, Roberto Olinto”. (<http://www.tvcidade10.com.br/index.php/2016-04-01-14-03-46/geral/item/1895-extincao-da-fee-e-uma-tragedia-para-o-rio-grande-do-sul-avalia-diretor-do-ibge>)

Em um artigo conjunto Anjos e colaboradores (2004) também questionaram os impactos do PRONAF no RS, no sentido de que ele permanece alicerçado em uma ambiguidade “tanto em termos do público-alvo (...) quanto aos objetivos essenciais que persegue, onde, na retórica oficial, mesclam-se orientações tipicamente produtivistas com compromissos mais amplos (...)” (ANJOS et. al., 2004, p. 529). Em uma análise contemporânea a respeito das políticas públicas acessadas no Rio Grande do Sul, Zanini e Santos (2015), por seu turno, destacam que as especificidades do campesinato de origem europeia do sul do Brasil não são relevadas na elaboração das políticas públicas.

Para além de uma revisão bibliográfica a respeito do PRONAF, o que acho importante relevar, especialmente para a presente análise é, que, embora ela [a política pública] tenha diversas limitações, teóricas e práticas, foi importante em Santo Cristo. Fomentou a especialização produtiva do leite, o que não é um “bicho de sete cabeças”. A especialização tem dois lados, como uma moeda. Em Santo Cristo caiu “cara” e em outros lugares “coroa”, ou seja, da mesma forma que incentivou o êxodo rural, por exemplo, beneficiou, em termos de renda, diversas famílias, como é o caso das cinco abordadas neste trabalho¹⁹. É esse processo que está, em resumo, sendo problematizado aqui. É o lado de quem “abraçou” essa tecnificação proposta pela conjuntura político-social, e que tem sobre este processo sua própria visão, expressa no último capítulo. Não estou defendendo e nem maldizendo a modernização agrícola, estou trazendo aqui a complexidade de um processo que tem uma série de clivagens.

A partir da minha investigação empírica (e bibliográfica), penso ainda em conformidade com Oliveira (2010, p.18) para quem “o setor leiteiro vem sofrendo profundas transformações, muitas das quais ainda estão em pleno andamento”. As mudanças observadas em Santo Cristo, a saber, o aumento expressivo da produção, sem grandes alterações quanto ao plantel (na questão numérica, a genética sim), abandono ou diminuição do cultivo de grãos (como soja e trigo), utilização de artigos de natureza técnica (produtos com funções sanitizantes, grãos e genes melhorados geneticamente, insumos alimentares e agrícolas) e mecânica (máquinas) também ocorrem em outras partes do noroeste do RS. Penso em acordo com essa autora, quando ela diz ainda que o leite “deu certo” para a agricultura familiar por questões estruturais:

(...) a atividade [leiteira] é aconselhada para unidades de produção agropecuária de menores dimensões, que em função da sua estrutura dependem de atividades mais intensivas para garantir níveis mínimos de renda, sendo o leite uma alternativa por

¹⁹ Na verdade, seguindo a analogia da moeda, acredito que em Santo Cristo também caiu "coroa", mas estes não entrevistei.

agregar um bom nível de geração de renda por unidade de área e ter um efeito potencial de mercado. (OLIVEIRA, 2010, p 18)

Trago essa autora, Oliveira (2010), pois ela realizou um trabalho no município de Ijuí, também localizado no noroeste do Rio Grande do Sul, distando 137 km de Santo Cristo. Ao versar sobre a agricultura do noroeste gaúcho, ela ressalta que “a atividade leiteira tem sido considerada uma alternativa de desenvolvimento para essa agricultura devido o seu potencial de agregação de valor à produção agropecuária, geração de renda e emprego no meio rural e dinamização da economia local” Oliveira (2010, p.19).

Ela trabalha com tipologias de agricultores e chama atenção para um modelo hegemônico de desenvolvimento rural. O meu recorte, por sua vez, utilizou uma amostra pormenorizada de cinco propriedades, em uma comunidade específica, por suposto nem de longe contempla a realidade rural regional, mas posso dizer que representa uma parte significativa de agricultores do município de Santo Cristo, que tem um certo nível tecnológico e dialoga com as demandas da indústria e da legislação sanitária, por duas razões bem pragmáticas : querem escoar seu produto e além de sustentar, dar conforto para sua respectiva família.

Embora o Estado tenha homogeneizado a categoria de agricultura familiar, compreensivelmente para fins de políticas públicas e previdência social, meu trabalho (a partir do referido recorte espacial) visa trazer elementos que caracterizam peculiarmente os agricultores (as) do noroeste gaúcho, especialmente de Santo Cristo, reconhecendo, portanto, diferenças regionais e/ou locais em âmbito nacional. Uma característica marcante destes agricultores é a supervalorização do trabalho, como algo enobrecedor e, portanto um “mal” necessário. Apresento mais elementos acerca disso na sequência.

O assunto/tema trabalho, que neste caso é especialmente a produção de leite, emana em diversos ambientes da vida social, na Vila Sírío, como nas festas comunitárias e após os cultos católicos dominicais, nos diálogos entre vizinhos e nas visitas familiares, principalmente no horário das refeições. Trabalho e lazer se confundem e se completam. Não há férias para quem trabalha nessa “*lida*”. Uma vez que encontrar mão de obra para substituir a mão de obra familiar, como no caso o é, constitui em uma tarefa difícil. Realiza-se a ordenha duas vezes ao dia, pois os animais acostumaram-se com os mesmos horários. Sem contar que a não extração do leite pode resultar em doenças, como a temida mastite/mamite²⁰.

²⁰ Mastite e mamite são sinônimos. Referem-se a uma inflamação da glândula mamária da vaca. A glândula mamária é o local de armazenamento do leite, sendo que a mamite afeta na qualidade final do produto e ainda

CAPÍTULO I

“A PATY ESTÁ FAZENDO PESQUISA”:

“Uma estranha no ninho” e/ou estranhando o familiar

Este capítulo aborda as doçuras e dissabores de pesquisar um cenário familiar, as dificuldades de uma jovem pesquisadora afeita em realizar uma etnografia solo, uma vez que, ao longo da graduação (2010-2014), realizei pesquisa empírica acompanhada da professora-orientadora, em uma feira da cidade de Santa Maria/RS²¹.

No campo empírico atual, durante as entrevistas, ocorreu um exemplo no qual faltou perspicácia da minha parte, e que percebi tão logo cheguei em casa (no caso na casa dos meus pais, onde me reinstalei) e parei para refletir sobre o procedimento. No meu roteiro de entrevista, há uma questão relacionada à vontade dos pais (se há vontade) em que os filhos(as) continuem na atividade agropecuária familiar, baseada na produção de leite, e quando fiz essa pergunta aos pais (um caso em específico), não me remeti também aos filhos que estavam juntamente na cozinha ouvindo a entrevista, ou seja, falhei em não colher a opinião das duas gerações, e por conseguinte transcrever visões conflitantes ou consonantes.

Como referido, o atual campo empírico é também a localidade que nasci e cresci, e que ora tomo por objeto de análise, sendo que minha reinstalação na comunidade da Vila Sírío desta vez é caracterizada para além de um habitual regresso. Embora eu tenha me (re)instalado na casa dos meus pais, ambiente literalmente familiar, logo no primeiro momento iniciei o exercício de objetivação, importante e constante em nosso ofício. O trabalho que segue é um esforço nesse sentido.

Por diversos momentos me senti desorientada, questionando se estava galgando êxito na supracitada empreitada científica. Minha mãe, especialmente, se mostrou uma informante chave. Sempre indicando o que deveria observar, tanto lá quanto nas demais propriedades. Tanto ela, quanto meu pai, responderam inúmeros questionamentos sobre a produção de leite, que mesmo eu, filha de agricultores, desconhecia, e que ora lhes aferia na condição de pesquisadora. Quando pedi, certo dia, para meu pai esboçar um calendário agrícola, ele disse em tom jocoso: “- *Nem parece que você é filha de agricultores!*”

A verdade é que sempre fui incentivada a estudar, o que de certa maneira me afastou do aprendizado pragmático do ser agricultor(a) e/ou do fazer agricultura. Esta não é uma

diminui a produção. Há três tipos de mamite: ambiental (o úbere fica duro), clínica (você percebe grumos no leite) e subclínica (consegue detectá-la através do chamado teste da raquete).

²¹ Ver Froelich (2015a).

realidade só minha, sendo que a questão da sucessão no meio rural é um assunto de importância crescente nos trabalhos cuja temática é agricultura familiar, uma vez que se fala em esvaziamento do rural, em “envelhecimento e (...) masculinização da população que vive no campo. São cada vez mais os jovens que vêm deixando o meio rural e entre estes é preponderante a participação das mulheres” (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p.7).

Em geral, a maioria dos jovens rurais de Santo Cristo é incentivada pelos pais (especialmente pela figura materna) a continuarem (para além do ensino médio) estudando, seja fazendo um curso técnico, de graduação ou mesmo algum curso profissionalizante. A penosidade²² do trabalho no meio rural sempre é destacada nas conversas, embora o poder aquisitivo das famílias que trabalham com a pecuária leiteira tenha aumentado consideravelmente na última década, ainda assim ter um filho(a) no ensino superior é motivo de muito orgulho, especialmente para pessoas que mal concluíram o ensino fundamental.

Quando falo em poder aquisitivo quero dizer exatamente a possibilidade de comprar bens. Há dez anos você não visualizava os agricultores da Vila Sírío com carros novos e /ou seminovos, casas bem pintadas e com pinturas renovadas anualmente, bem vestidos como atualmente estão, com acesso a internet e diversos eletrodomésticos novos, podendo arcar com as despesas financeiras dos cursos para os filhos e/ou até mesmo dar-lhes uma mesada, hoje eles podem, e os agricultores da Vila Sírío podem fazê-lo pela renda que advém da venda do leite. Podemos dizer que eles são/estão capitalizados e gradativamente investem cada vez mais tempo, dinheiro e energia nessa produção.

Se, por um lado, a maioria das pessoas na Vila Sírío possui poucos anos de escolaridade, é admirável a capacidade administrativa que os agricultores demonstram para a gestão das suas respectivas propriedades rurais. Em geral se trabalha antevendo futuros gastos, ou seja, além de ser utilizada para gastos correntes da família, parte da renda mensal do leite é guardada para o período do plantio, para a compra de insumos e remédios para os animais, para trocar determinada peça no jogo de ordenhadeiras²³ ou até mesmo para reparos

²² A penosidade do trabalho é uma categoria central do pensamento chayanoviano. Alexander Vasilievich Chayanov, escritor russo (1888-1937) reconhecido como especialista em economia agrícola e/ou trabalho camponês. Considerado um autor clássico da Sociologia rural. Para ele a penosidade do trabalho camponês tem relação com a demanda da família, desta maneira, a intensidade do trabalho poderá aumentar se a família crescer: “o grau de auto-exploração é determinado por um equilíbrio específico entre a satisfação da procura familiar e a fadiga devida ao trabalho” (CHAYANOV, 1924, p.482). Tanto a produção quanto a renda estão circunscritas à família, cuja máxima é a preocupação com a reprodução do grupo familiar: “exploração camponesa familiar tem de tirar partido da situação do mercado e das condições naturais, de modo a assegurar à família um equilíbrio interno compatível com o máximo bem-estar possível” (ibidem, p.483).

²³ Jogo de ordenhadeiras é - como será explorado no próximo capítulo - a máquina que congrega teteiras, que por sua vez se encaixam em cada teto da vaca. O termo é utilizado pelos agricultores, bem como pela indústria de metal-inox. O termo ordenha, por sua vez, referente ao ato de extrair e/ou de sucção do leite propriamente dito,

na infraestrutura física das propriedades e para pagar eventuais financiamentos contraídos. Desta maneira, há meses do ano em que como dizem “*não sobra nada da nota do leite*”, considerando a receita bruta ou líquida obtida.

Na literatura sobre a agricultura familiar é comum verificarmos que os agricultores são tratados como figuras subordinadas²⁴ (e/ou cuja perda da autonomia é total quando se trata da especialização produtiva). Eu não percebo desta maneira, não no sentido estrito do termo. Embora eles sejam, de fato, no caso dos pecuaristas da Vila Sírío, subordinados em relação aos laticínios, eles se articulam entre si, e gerenciam suas respectivas propriedades prevendo futuros gastos e se organizando para estes. Quando eu digo que eles se articulam entre si, quero dizer que trocam informações sobre o melhoramento genético, aditivos alimentares, remédios, programas e políticas públicas, financiamentos, inclusive, por vezes, se ajudando como avalistas, embora isso seja mais comum entre parentes. Há também a venda de bezerros, entre os vizinhos, sendo estes animais oriundos de inseminação artificial²⁵ e logo, melhorados geneticamente para a produção de leite.

A sensação de que o pesquisador incomoda é uma constante nas pesquisas empíricas. Na verdade “até quebrar o gelo” das “primeiras²⁶” interações há um certo desconforto de ambas as partes. Afinal, eu acompanhei quatro famílias (cinco, na verdade, considerando também a propriedade dos meus pais) em sua rotina de trabalho, não foi uma simples visita ou uma conversa rápida. Eu estava lá, observando o trabalho da ordenha, algo que não lhes era habitual que fosse observado, com raras exceções de algum Médico Veterinário. Embora, uma dessas famílias, outrora já tivera uma pesquisadora em seu meio (foram respectivamente duas visitas de uma estudante de Agronomia, cujo material coletado fora essencialmente

é utilizado pelos agricultores, bem como recorrente na literatura veterinária. Desconheço a existência de outro termo que possa ser usado como sinônimo. No dia a dia os agricultores usam além do termo ordenha a definição de “*tirar leite*”.

²⁴ Sobre a questão de subordinação, problematizo-a vista pelo seu inverso: o autoconsumo. Nesse sentido Gazolla e Schneider (2007, p. 117) consideram que após a modernização, a agricultura familiar que outrora estava voltada para o autoconsumo, passa “a ser reconhecida por sistemas produtivos especializados (...) Isso fez com que a agricultura familiar regional se fragilizasse (...) [com uma]acentuada vulnerabilização”.

²⁵ Santo Cristo possui um programa importante nesse sentido: “**PROGRAMA MUNICIPAL DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL** : O município de Santo Cristo criou o programa municipal de Inseminação Artificial e há muitos anos vem facilitando o acesso subsidiado de sêmem leiteiro para o melhoramento genético, o que tem contribuído para a alta da produtividade leiteira. Mais produção por animal, mais rentabilidade... isso influenciou a muitas propriedades a produção e venda de leite. As raças mais inseminadas são a holandesa em primeiro lugar e a gersey em segundo. Por diversos fatores, a inseminação está passando por algumas dificuldades pela infertilidade da muitas vacas. Provocando repetições de doses e com até o descarte de animais. Isso fez com que alguns produtores optassem por touro. O que poderá resultar num retrocesso genético. E também com a opção de muitas propriedades de aumentar o plantel de animais, eles mesmo estão fazendo a inseminação.” **Fonte:** Informação cedida pela Secretaria de Agricultura de Santo Cristo.

²⁶ O uso das aspas se justifica porque não é meu primeiro contato com os pesquisados. Por outro lado é meu primeiro contato como estudante-pesquisadora.

fotográfico, para esquematização da base tecnológica da produção leiteira). Essa estudante, por coincidência ou não, é filha de outra família pesquisada, e minha conhecida de infância. Na época estudante e agora como Agrônoma formada, goza de mais prestígio social, uma vez que as pessoas de Santo Cristo - e não somente - possuem conhecimento sobre o que uma Engenheira Agrônoma faz, diferente do que ocorre com o profissional das Ciências Sociais, cuja atuação foi mais difícil de explicar.

Por outro lado, creio que esse aparente impasse, fora aplacado pelo uso da fotografia. Ao coletar as imagens com meu aparelho celular, sempre com autorização, pareceu que eles compreenderam um pouco mais o sentido de eu estar lá. Fazendo brincadeiras com a câmera, indicando o que fotografar, querendo ver as imagens. Nesse sentido, o uso da fotografia, foi e é uma valiosa ponte para a interação. Além disso, importante suporte para as descrições, na escrita do trabalho propriamente dito. Nesse sentido a fotografia é um recurso tanto de aproximação quanto um arquivo que auxilia a memória do pesquisador(a). Assim, aliado ao diário de campo, a imagem é uma técnica importantíssima para a pesquisa, pelo menos no meu caso foi.

O uso da fotografia, na Antropologia, é incentivado desde o autor clássico²⁷ Malinowski (1978)²⁸ cujas longas e longínquas incursões renderam para além de renomadas descrições, um acervo fotográfico importante. O presente trabalho, por sua vez, apresenta diversas imagens, as quais compreendo enquanto dados. Assim como o ato de fotografar patrocinou importantes interações ao longo da investigação empírica, também o ato de revê-las e operar uma triagem, apadrinharam diversas outras reflexões e chamamentos. Penso a utilização da fotografia, enquanto técnica de pesquisa e complemento ao texto descritivo, em conformidade com Achutti (1997, p. XXXIV), o qual destaca que a abordagem visual é

²⁷ “Os clássicos, eu afirmaria, são fundadores que ainda falam para nós com uma voz que é considerada relevante. Eles não são apenas relíquias antiquadas, mas podem ser lidos e relidos com proveito, como fonte de reflexão sobre problemas e questões contemporâneas” (GIDDENS, 1998, p.15).

²⁸ A obra de Malinowski é considerada um marco para os estudos antropológicos e etnográficos, especialmente o livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ao passo que ele advoga em prol da entrada do antropólogo nas tribos estudadas, mas não somente isso, Malinowski também defendia que o etnógrafo deveria conviver -no sentido exato do termo- com/entre os nativos, e, por conseguinte aprender a língua, compreender as ações e suas respectivas motivações e também o comportamento deles. O trabalho do Malinowski, em suma, é cravejado por relatos etnográficos de suas estadas em tribos diversas, majoritariamente naquelas próximas da Nova Guiné. A obra em questão, por seu turno, desvela sua permanência nas Ilhas Tombriand, mormente, situadas na Nova Guiné. Resultado direto de três expedições entre 1914 e 1920. Na introdução desta obra, Malinowski faz ressalvas metodológicas a respeito de suas pesquisas e exhibe suas noções sobre o trabalho de campo, que são igualmente compartilhadas pela escola funcionalista, da qual Malinowski é um considerado um dos idealizadores. Malinowski ressalta, entre muitas coisas, uma questão - que na minha leitura - continua sendo importante para os Cientistas Sociais em geral, diz respeito à operacionalização da pesquisa e um elemento fundamental: “As ideias pré-concebidas são perniciosas a qualquer estudo científico; **a capacidade de levantar problemas**, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista- esses problemas são revelados ao observador através de seus estudos teóricos” (MALINOWSKI, 1978, p.26).

importante ao passo “que venha enriquecer o verbo e que venha enriquecer também nossos diálogos, nossa maneira de formular conceitos, de perceber e narrar as experiências que não estejam disponíveis às palavras”.

Escolhi as famílias em questão por proximidade geográfica, o que por suposto agilizava meu deslocamento, mas também pela abertura que as mesmas demonstraram inicialmente em conversa com meus pais e depois na minha aproximação. Não apenas por me conhecerem, mas também por minha idade ser bem próxima de seus filhos/as, todos/as me ajudavam sempre relevando que um dia, caso seus filhos/as precisassem, como eu, “*fazer um trabalho para a faculdade*”, gostariam que os outros também ajudassem. Julguei que trabalhar com cinco propriedades seria suficiente para responder ao problema de pesquisa previamente elaborado. Gostaria de aprofundar este trabalho em uma futura tese de doutoramento.

Vale sublinhar que, todos os nomes são pseudônimos, com exceção dos meus pais. Essa escolha epistemológica é um emblema dentro dos trabalhos antropológicos. Optei por assim fazê-lo como uma forma de proteger meus interlocutores, uma vez que não temos controle sob o alcance da exposição destas informações. Entre outras palavras, embora eu escreva para fins acadêmicos, não tenho como controlar quem vai ler e a forma como irão interpretar e usar as informações apresentadas. Embora eu não explore com afinco questões polêmicas na produção do leite, como as noções de qualidade, ainda assim, pontuo imbrólios que tem conotações políticas e logo concepções distintas e em atrito.

Interlocutores	Filhos	Escolaridade	Tamanho da propriedade + Litros de leite (dia)	Número de vacas (em lactação)
PROPRIEDADE 1 52 anos (Sr. Aristeu) 45 anos (Sr^a Teresinha)	3 filhas: 12; 22; 24 anos. Apenas a caçula permanece na prop.	Ela: Ensino Fundamental Incomp. Ele: Ensino Fundamental completo	25 hec 480 litros ²⁹	27 vacas
PROP. 2	1 filho e 1 filha:	Ambos com		

²⁹ O número de litros varia a cada dia e em cada estação. Além das vacas em lactação, expressas neste quadro 01, há também as “*vacas secas*” que em geral, por motivos de prenhes, não estão produzindo leite.

47 anos (Sr. Rodolfo)	17; 25 anos. Apenas o filho permanece na prop.	Ensino Fundamental incompleto.	35 hec 520 litros	26 vacas
46 anos (Sr^a Lia)				
PROP. 3 43 anos (Sr. Lucas)	1 filho e 2 filhas: 11; 16; 13 anos. Os três permanecem na prop.	Ambos com Ensino Fundamental incompleto	64 hec 1.300 litros	50 vacas
37anos (Sr^a Zuleica)				
PROP. 4 48 anos (Sr. Eduardo)	1 filha: 22 anos Mora com os pais, mas tem trabalho assalariado.	Ambos com Ensino Fundamental completo	23 hec 185 litros	8 vacas
45 anos (Sr^a Mônica)				
PROP. 5 43 anos (Sr. Wendson)	1 filha e 1 filho: 15; 18 anos. Apenas a filha permanece na propriedade.	Ela: Ensino Fundamental Incomp. Ele: Ensino Fundamental completo	31 hec 661 litros	37 vacas
48 anos (Sr^a Amábile)				

Quadro 01- Propriedades sociais e materiais dos interlocutores.

Fonte: Elaborado pela autora.

Já dizia Bourdieu (2011, p.18) que “Nada (sic) é mais universal e universalizável do que as dificuldades”, a pesquisa, é em primeira instância, para tal, uma atividade racional. Ainda segundo Bourdieu (ibidem) expor nossa pesquisa é o antônimo de um show, é primeiramente uma auto exposição. Emaranhar, nesse ínterim, teoria e empiria é um trabalho arduo e igualmente indispensável nas Ciências Sociais. Nesse sentido, o presente trabalho é um exercício de aprendizagem, cujas críticas são bem quistas. Nessa linha a pesquisa é uma forma de dialogar com comunidade acadêmica, e neste caso, ainda, ouvir os agentes que são a base da cadeia produtiva do leite na Vila Sório.

Droz e colaboradores (2014, p.8- tradução nossa) fizeram um estudo importante a respeito da relação entre produtores de leite e as políticas agrícolas na França, no Quebec e na

Suíça, destacando que para além dos índices produtivos devemos analisar também “a situação social e psicológica dos produtores de leite considerando a influência do contexto político, jurídico e econômico sobre a agricultura”, levando em conta os determinantes estruturais bem como sua interlocução com as políticas agrícolas nacionais e internacionais. Seguindo essa orientação, eu também visio observar o contexto em que as mudanças na produção de leite começaram a operar em Santo Cristo, privilegiando as representações que os agricultores têm desse processo de intensificação produtiva do leite.

1.1 AS MOTIVAÇÕES PARA O TRATAMENTO DO TEMA DE ESTUDO

A escolha de seu tema de pesquisa é um momento determinante que irá condicionar todo seu trabalho posterior. Essa escolha é tão difícil quanto delicada. O que você empenha de você mesmo, de suas experiências, de sua relação com a sociedade e a sociologia? Se tem assunto imposto, conseguirá apropriar-se dele? Em todo caso, como irá traduzir esse assunto de pesquisa em tema de pesquisa? Terá de escolher um lugar, ou um contexto de pesquisa adaptado a seu tema de pesquisa? Ou, então, um tema adaptado às suas possibilidades concretas de pesquisa? **Para alguns, será um momento de perplexidade e de inquietação** (BEAUD; WEBER, 2007, p. 21).

Não gratuitamente coloquei tal epígrafe, a escolha do meu tema de pesquisa é permeada por inquietações, antes, durante e depois desta eleição, como desenvolvo adiante. Igualmente, quando pensamos acerca de motivações logo vem à mente duas instâncias: pessoal e profissional. Acredito que as mesmas estejam interligadas e que a noção de auto-objetivação³⁰ cunhada por Bourdieu (1988), seja importante nesse sentido. Havemos de empregar constantemente um retorno reflexivo, levando em consideração que somos atores presentes no nosso respectivo campo empírico, como já destacado por diversos autores das Ciências Sociais. Inicialmente, para fins elucidativos, faço uma breve explanação individual de cada qual (pessoal x profissional), mas por fim podemos visualizar o quão tênue é esta linha.

Sobre o aspecto pessoal começo problematizando minha origem social. Sou filha de agricultores familiares, produtores de leite no local elencado para essa pesquisa. Nesse sentido vivenciei uma significativa mudança nos moldes agrícolas locais, especialmente nas últimas

³⁰ Bourdieu (1988) nos convida a arquitetar uma distância objetivante, no caso refere-se a uma Instituição, mas essa recomendação poderia ser alocada para fins empíricos. Naturalizações, relativizações, adjetivações, ou seja, há diversas “armadilhas” no sentido de fazer uma Sociologia séria, ou melhor, dizendo, segundo Bourdieu, comprometida com a titulação de ciência e seu necessário rigor. Romper com as taxionomias limítrofes e, portanto sociologizar as posições, fazer uma Sociologia da Sociologia. A prática e a teoria são interligadas, uma vez dependentes do sociólogo, não podem ser alocadas “em caixinhas”.

duas décadas. Esse marcador inspira e motiva a proposição deste estudo dissertativo. Reconheço dilemas nessa escolha e antevejo interrogações éticas sobre tal, entretanto, penso em conformidade com Gilberto Velho (1978, p.45), propondo relativizar as categorias de familiar e exótico, na qual “O (sic) processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações”. Nesse sentido, me esforcei para não cair em juízos de valor e falácias sentimentais. Embora eu explore minhas próprias memórias³¹ e vivências, acredito que o conhecimento se dá/deu a partir da racionalização destas instâncias. Não é possível dissociar a pesquisadora Patrícia, do indivíduo Patrícia, mas podemos (ao menos devemos tentar) operacionalizar e de certa forma controlar tais instâncias, não sem um considerável desprendimento, mais ainda sim viável.

Em contraponto aos impasses, acredito que minha inserção em campo e meu contato com os interlocutores (as) foi facilitado pelo conhecimento prévio que possuíamos um do outro. Cresci ao lado dessas famílias, e, portanto, eles conhecem a mim e minha família de longa data, de forma que “abrem a porteira” da sua propriedade com tranquilidade para nós. Outrossim, saí de Santo Cristo há 7 anos por conta dos estudos universitários, e tenho amadurecido, através do contato com a literatura da antropologia e da sociologia rural, a ideia de pesquisar sobre a produção comercial do leite, sobretudo pelo estranhamento que tenho praticado cada vez que (re) visitei a localidade. Nesse sentido, temos aqui, um exercício de estranhamento, de (re) olhar com o suporte das lentes teóricas e apoiada nas bases epistemológicas da nossa dita Ciência Social. É, sobretudo, um exercício de reflexão sobre o cenário rural em Santo Cristo, suas mudanças ao longo das duas últimas décadas, suas demandas e perspectivas, dando vez e voz aos próprios agricultores/as:

“Para ser agricultor, produtor de leite, precisa muita luta, persistência para enfrentar as mais diversas dificuldades e intempéries. **Por isso acho que a maioria dos nossos jovens está escolhendo outras profissões que sejam menos penosas.** Se não houver, em longo prazo, melhores incentivos e uma política agrária que segure o homem no campo, com uma melhor valorização do agricultor, produtos. Não sei

³¹ Comungo, quanto a noção de memória, das considerações de Maurice Halbwachs (1990, p.25), para quem a memória é seletiva e há uma negociação entre memória coletiva e memórias individuais: “Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos.”

qual vai ser o futuro da produção leiteira em Santo Cristo.” (Resposta de um questionário, propriedade 5)³².

Bourdieu (2011, p.26) chama atenção para a brutal diferença entre *rigidez* e *rigor*, e, em sintonia a importância da “extrema vigilância das condições de utilização das técnicas, da sua adequação ao problema posto e as condições do seu emprego”. Dito isso, manifesto que seu conceito de vigilância epistemológica foi um norteador da presente pesquisa. O familiar como objeto, está para além da zona de conforto, a prática da pesquisa bem como a escrita precisa/ou ser inúmeras vezes questionado e dissecado. Cada detalhe do campo, sob um olhar apressado de quem viveu naquele espaço, precisou ser revisitado minuciosamente nas descrições que se subscrevem.

Enquanto socióloga, segundo essa orientação bourdieusiana (1988), não tenho obrigação – ao menos não deveria – de atender demandas sociais, tecer profetismo sobre o cotidiano ou elaborar ensaísmo; não tenho mandato, missão, nem sou porta-voz do povo. Sou, enquanto tal, “agente histórico historicamente situado, sujeito social socialmente determinado” (BOURDIEU, 1988, p. 29) no qual a história reflete a si própria, permitindo aos “agentes sociais (...) saber melhor o que são, o que fazem” (Ibid., p. 30). Assim sendo não posso negar o vínculo que tenho com os interlocutores, especialmente com meus pais, os quais também foram tomados para objeto de análise também. Inclusive direcionando a eles o questionário, a entrevista, e centenas de questionamentos complementares. Este texto tem, portanto, muito de seus dizeres.

Sobre o aspecto dito profissional, destaco minha formação acadêmica, que está em constante lapidação, atualmente na condição de mestranda. O objeto de estudo que ora se apresenta é fruto de uma aspiração longínqua, amadurecida inicialmente ao longo da graduação, e posteriormente na construção do projeto para a seleção do mestrado e a partir de então ao longo deste ingresso (2015).

O mundo rural, por seu turno, sempre me motivou a exercer o ofício de estudante-pesquisadora. Inicialmente em agosto de 2011 até agosto de 2013 fui bolsista de iniciação científica no projeto *Mulheres Camponesas: Produtoras, Distribuidoras e Consumidoras* coordenado pela professora Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM), que resultou no meu trabalho de conclusão de curso defendido em junho de 2014, intitulado *Fazendo feira:*

³² Todas as respostas/falas estão “corrigidas”, no sentido de atender para a norma escrita da língua portuguesa. As palavras em língua estrangeira, neste caso do dialeto alemão falado em Santo Cristo, estão em itálico. Essas palavras, por sua vez, iniciam com letra maiúscula, mesmo no meio da frase, porque no alemão isso é regra para todos os substantivos.

Uma etnografia entre mulheres camponesas de Santa Maria/RS. Portanto, ao longo da graduação, estive envolto pelos estudos do espaço agrícola.

Neste ínterim participei do Programa Nacional de Mobilidade Acadêmica, cursando disciplinas no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, durante o segundo semestre de 2013, no qual tive oportunidade de frequentar o Grupo de Estudos Rurais e Urbanos- GERUR (UFMA) e conhecer, através de suas respectivas pesquisas, um pouco da estrutura fundiária maranhense. Participo (em 2015 e 2017.1) do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Sociedade-GEPTS (UFMA), sob o aval do professor Dr. Marcelo S. Carneiro (meu professor orientador no curso de mestrado), o qual tem possibilitado contrapontos interessantes entre a agricultura maranhense e a gaúcha, agregando aperfeiçoamento à minha formação e igualmente recheando minha problemática com diversos questionamentos complementares.

Por integrar o Núcleo de Estudos Contemporâneos- NECON (de 2010 a 2014 enquanto bolsista, ao qual continuo com vínculo colaborativo), localizado na Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, obtive também a oportunidade de organizar em conjunto com a equipe do núcleo, para além dos encontros semanais, vários ciclos de estudos sobre o universo rural, tais como *Trabalho, Campesinato e Gênero* (em duas edições), *I e II Ciclo de Estudos em Antropologia Rural*, *Ciclo Cidades e seus trabalhadores: camponeses e ferroviários*.

O mais interessante destes ciclos, na minha visão, era a participação de diversos estudiosos de questões rurais, em variados estágios de formação e de área (acadêmicos e professores de Extensão Rural, Agronomia, Veterinária, Geografia e Ciências Sociais). Ao discutir a bibliografia básica proposta para cada ciclo e relatar as experiências de seu respectivo campo empírico, os colegas aguçavam em mim a vontade de estudar mais sobre o rural gaúcho, especialmente a produção leiteira em Santo Cristo. Quem também sempre fomentou essa ideia fora minha antiga professora orientadora, que constantemente destacava a falta de estudos sobre a região noroeste do Rio Grande do Sul.

Recentemente (2016.2) participei dos encontros semanais do *Minicurso Feiras, Mercados & Agricultura Familiar*, promovido também pelo Núcleo de Estudos Contemporâneos-NECON da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, no qual atuei como comissão organizadora, a partir do convite da coordenadora, a professora Dr^a. Maria Catarina Chitolina Zanini. Debater, com base empírica, assuntos afeitos a agricultura familiar, e construindo conhecimento de forma coletiva, “temperou” significativamente esta escrita.

Minha participação neste ciclo se circunscreveu dentro do estágio de curta duração³³, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, correspondente ao período de setembro a novembro de 2016. Com esse estágio também tive a oportunidade de cursar, na condição de aluna especial, a disciplina de *Laboratório de observação e interpretação de sociedades rurais*³⁴, que ampliou minha compreensão de temas relacionados diretamente com a minha pesquisa, tais como as relações entre as distintas orientações analíticas interpretativas, o modo de vida na sociedade rural, aportes etnográficos, elementos de observação e interpretação³⁵.

Feito essa espécie de memorial e entrecruzando as informações, percebe-se o quanto uma instância pesa sob a outra (profissional x pessoal). Desta maneira, a familiaridade que tenho para com meu campo empírico, exige que eu repita continuamente o exercício de estranhamento, principalmente neste momento de escrita per si. Escrever, reescrever e questionar nosso próprio estilo são exercícios importantes neste processo de formação acadêmica e aquém.

Um texto dissertativo como este, embora escrito por duas mãos, tem em seus traços contribuições de diversas outras mãos, como do professor orientador e dos demais professores do curso de mestrado, bem como dos colegas que inúmeras vezes indagaram sobre minha pesquisa e o limite imposto pela familiaridade, me fazendo repensar um sem número de vezes os autores utilizados, a metodologia, e o próprio estilo da escrita. A ciência se faz no coletivo, nas interlocuções, na busca pela sofisticação conceitual e estilística, e principalmente no se fazer entender por outrem. Quanto ao processo criativo, como o de escrever uma dissertação, este se dá rompendo uma série de angústias e limitações teóricas. Assim como as dúvidas, também as incertezas são motivadoras.

1.2 O PROCESSO DE PROBLEMATIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO A PARTIR DE REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

³³ PROGRAMA DE APOIO À PARTICIPAÇÃO EM ESTÁGIOS DE CURTA DURAÇÃO NO BRASIL EDITAL FAPEMA Nº 014/2015 – ESTÁGIO.

³⁴ Ministrante: Prof. Dr. Marco Antônio Verardi Fialho; Carga Horária: 45h; Local: Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural- UFSM.

³⁵ Resultou em um artigo final, escrito em conjunto com a doutoranda em Extensão Rural (PPGExR – UFSM) Viviane Flaviano, que será posteriormente publicado: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SUCESSÃO, ENVELHECIMENTO E NOSTALGIA NO CAMPO: UM ESTUDO NA REGIÃO DE PINHEIRO MACHADO-RS.

Vários autores foram importantes no processo de problematização e definição do objeto. Contudo, vale destacar que esse trabalho bibliográfico-reflexivo é constante e não estático, ou seja, vários “novos” autores foram - e são - integrados ao corpo teórico reflexivo do trabalho, especialmente alguns nomes advindos das disciplinas do curso de mestrado. Um texto que me intrigou desde a primeira leitura foi *Sobre o artesanato intelectual* de C. Wrigth Mills (2009), que, logo no início do texto destaca que os grandes nomes da nossa área elegeram não dissociar seu trabalho da sua vida. Aqui me deparei novamente com a questão desenvolvida no subtítulo precedente. O conhecimento, segundo Wrigth Mills, é uma escolha ligada ao estilo de vida e conjuntamente da carreira profissional.

Nesse sentido, Wrigth Mills (2009, p.22) destaca que, enquanto cientistas sociais, devemos “aprender [cada qual] a usar a sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. (...) o artesanato é o centro de você mesmo (...) apreender o que experiencia e classificá-lo”. O autor advoga que para tal fim é imprescindível à elaboração de uma espécie de arquivo, este por seu turno nutrirá a reflexão sistemática, prática cara ao fazer sociológico. Nesta altura do texto eu senti um “puxão de orelha”, porque não tenho o hábito de escrever semanalmente, apenas leio. Outrossim, se tem algo que este trabalho possui, esse algo é a operacionalização de experiência pessoal.

Já no final do texto supracitado há uma questão que também me intrigou/intriga (e que desde então tem me feito refletir mais e atentamente sob minha escrita), diz respeito a uma espécie de “sociologuês”, ou seja, Wrigth Mills condena a escrita demasiadamente rebuscada, e destaca que neste processo é necessário ter em mente: Para quem escrevo? Afinal de egos inflados a academia está saturada. Escrever com simplicidade, todavia sem perder o rigor epistemológico, é possível e necessário, pois creio ser dispensável nos prender exclusivamente nas redomas da nossa área.

Nos trabalhos das Ciências Sociais as teorias servem como uma espécie de gasolina que, quando utilizadas, fornecem movimento (dinamicidade e corpulência) à pesquisa. Segundo Cardoso de Oliveira (1998, p.15), as teorias são uma espécie de prisma através do qual o pesquisador observará o seu respectivo objeto, pois “a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo”.

A presente dissertação está escrita em primeira pessoa não por acaso. Ela está sintonizada com a seguinte orientação: “o autor não deve se esconder sistemicamente sob a capa de observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: ‘nós’” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 27). Demarco, desta maneira,

a presença de uma autora, cheia de inquietações, embora focada em fazer ciência; em trazer elementos de reflexão e discussão sobre a agricultura familiar, seus dilemas e suas resistências.

Geertz (2005), por sua vez, destaca que a etnografia constitui-se em um trabalho alicerçado em dois momentos: o *Estar lá* (“no campo”) e o *Estar aqui* (“no mundo acadêmico”). Promover (atualmente desafiados pelas mudanças no campo de investigação, não mais tão distantes como outrora) a união desses momentos seria nosso desafio. Geertz faz, neste texto³⁶, uma discussão da Antropologia no campo das Ciências, seus desafios primevos, muitos deles insuperados até então.

O contexto moral em que se dá o ato etnográfico, ainda segundo Geertz (2005), mudou completamente na contemporaneidade, e, portanto, nosso objeto e nosso público estão muito mais próximos do que outrora. O trabalho etnográfico, afinal de contas, quer convencer quem e do quê? Como transitar, dado os novos dilemas (sendo que nem superamos os antigos), entre o campo e a escrita? Este autor é importante na medida em que nos provoca a superar a crise moral e intelectual, historicamente presente no fazer etnográfico. Por que fazer etnografia hoje? Como harmonizar o “estar lá” e o “estar aqui”? Em conformidade com Geertz acredito que passou da hora de dedicarmos um pouco do nosso fascínio para com a própria escrita e não somente pelo trabalho de campo.

Verificamos que estes três autores- Wrigth Mills, Cardoso de Oliveira e Geertz- preocupam-se com questões relativas à escrita nas Ciências Sociais. Não apenas eles, muitos outros autores o fazem também porque a escrita é muito importante no nosso ofício e necessita ser mensurada e problematizada.

Nesse sentido intentei um fazer etnográfico carregado de cuidados e responsabilidades éticas, ao qual devo fazê-lo também nesta escrita. Desta maneira, já sintonizada com Becker (1977, p. 156), reflito previamente acerca dos possíveis problemas dessa publicação no que concerne à exposição dos interlocutores da pesquisa, procurando “evitar publicar itens de fatos e conclusões que não sejam necessários à argumentação ou que causem sofrimento desproporcional ao ganho científico de torná-los públicos”.

Outros autores importantes nesta caminhada teórico-metodológica são respectivamente Beaud e Weber (2007- já mencionados na epígrafe precedente)³⁷, que iniciam o seu escrito com o seguinte subtítulo questionador e inquietante: *Por que fazer uma pesquisa de campo?* Logo no início da leitura - como este título inquiridor - recebemos “uma

³⁶ Capítulos 1 e 6 do livro *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*.

³⁷ Escrito em conjunto por tais autores: Guia para a pesquisa de campo/ Produzir e analisar dados etnográficos.

facada no coração”, e seguindo a metáfora inicial podemos dizer que é no nosso problema de pesquisa. Para eles a etnografia não atua como um juiz ditando deliberações, e sim visa compreender, “aproximando o que está distante, tornando familiar o que é estranho. (...) A etnografia (...) reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas (BEAUD; WEBER, 2007, p. 10-11)”. Assim, como toda ciência, a etnografia também não é neutra, ela se constitui, segundo os autores, em um “instrumento de combate ao mesmo tempo científico e político” (ibidem, p. 11).

Desta maneira, como etnógrafo busco ver a realidade social mais de perto e observar as minúcias. Os referidos autores destacam que a etnografia se aprende, realmente, na prática. E eu concordo com tal afirmação. Desta maneira eles buscam indicar diretrizes para nossa jornada: “(sic) Trata-se de ensiná-lo a conceber, preparar, conduzir uma pesquisa de campo e de ajudá-lo a escrever um relatório de pesquisa etnográfica” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 12). Por tais aspectos, um tanto quanto didáticos, concebo a obra em questão importante para jovens pesquisadores³⁸, como no meu caso.

Os autores advogam pela associação da prática e da empiria, uma vez que “Não (sic) há descrição sem conceitos. A pesquisa supõe análise” (ibidem, p. 13). Eles defendem também o diálogo entre a Sociologia e Antropologia, sendo eles, respectivamente, sociólogo e antropólogo, não há razão para o “terrorismo metodológico” e nem para a insistente dissociação entre o qualitativo e o quantitativo³⁹. Há uma parte na introdução deste livro de

³⁸ As compreensões de velho e novo, juventude e envelhecimento são socialmente construídas e validadas, e há na Sociologia discussões acerca disso, no entanto não quero entrar no mérito, neste momento. Neste caso usei o termo jovem para referir pesquisadores com pouca prática de pesquisa, embora minha idade, de 24 anos, também seja popularmente designada enquanto uma pessoa jovem.

³⁹ A união dos métodos quali e quanti também é recomendada por Olivier de Sardan(2008), bem como a elaboração de questões de pesquisa, a mobilização de referências acadêmicas e/ou argumentos teóricos e interpretativos. O ideal seria, segundo este autor, combinar estas duas abordagens na investigação, advogando em prol de uma pesquisa multimétodos, o que, porém, denota distintas e complexas competências. A pesquisa de campo, por sua vez, a qual acusam tratar-se de uma espécie de empatia ou dom do pesquisador, é segundo Sardan (ibidem) apenas um dos muitos modos de produção de dados nas Ciências Sociais, e enquanto tal possui suas formas de rigor e validação e/ou plausibilidade dos dados arquitetados, da mesma maneira que os outros modos de investigação também possuem. Nesse sentido a prática etnográfica tem haver com uma constante tarefa de aprendizagem. Na prática, portanto, o pesquisador enfrenta diversos mal entendidos e aprende a improvisar com perspicácia, e no decorrer da investigação aprenderá os códigos locais. Desta maneira, a investigação de campo segundo Sardan, é muito mais do que um simples rito de passagem. Nesse sentido o autor propõe uma *socioantropologia* que se coloca em oposição direta a dita etnologia patrimonialista, a sociologia quantitativista e também a sociologia e antropologia ensaísticas. A socioantropologia, por seu turno, deriva da mescla entre heranças da etnologia e da sociologia da escola de Chicago. Um de seus preceitos fundamentais é que o campo empírico é indispensável e, por conseguinte legitimador da pesquisa e do pesquisador. Esta socioantropologia proposta por Olivier de Sardan (2008) toma os atores da pesquisa enquanto capazes e competentes, no qual suas interações são importantes ao passo que desvelam representações, práticas, conjunturas e estruturas. Desta forma existe, nesta perspectiva, uma valorização do ponto de vistaêmico. Há

Beaud e Weber, que beira a poesia (bonito), outrossim implanta-nos um autoquestionamento quase corrosivo (perturbador):

Pois fazer pesquisa de campo é ter vontade de se agarrar aos fatos, de discutir com os pesquisados, de compreender melhor os indivíduos e os processos sociais. **Sem essa sede de descobrir, sem essa vontade de saber, quase que de destrinchar, o campo torna-se uma formalidade, um exercício escolar, chato, sem interesse.** (BEAUD; WEBER, 2007, p. 15).

Ainda sobre o texto de Beaud e Weber vale destacar os seus respectivos conceitos de *desambientação* e *distanciamento*. No meu caso é uma pesquisa por distanciamento, ao passo que - como explanado no tópico precedente - prima pelo movimento de “tornar estranho o que é familiar” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 36).

Outro texto que merece destaque por conter elementos que considero relevantes para minha respectiva pesquisa/escrita, enquanto um “condimento” adicional. Trata-se de um capítulo⁴⁰, do autor Merllié (1998), no qual inicialmente ele discute acerca do termo *dados*, destacando que são derivados de uma determinada construção. O dado nunca é dado, e sim elaborado, e, portanto deve ser interligado com a teoria. Assim, quando repenso as falas dos meus interlocutores, atento para a significância que os próprios atribuem a x elemento, tem haver com memória individual e coletiva. Não se trata de inquerir sobre verdadeiro e falso, mas de abarcar significados e significância.

Desta maneira o autor susodito chama nossa atenção para o uso indiscriminado de dados ditos oficiais, sem a devida problematização do mesmo, o dado é - e deve ser - questionável/questionado. Tomando como pano de fundo a obra *O Suicídio* de Durkheim, o autor analisa a construção estatística, a utilização desenfreada e não objetivada desta última e adiciona outros exemplos também. Ele defende o uso combinado - sempre vigilante - das perspectivas quali e quantitativas, ambas são complementares e não opostas. Igualmente, o pesquisador e o interlocutor precisam estar sintonizados, porque mal entendidos na comunicação podem prejudicar em demasia o resultado final da investigação e até mesmo o transcorrer dela. Não é apenas questão de sintonia, há também, segundo Bourdieu (2008), uma violência simbólica entre a condição de entrevistador e entrevistado, a qual devemos fazer o possível para mitigar:

ainda um movimento de desnaturalização de categorias e de busca para adequar a argumentação com a pesquisa, ou melhor dizendo a teoria com a empiria, bifurcando-as.

⁴⁰ Capítulo III- A construção estatística.

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras. (...) esforçamos-nos para fazer tudo para dominar os efeitos (sem pretender anulá-los) quer dizer, mais precisamente, para **reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele**. Procurou-se então instaurar uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário. (BOURDIEU, 2008, p. 695)

Notei que a palavra entrevista, bem como sendo ela associada ao uso do gravador, inibiu, na entrevista em si, inicialmente meus interlocutores/as. Mas no decorrer da entrevista eles foram falando mais e “superando” o desconforto de ter um aparelho capturando seus dizeres. Outrossim, uma vez desligando o gravador, eles tratavam de complementar as respostas proferidas, o que demonstra que o gravador gera uma certa perturbação, não a ponto de calar as pessoas, mas de diminuir a extensão de suas falas. Sobre a reflexão acerca dos dados oficiais e das relações interpessoais, especificamente, visou ampliar a compreensão quando estas aparecerem diretamente no texto.

Nossas características pessoais (identidade étnica, classe, sexo, religião e status familiar) acabam pesando, segundo Dewalt (1993), na forma como interagimos e nos reportamos às pessoas que pesquisamos. O nosso trabalho deve ser o mais fidedigno possível, objetivando essas variantes. A junção dos ditos métodos mais formais de coleta de dados em parceria com a observação participante, podem melhorar essa qualidade e também a coerência do nosso trabalho. Sobre as preocupações éticas que cerceiam a pesquisa, especialmente aquelas ligadas à utilização da observação participante, os autores elencam uma série de cuidados e responsabilidades. Há que se tomar cuidado tanto com as informações que vão a público, quanto aquelas que mantemos conosco.

Ainda segundo Dewalt (2013), a reflexividade, a objetivação, a descrição clara das realizações e intempéries em campo deve acompanhar a utilização da observação participante. Um dos meus objetivos aqui, deve/é ser, portanto, trabalhar constantemente para melhorar minhas habilidades metodológicas.

O meio rural caracteriza-se por comportar distintos atores sociais, sendo que o ponto de convergência gira em torno da terra, que é o meio de produção, reprodução e poder deste

espaço. Adoto, pois, a categoria de agricultor familiar por ser recorrente no meu campo empírico em sintonia com a denominação colono, ambas condizentes, nesse contexto, ao trabalhador rural cuja propriedade caracteriza-se por pequena extensão de terra, presença de policultivos (ameaçados e/ou diminuindo por conta da especialização em bovinocultura leiteira), mão de obra familiar e ascendência alemã.

A expressão agricultura familiar, segundo Sergio Schneider (2006) aflorou no Brasil em torno de 1990, impulsionado pelos movimentos sociais do campo enquanto uma categoria-síntese (em contraposição a pequeno agricultor que era considerada preconceituosa), como também pelo reconhecimento do Estado, conferido através de uma política pública de crédito rural denominada de Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar- PRONAF, e ainda devido à remição dos estudos agrários e rurais pela comunidade acadêmica.

Schneider (Ibid.) nos propõe ainda, conceber a agricultura familiar enquanto uma categoria social, destacando que precisamos considerar as relações peculiares de parentesco e herança, especificamente sobre a estrutura agrária rio-grandense, o autor ressalta que devemos considerar a gênese histórica e cultural ligada diretamente à colonização com imigrantes de origem européia.

Sobre esse aspecto peculiar da agricultura gaúcha, em especial sob o lócus proposto, Picolotto (2011) destaca que esse imigrante denominado colono fora um trabalhador ideado pelo governo, estimava-se que sua adaptação seria fácil e rápida, e que ele desenvolveria um apego a terra e uma dedicação fervorosa ao trabalho, e ainda que ele realizaria uma agricultura com técnicas modernas e modernizadoras, elevando a produtividade agrícola da federação. Colono, por sua vez, tem significação identitária, a qual compreendo em conformidade com Seyferth (1993) que destaca:

No seu significado mais geral, **a categoria colono é usada como sinônimo de agricultor de origem européia e sua gênese remonta ao processo histórico de colonização.** Para ser considerado colono não basta ser camponês embora a condição camponesa seja igualmente essencial como critério de identificação. Também não é qualquer agricultor, pois a definição cabível é a de pequeno proprietário rural que não emprega mão-de-obra assalariada permanente. Algumas características específicas do campesinato estão presentes como elementos de categorização: trabalho familiar, posse de terras em quantidade suficiente para permitir a atividade de cultivo, produção voltada em primeiro lugar para o consumo doméstico (privilegiando-se, assim, a policultura com criação) participação nas atividades de solidariedade etc. **Nesse sentido, consideram-se distintos de outras categorias de produtores rurais, como aqueles que denominam fazendeiros.** (SEYFERTH, 1993, p.38).

Para além da produção econômica o mundo rural é um espaço de vida (WANDERLEY, 2009), englobando relações sociais, modos de fazer, táticas e estratégias de produção e negociação. Tedesco (1999) destaca que existe um *ethos* no qual se consagram valores e visões de mundo ligado a terra, trabalho, família. Como nos lembra Woortmann (2002) a terra não é só mercadoria, pois, na racionalidade do colono/agricultor ela representa sinônimo de identidade, simboliza herança e sucessão, em contraposição a racionalidade dos latifundiários na qual ela significa poder e status.

Enquanto socióloga preciso considerar que participo do mundo social que ora busco compreender e descrever, como ressalta Louis Pinto (1996). Praticar o distanciamento, na nossa ciência, é mais difícil do que nas ciências exatas, outrossim é deveras importante fazê-lo. Pinto também recomenda que adotemos a premissa de Durkheim, de tomar os fatos sociais enquanto coisas, para que possamos constituir um corpo de conhecimentos independente em detrimento de impressões particulares. A pesquisa é também uma relação social, e assim sendo “envolve condições sociais de possibilidades” (ibidem, p.40), a construção do objeto, por seu turno, tem ligação direta com o olhar do pesquisador e por conseguinte com “ seu modo de apresentação, nas perguntas formuladas e, até mesmo, nos silêncios, ingenuidades propositais ou provocações”(ibidem).

Essa questão de que a relação de pesquisa é concomitantemente uma relação social, também foi preocupação de Bourdieu (2008). Essa relação, segundo tal, exerce efeitos nos resultados que serão obtidos, e, portanto estes precisam ser reconhecidos e dominados, através de uma “prática refletida e metódica” (ibidem, p.684). Procurando sempre, seja com qual agente for, estabelecer uma comunicação não-violenta conforme preconizado por Bourdieu (2008, p.695), através de uma “escuta ativa e metódica”, com respeito profissional e controlando as assimetrias, entre outros. Eu concordo que a pesquisa é uma relação social, porque além de você adentrar um espaço privado e/ou uma rotina particular de outros indivíduos, com uma questão de pesquisa, você também é interrogado sobre o motivo de estar ali, sobre sua vida e convidado a dar opiniões sobre as coisas do cotidiano, especialmente sobre assuntos políticos. A pergunta mais recorrente que eu recebi, por sua vez, era porque eu fui estudar no Maranhão e outras coisas ligadas a este descolamento.

Fazendo etnografia, e associando teorias da Sociologia e da Antropologia, percebi que tanto quanto você apreende sobre seus pesquisados, tanto você aprende sobre você enquanto pesquisador. Assim como o trabalho escrito será seu olhar sobre o campo, assim também o campo exerce força sobre esse olhar e a forma como você olha. Parece que estou fazendo um brinquedo com as palavras, mas o que quero dizer é que fazer pesquisa é andar em uma via de

mão dupla, você apreende informações e aprende, de certa forma, com elas. Desta maneira quanto mais informações colhidas, mais propriedade para falar sobre o campo você terá, mais experiência e desenvoltura como pesquisador também, porém mais responsabilidades e ciência das limitações, ou seja diversos “mais” para racionalizar.

Falando em etnografia, vale destacar que este método constituiu minha pesquisa, a qual aliei com as técnicas de entrevista, questionário e fotografia⁴¹. O diário de campo foi minha ferramenta principal, uma vez que “transforma uma experiência social ordinária em experiência etnográfica, pois não só restitui os fatos marcantes que sua memória corre o risco de isolar e descontextualizar, mas, especificamente, o desenrolar cronológico objetivo dos eventos” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 67).

Não somente pelo fato de outrora ter empregado tal método (como explanado anteriormente na parte que falo sobre as motivações) que resolvi reutilizar nesse contexto, mas também por considerá-lo oportuno para o problema em questão, uma vez que ele promove uma aproximação com os interlocutores e seu cotidiano, especialmente no que tange ao trabalho com a produção do leite e suas respectivas nuances, pois “vale mais a pena escutar os nativos do que interrogá-los, não somente para ouvir suas próprias classificações, mas também para evitar receber as respostas que não seriam senão o espelho das questões e expectativas do pesquisador” (WEBER, 2009, p. 29). Desta forma, com a observação, característica do método etnográfico, Florence Weber (Ibid. p. 29) ressalta que alcançaremos “simultaneamente as práticas e as visões de mundo dos nativos”, tão caras para nossa ciência social.

Segundo Geertz (2013, p. 15) a etnografia⁴², com sua respectiva descrição, possui três características: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ (...). Há ainda, (...) uma quarta característica (...), pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica.” Por seu turno, o emprego de tal metodologia, vai permitir, nas palavras de Geertz (Ibid. p.38), “descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias (...)”. A descrição da etnografia é densa, e neste trabalho dissertativo segue uma tentativa de aprender e posteriormente apresentar “uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas”, como já alertava Geertz (Ibid. p. 7).

⁴¹ A fotografia bem como a entrevista, enquanto técnicas de pesquisa merecem também ser objetos de ponderações. Acerca do uso da fotografia, ver inflexões propostas por Samain (1994; 1995), Godolphim (1995) e Achutti (1997). Sobre o uso e estruturação da entrevista ver Bonni e Quaresma (2005).

⁴² Vários autores, além dos mencionados no presente escrito, problematizam acerca do uso do método etnográfico e seus desafios, tais como Malinowski (1978), Fonseca (1998), Eckert e Rocha (2008), entre outros.

1.3 BREVES NOTAS SOBRE A ETNOGRAFIA E O *ESTAR LÁ*

Observar o familiar parece problemático à primeira vista. E de fato o é. Estranhar o familiar requer um exercício de inversão, no sentido de questionar tudo que se visualiza, mesmo o que, por conta dessa familiaridade, pareça irrelevante em demasia. Fazer pesquisa em Ciências Sociais, é neste ínterim, observar algo em específico, um recorte, sem perder de vista a amplitude do mundo social. Compreender, antes de qualquer outra coisa, que no caminho da pesquisa é preciso se desprender das certezas calcadas em anos de senso comum.

Embora afinada pelas lentes de diversas teorias sobre o mundo rural, reconheço a dinamicidade e complexidade deste espaço, e as diversas formas de compreendê-lo por mim (enquanto pesquisadora), pelos agricultores, pelos agentes do(s) mercado(s) e pelos agentes políticos. Podemos e devemos observar os elementos objetivos de um cenário, outrossim as interpretações e reflexões acerca dele tem um toque subjetivo. Assim com há uma série de elementos materiais, há também elementos sensoriais. Observar, palavra simples, ação complexa.

Quando decidi escrever o projeto de mestrado sobre minha cidade natal, Santo Cristo, no final de 2015, para submeter a seleção do mestrado, eu sabia que a vindoura escrita dissertativa seria complexa. Em outras palavras, embora a caminhada tivesse que ter os cuidados epistemológicos redobrados, poderia resultar em um belo trabalho. Os limites entre estranho e familiar são tênues, tudo está mais interligado que outrora, e se no início a Antropologia se dedicava as sociedades ditas primitivas e longínquas, hoje isso é praticamente uma quimera. Nossos interlocutores leem - ou pelo menos tem acesso - nosso trabalho, um “constrangimento” que os “clássicos” não tinham.

No entanto, quando passei a refletir sobre pesquisar a Vila Sírío, da qual sou natural e na qual vivi dezessete anos, logo percebi que meu olhar, agora, estava domesticado teoricamente (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). A formação que tive ao longo dos quatro anos e meio de graduação (2010-2014), fomentaram o ensejo de pesquisar o objeto em questão. Não é algo gratuito, é algo amadurecido ao longo da minha contínua instrução acadêmica. Ao longo da graduação, por seu turno, sempre me dediquei a questões afoitas ao mundo rural, participando de projetos e eventos ligados a tal, como referido outrora.

Portanto, o nosso respectivo “esquema conceitual”, novamente nas palavras de Cardoso de Oliveira (1998, p.19), é nutrido pelo nosso “itinerário acadêmico”, delineando nossa perspectiva de observação, constituindo uma espécie de “prisma”.

A respeito da utilização do método etnográfico nesta pesquisa, acredito que o mesmo estava em conformidade com o respectivo problema de pesquisa. A pesquisa empírica, por seu turno, necessita ser ancorada em reflexões teóricas. Como sobrelevado, há diversos autores que problematizam acerca do método e da prática em questão. Associar perspectivas clássicas e contemporâneas parece conveniente. A prática etnográfica (associada com as técnicas e recursos de pesquisa) apresenta vários momentos, alguns de entusiasmo e ocorrências em acordo com o planejado, alguns de desânimo e problemas operacionais. Isto não é uma regra e/ou uma observação etapista. Na realidade cada campo de investigação e, por conseguinte o método utilizado, contemplam um universo particular e complexo. O saber e o fazer antropológico, por seu turno, são plurifacetados, assim como a vida social em si.

Há que se destacar ainda que o método etnográfico não é propriedade exclusiva da antropologia/ciências sociais, guardadas as devidas proporções do rigor empírico e analítico, pode ser utilizado por outras áreas do conhecimento, se este método estiver em acordo com o respectivo problema de pesquisa. Em tempo, vale sublinhar que a etnografia não é o único método da antropologia⁴³ e que a interlocução entre as ciências humanas e principalmente sociais é importante na construção do conhecimento.

A escrita científica, especialmente antropológica - associando ao meu campo de investigação empírica - é como plantar uma área de milho. Inicialmente você precisa escolher um terreno propício para o plantio (no sentido de relevo e inclinação, e em casos adversos recorrer a incrementos químicos e/ ou alternativos, e fazer curvas de nível se necessário) e caso a terra esteja pobre em fertilização, adubá-la. Na escrita, por sua vez, você escolhe um tema, que não advém de uma escolha aleatória, tem haver com sua respectiva trajetória pessoal e acadêmica, e o adubo seria as leituras teóricas orientadas a partir da vossa escolha. Então se planta a área escolhida, com o selo que a cultura requer.

A escrita é como o plantio propriamente dito, você está semeando em um arquivo sua percepção analítica em conformidade com recortes teóricos, por vezes algo escrito não germina, mas você ainda tem uma área considerável para explorar e, por conseguinte, colher. Com o perdão dessa segunda analogia, destaco que escrever, na minha compreensão, não é somente o ato de associar palavras coerente e coesamente, é também todo um preparo antes e

⁴³ Sobre esse aspecto ver Peirano (1995).

depois do ato. Tanto as linhas escritas e mantidas, quanto as linhas apagadas e reescritas são parte deste processo. É muito mais complexo quando você se prontifica a trazer para seu texto falas que não são suas e problematizar a cerca delas. O que operei neste trabalho foi como “caminhar em ovos”, porque ao mesmo tempo em que eu me propus transcender a análise bibliográfica, eu trouxe percepções que não eram minhas, mas ainda sim com um olhar meu. Uma caminhada difícil, porém possível e necessária.

Ancorada nas notas do diário de campo, nos questionários, nas entrevistas transcritas, nas fotografias, na revisão bibliográfica eis-me refletindo a cerca do escrever e consequentemente do fazer pesquisa em ciências sociais. Embora a Sociologia seja uma ciência como as outras que assim se intitulam, diferente de tais, necessita constantemente justificar sua existência intermitentemente. Toda hora seu status é contestado. Por isso que esmiuçar detalhes epistemológicos, que sob um primeiro olhar parecem ínfimos demais para problematizar, merecem atenção. Nesse sentido as dúvidas e receios que circunscrevem este trabalho, estão manifestas, uma vez que os descaminhos também fazem parte do trajeto. A pesquisa e o pesquisador em evidência de análise, ou melhor, criadora e criatura.

No dia 23 de fevereiro de 2016 regressava a Santo Cristo, depois de uma temporada nas terras quentes e ventiladas da capital maranhense, São Luís. Trazia na bagagem o peso da responsabilidade de realizar uma pesquisa empírica, cujo rigor científico equipara-se ao grau de formação, logo muito mais pesado do que na graduação. Meus pais já sabiam que eu estava voltando para fazer pesquisa lá, na Vila Sírío, embora não compreendessem a razão dela, foram “preparando o terreno” para que ela acontecesse nas vias de fato. Eles falaram com os vizinhos mais próximos, dizendo que eu teria de fazer uma pesquisa para a Universidade e pedindo se eu poderia visitá-los posteriormente. Até hoje meus pais e interlocutores (as) não compreendem o motivo da minha pesquisa, sempre alegaram que não havia nada de novo para investigar e não concebem um estudo sem razão pragmática. Ficava um pouco mais razoável quando lhes contrapunha a produção de leite no Rio Grande do Sul versus a produção no Maranhão.

Um dia antes de iniciar a investigação empírica, um dos interlocutores veio me questionar a respeito: - “*Tá, mas o que realmente tu quer saber? Tem haver com a contabilidade da propriedade? O que tu está estudando?*” Na ocasião expliquei que almejava descrever a agricultura da Vila Sírío hoje e pensar como ela era também há vinte anos. Sr. Rodolfo⁴⁴ comentou em contraponto: - “*Humm, interessante, se tu pensar por exemplo o*

⁴⁴ Nome fictício. Todos os nomes utilizados não são nomes próprios, com exceção do nome dos meus pais.

arado, hoje em dia ninguém usa mais!” E nesta conversa comentei que na manhã seguinte gostaria de acompanhar a ordenha na respectiva propriedade. Ele autorizou e me indicou que chegasse por volta das 06h15min para fazê-lo. É de praxe que a ordenha da manhã seja cedo, pois posteriormente as vacas são levadas a pastagem, isso é regra em todas as propriedades.

Meu campo empírico não teve grandes aflições como outros pesquisadores eventualmente enfrentam, principalmente aqueles que investigam contextos de conflito, e muitas vezes são confundidos com agentes fiscalizadores do Estado. Minha entrada nas propriedades era fluída e não havia preocupação por parte dos meus interlocutores de eu estar ali, afinal eu era “*a Froelich*”, acredito que seria um pouco diferente caso fosse algum desconhecido que o fizesse. Mesmo assim sempre ligava com antecedência de um dia, para comunicar que no dia seguinte estaria “acompanhando a ordenha”. Acredito que seria um tratamento diferenciado caso fosse alguém “de fora chegando”, pois eu, independente da titulação, sempre serei filha de agricultores, logo, chegava com roupas simples e não tinha/tenho medo do gado e/ou nojo de estrume como provavelmente algum cidadão poderia ter.

Embora meus interlocutores tivessem dúvidas (apesar de explicar várias vezes do que se tratava) do que eu estava pesquisando, se esforçavam (comentando acerca da produtividade, das dificuldades, relatando seu dia, mostrando a respectiva caderneta de anotações quanto ao manejo bovino, etc.) do modo deles, para me auxiliar. Repetidas vezes quando me despedia agradecendo, depois de finalizar o acompanhamento daquele dia, eles retrucavam dizendo: “- *De nada. Espero que isso ajude no teu estudo. Pode vir quantas vezes precisar*”. Da mesma forma solicita eles preencheram os questionários e separam um tempo para a entrevista. Não posso dizer que meu campo foi complicado, não em questão de acesso e participação dos envolvidos.

Na propriedade 1 (dos meus pais) a entrevista foi em uma noite, depois de assistirmos novela, e foi uma conversa bem animada, apesar deles ficarem resabiados com o gravador. Na propriedades 2, a entrevista foi depois do almoço, conforme preferência deles. O Sr. Rodolfo gosta de falar, sempre tem assunto, e quando acompanhava o serviço da ordenha ele comentava que eu deveria vir em outro horário, que não o de trabalho, para conversarmos mais. Um dia ele disse (em alemão): “- *Tu tem que vir em um dia de chuva, para a gente conversar mais, tomar mate⁴⁵ e comer pipoca*”.

⁴⁵ Tomar mate/chimarrão/chimas refere-se ao ato de sorver essa bebida típica do/no Sul do Brasil. O chimarrão é preparado (há várias maneiras de prepará-lo, a mais habitual requer o uso de uma tampinha) e servido em um

Na propriedade 3 a entrevista foi de noite, depois da ordenha. Nesta ocasião o meu pai foi junto, e ao final da entrevista comenta para o Sr. Lucas: “- *Tu falou muito bem para quem tem pouco estudo, fiquei impressionado*”. Realmente o Sr. Lucas falou bastante, dominando a conversa e elencando vários detalhes. Na propriedade 3, diferente das outras entrevistas que foram com os casais, nesta apenas a Sr^a. Mônica respondeu, e foi bem rápida. Desta vez a mãe me acompanhou, já que as duas são amigas de infância, e embora a entrevista tenha sido curta, após desligar o gravador começou um diálogo adicional entre as duas, sobre a produção de leite e a rotina de trabalho, aliás este é o assunto mais recorrente na Vila Sírío. Portanto, estranhar o ordinário, com fins descritivos, é/foi para mim o mais difícil. Escrever é complexo.

A entrevista da propriedade 5 foi em um domingo de tarde, nesta ocasião além da minha mãe, também minha irmã caçula nos acompanhou, afinal queria visitar a amiga, filha do casal em questão. Elas não foram com o objetivo de ouvir a entrevista, elas foram passear naquela casa. Que é uma das formas de lazer no interior. As pessoas se visitam, compartilhando chimarrão e comes. Diferente do que ocorreu nas outras casas, nesta os dois filhos acompanharam toda a entrevista, nos outros casos os filhos acompanharam apenas uma parte; E na minha falta de destreza como pesquisadora, não colhi o depoimento deles também. O conteúdo das entrevistas será aprofundado no terceiro capítulo.

Quanto aos questionários que entreguei aos agricultores (levei um questionário impresso, com perguntas fechadas, o qual deixei alguns dias com a família para que eles pudessem respondê-lo com calma e ao seu tempo, e em seu complemento elaborei e combinei as entrevistas) todos os cinco foram respondidos. Em 3 das 5 propriedades, meus interlocutores me confiaram que seus respectivos filhos transcreveram suas respostas, ao passo que eles próprios ficaram com receio de algum erro ortográfico. Senti necessidade de aplicar um questionário como sendo uma forma de driblar a minha familiaridade excessiva, eu

recipiente denominado cuia (advindo de uma planta, o porongo, mas pode também ser de outros materiais, como madeira, vidro ou porcelana), através de uma espécie de canudo denominado bomba (pode ser de inox, alpaca e até ouro e prata). Consiste basicamente em água quente e uma erva de coloração verde, que advém de uma árvore cujo nome científico é *Ilex paraguariensis*. É consumido diariamente em vários momentos do dia, especialmente em casos de visita. Quando fiz as entrevistas, sempre fui recepcionada com um chimarrão/mate. Diz-se que tomar chimarrão é um hábito herdado das culturas indígenas. Há uma variação gelada, o tererê/tereré, consumido especialmente no verão, cuja erva apresenta uma tritura mais grossa (na verdade há muitas ervas de chimarrão, principalmente no RS, que possuem a mesma tritura da erva do tereré, a “moída grossa”, o que diferencia de fato é essa questão de um ser quente e o outro gelado) e é sorvido frio, com água ou suco. A cuia também difere neste último caso, ou faz-se em um copo de vidro ou em uma cuia cuja matéria prima é chifre de boi revestida com couro. Diz que o tereré é mais habitual no Paraguai (mas há muito tereré consumido no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul, aqui no Brasil), e Santo Cristo dista 405 km de tal. Tanto o chimarrão, quanto o tereré são bebidas consumidas em grupo, reúnem as pessoas, não que isso seja uma obrigatoriedade, mas geralmente o é.

teria desta maneira, materializado seus dizeres. Sendo que parte desses dizeres eu problematizo nos próximos capítulos.

Todos os questionários, os cinco, foram preenchidos e devolvidos. Quando pedia desculpa pelo transtorno, ambos alegaram que não foi custoso, deram aos filhos (com exceção dos meus pais) a função de transcrever suas respostas. Apenas na propriedade 3, o cabeçalho ficou com apontamentos sem preenchimento e que os quais, sem constrangimento, retomei na entrevista, como idade, escolaridade e número de filhos.

Trabalhar com pecuária de leite exige um grande desprendimento pessoal, começa no clarear do dia e termina com o pôr de sol, ou até mesmo aquém. Às vezes, no sossego de casa se ouve o mugido intermitente de uma vaca, que geralmente significa que ela está em trabalho de parto, e aí começa a hora extra de trabalho. Significa também um trabalho adicional para a próxima ordenha, uma vez que o leite produzido por tal não pode ser imediatamente comercializado, dado o período de carência da(s) vacina(s) (geralmente se faz a vacina terracamp, que tem 4 dias de carência e custa cerca de R\$20,00) que recebeu pós trabalho de parto.

O primeiro leite pós-parto, chamado colostro, é indispensável que este seja dado ao bezerro, não apenas por coerência natural, mas porque ele é o melhor alimento para o recém-nascido. Vale ressaltar que embora nesses quatro dias o leite não seja comercializado, mesmo assim a ordenha precisa ser realizada, para salvaguardar a saúde do animal, sendo que uma parte deste é dada ao bezerro, caso fiquem com este último animalzinho. Para tratar bezerros recém-nascidos usá-se uma garrafa, às vezes de pet, com um bico de borracha imitando o teto da vaca. Dão-se em média dois litros de leite por dia para o bichinho, evitam-se maiores quantidades para não gerar problemas no trato intestinal. O bezerro é tratado exclusivamente com leite nos primeiros três meses. É comum que o leite que sobra, deste período de “*carência*”, seja dado para outros bichanos, como cães e gatos. Também há um cuidado adicional para ordenhar essa vaca, ou se ordenha antes das demais e se higieniza o equipamento, ou no final, antes da higienização habitual. Caso seja feito intermitente a ordenha, mesmo assim o leite dessa vaca não tem como destino final o resfriador, ela é direcionada a um tubo/tarro secundário.

Em regra a vaca consegue realizar o parto sozinha, mas quando ocorre do bezerro não estar posicionado corretamente é preciso certa destreza da pessoa que o fizer, reposicionando, caso necessário, o bezerro para sair com as patas dianteiras, seguido da cabeça e o restante do corpo. Quando ocorrem essas situações, pelo menos duas pessoas da família são mobilizadas, enquanto uma reposiciona o bezerro e amarra nas patas dele uma corda para então puxá-lo, a

outra auxilia nessa segunda função, às vezes uma terceira pessoa segura o rabo e tenta acalmar o animal. Tudo fica mais difícil quando é uma novilha (uma vaca-mãe de “primeira viagem”), ainda não completamente domesticada, coices são frequentes, e além da força para puxar o bezerro você precisa de atenção para desviar-se das patadas. Às vezes os ânimos das pessoas que estão realizando o parto também se alteram, principalmente se o parto for demorado.

Em caso de esgotamento físico e insucesso da operação e sob o risco de perder a vaca, aciona-se um veterinário, que usualmente faz uma vacina para dilatar o útero do animal e então puxa o bezerro. Cirurgias são raras. Precisa-se cuidar para que a cabeça do animalzinho não colida com força ao solo no momento da concepção. Geralmente se for machinho o animal é sacrificado ou então vendido, mas usualmente se fica com o animal em caso de ser fêmea, já que futuramente esta será uma vaca produtora de leite. Quando se gasta R\$ 50,00 ou mais em um sêmen de inseminação artificial, há um certo desgosto caso o recém nascido seja macho.

Geralmente os agricultores/as sabem o dia que terminada vaca vai parir. Não apenas por ela estar separada das outras vacas, mas por conta de uma série de características físicas. Certo dia estava auxiliando minha mãe na ordenha e nos serviços adicionais, e quando tocávamos as vacas que ficariam na estrebaria naquela noite minha mãe exclamou: “- *Essa vaca vai ganhar terneiro hoje! Quer apostar?*” Respondi com um sorriso duvidoso e horas depois, na calada da noite, lá estávamos nós auxiliando a vaca a ganhar o tal terneiro e Sr.^a dizendo: “- *Viu, devia ter apostado. Coloca isso no teu trabalho.*”

Embora eventualmente os agricultores acionem o veterinário, eles sabem aplicar as vacinas⁴⁶, realizar partos, aplicar soro nos animais, castrar touros, cortar chifres, alguns fazem

⁴⁶ Para além das vacinas que tratam as doenças mais usuais das vacas e bezerras, vacina-se o gado contra febre aftosa, carbúnculo, leptospirose e brucelose. Febre aftosa “é uma doença viral, altamente contagiosa, que afeta animais de casco fendido, como bois (...)Os principais sintomas são febre, vesículas e úlceras na boca, patas e nas tetas, perda de apetite, salivação e manqueira. Ocorre também redução da produção leiteira, perda de peso, crescimento retardado e menor eficiência reprodutiva. Pode haver mortes principalmente em animais jovens ou debilitados”(<http://www.agricultura.df.gov.br/component/content/article/287-a-secretaria/494-febreaftosa.html>) . O carbúnculo “é uma doença infecciosa aguda causada pela bactéria *Clostridium chauvoei*. Causa inflamação nos músculos, toxemia grave e alta mortalidade, é de extrema importância devido às grandes perdas econômicas que ocorrem nas criações bovinas. Essa doença também é chamada de ‘manqueira’ devido à intensa claudicação apresentada pelos bovinos afetados. A morbidade da doença é elevada, pois muitos animais podem albergar esporos dormentes em suas massas musculares, devido à alta contaminação do solo pelos esporos (...) Os sinais clínicos se caracterizam por claudicação acentuada, geralmente com inchaço da parte superior do membro acometido, apatia, perda do apetite, atonia ruminal, febre, entre outros” (<http://www.ourofinosaudeanimal.com/blog/tag/carbunculo-sintomatico/>). A leptospirose “é uma doença infecciosa de distribuição cosmopolita, causada por bactérias do gênero *Leptospira*, que acomete entre os animais domésticos: bovinos, suínos eqüinos e cães, podendo ocorrer também em animais selvagens. Sua relevância se deve a seu potencial zoonótico, podendo levar a doença humana. No rebanho bovino, assume grande importância devido à marcada perda de produtividade e prejuízos causados pela presença da doença na

inclusive a inseminação artificial (duas das propriedades pesquisadas o fazem). As famílias pesquisadas possuem no plantel um touro, o touro é o “plano b” caso o sêmen artificial falhe. Há um tempo atrás era comum algum vizinho levar uma de suas vacas para cruzar com o touro do outro vizinho, isso caso ele não tivesse um na sua propriedade, hoje contudo, com a difusão da técnica de inseminação artificial isso é cada vez mais raro. Para saber quando uma vaca está no cio se observa o comportamento dela, quando ela fica mais agitada e pulando sob as outras vacas para ser mais exata. É preciso ter cuidado com o animal nesse período, nessas circunstâncias ele fica mais arrisco. Segundo os agricultores uma vaca tem 8 anos de idade produtiva, e tem em média 8 bezerros ao longo desta fase. Uma vaca custa em média R\$3.500,00. Um bezerro fêmea demora 2 anos e 4 meses para chegar à fase adulta e produtora (de leite) e reprodutora.

Embora Santo Cristo seja uma cidade interiorana, ainda sim, alguns moradores do perímetro urbano hostilizam os moradores do meio rural, não diretamente, mas em suas conversas, zombando dos modos de falar e vestir. Há uma pergunta nas entrevistas em que questiono os agricultores sobre o fato de se sentirem valorizados ou não pelo governo e pela sociedade, em geral destacam que não se sentem valorizados e uma entrevista em especial sobrelevou que seu corpo, o corpo do agricultor, muitas vezes com marcas de trabalho especialmente nas mãos é observado: “*Eles olham se as mãos estão sujas, as unhas*” (trecho da entrevista realizada no dia 02.08.16).

propriedade” (<http://www.beefpoint.com.br/radares-tecnicos/sanidade/leptospirose-bovina-epidemiologia-diagnostico-e-controle-31116/>). A brucelose “É uma doença transmissível que ataca os bovinos, outras espécies animais e o homem. A bactéria (germe) localiza-se no útero, na placenta e/ou no úbere das fêmeas doentes, e nos testículos de bovinos infectados (...)” (http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_149_21720039244.html) .

CAPÍTULO II

“TOCANDO AS VACAS”:

A agricultura familiar de Santo Cristo e a produção de leite

Neste capítulo analiso as práticas envolvidas na bovinocultura de leite, tal como esta vem sendo realizada em Santo Cristo-RS, tomando o caso da Vila Sírío. Pondo em xeque noções como desenvolvimento e modernização, procuro compreender quais foram às *rupturas* no modo de produção agrícola, observadas pelos agricultores locais, e como vem ocorrendo a *continuidade* da agricultura familiar em Vila Sírío diante do significativo aumento da produção de leite. Os termos ruptura e continuidade, respectivamente, advêm da autora Wanderley (2003), importante nome da Sociologia Rural, ora instigando reflexões sobre meu campo empírico de pesquisa.

Como outrora ressaltado na introdução, nessa parte do texto, busco confrontar a realidade pesquisada com a literatura revisada, para fazer avançar o conhecimento sobre a dinâmica das transformações no campo brasileiro. Procuro privilegiar os dizeres dos meus interlocutores/as, bem como o que vi e senti na condição de pesquisadora. Embora diversas vezes tenha recorrido a minha própria memória, de uma criança/adolescente que nasceu e cresceu neste meio rural em progressiva modificação, e que no processo de escrita remeteu perguntas adicionais para seus pais, ora informantes chave, trago aqui elementos colhidos através de questionários, entrevistas e acompanhamento etnográfico.

Bourdieu (2004) já frisava que um dos nossos maiores desafios é trabalhar com um objeto de pesquisa que fala. Não apenas fala, mas também nos observa e nos interpela tal qual fizemos com eles/elas. Há, nesse sentido, um conjunto de situações multifacetadas para serem relevadas. A relação (não necessariamente dicotômica) entre sujeito e objeto da pesquisa é complexa, muito mais na nossa ciência se comparado às ciências naturais, ainda mais quando o campo de pesquisa é familiar.

Destarte até mesmo os emblemas da epistemologia são revisitados constantemente. A prática científica, de certo modo, requer reelaborações. Entre racionalidade e empiria há de haver um equilíbrio. A prática científica não pode ser reproduzida sob automatismos. Querendo ou não as disposições do pesquisador (a) influem no estudo, ou melhor dizendo, seu controle ou a falta dele. Embora a neutralidade inexista, a naturalização é impensável, pelo menos essa é a minha compreensão, e meus esforços vão neste sentido.

2.1 A NECESSIDADE (?) DE MODERNIZAR O CAMPO: ALGUMAS PONDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Há uma espécie de perspectiva modernizante que incide sob nossa sociedade, especialmente no meio rural, tomado repetidas vezes enquanto lugar de atraso, cujas características são- não raras vezes- destacadas como antiquadas. A literatura, grosso modo, destaca a modernização da agricultura brasileira enquanto vetor de transformações socioeconômicas, não somente para os/as agricultores (as) mas também para toda a sociedade envolvente. O desenvolvimento é tomado como palavra mágica de melhoria, está presente em diversos discursos, especialmente políticos. Sobre a modernização agrícola e a especialização produtiva decorrente e/ou incentivada por ela, escreve Teló:

A modernização da agricultura é, ao mesmo tempo, uma causa e uma consequência da expansão do capitalismo no campo e, nesse sentido, contribui largamente para um processo de produção agrícola voltado principalmente à busca de rentabilidade na forma de dinheiro, através da minimização dos custos e da maximização da produtividade. Para isso, é necessário ao produtor agrícola que ele tenha a maior parte de sua produção voltada ao mercado, que esta produção seja especializada e que ele faça uso de equipamentos, insumos e outros produtos cuja origem é industrial. (TELÓ, 2011, p.10)

Muito se fala sobre desenvolver, modernizar e tecnificar a produção agrícola. E na produção de leite, especialmente, a palavra qualidade é tão recorrente que pouco se problematiza acerca dela. Qualidade, na produção de leite, está associada em resumo, a “sanitização” do rebanho e do espaço, “evoluindo” para moldes industriais. Especialmente nos últimos dez anos, na produção de leite de Santo Cristo, uma série de produtos foram incorporados na rotina de trabalho dos agricultores familiares. Produtos, estes, com fins de sanitizar, limpar, desincrustar os materiais, aditivar o manejo/trato e padronizar tanto a produção quanto o leite em si, homogeneizando, portanto, a produção e o produto final.

Uma forma pragmática de exemplificar a modernização da produção de leite é destacando a forma da armazenagem do mesmo. Inicialmente, quando as famílias tinham pouca produção, o leite era armazenado em baldes e refrigerado nos próprios congeladores domésticos. O qual o agricultores/as levavam em um terminado ponto para que o caminhão de leite recolhesse. Essa informação tenho da minha memória, pois em dias de chuva meus pais me acordavam para lhes auxiliar segurando o guarda chuva, enquanto cada um deles carregava um balde de leite. Na madrugada, eles levam o leite para uma espécie de banqueta próxima a entrada da propriedade, a chamada linha de leite, onde o mesmo era posteriormente

recolhido. Somente mais tarde surge o *resfriador de água* elétrico, no qual o leite era armazenado em um recipiente denominado *tarro*, dentro de em uma espécie de caixa na qual esses *tarros* ficavam parcialmente submersos em água gelada. Não lembro quantos graus essa água ficava, mas lembro de que eu enquanto criança, já botei a mão nela por curiosidade (era geladíssima, algo em torno de 4 graus). No verão era comum armazenarmos vasilhames de água e melancias, os mesmos dividindo espaço com os *tarros*. A referida água, do resfriador, era trocada a cada três semanas.

Depois surgiu o que temos de mais atual: o tanque/resfriador a granel com expansão direta do leite. A expansão direta do leite significa que da ordenhadeira ele vai direto para o resfriador, através de canos. A aquisição do tanque/resfriador acaba sendo positiva em dois sentidos: é considerado mais higiênico (na medida em que a higienização ocorre diariamente e não há, como no caso sobredito, água que acumule resíduos) e economiza trabalho braçal. O leite precisa estar na temperatura de 3 graus para ser recolhido, caso não alcance essa temperatura, poderá azedar.



Imagem 03- Tanque de refrigeração de leite na propriedade 5; Vista interna do tanque com leite, da propriedade 1.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

A descrição deste processo, que envolve a modificação dos tanques de refrigeração, embora se apresente simples, não ocorreu de um dia para o outro e nem tão fácil. Os agricultores precisaram fazer empréstimos, muitos o fizeram acessando as linhas de

financiamento do PRONAF⁴⁷, uma vez que o valor destes tanques não é baixo, varia conforme a capacidade e a marca, sendo que o valor mínimo para um resfriador, com capacidade de 500 litros, está aproximadamente R\$ 8.500,00. Além do financiamento do PRONAF, outra fonte de recurso utilizada para incentivar os agricultores a fazerem essa mudança, foi o pagamento de um valor adicional pelos laticínios, interessados em capturar e fidelizar fornecedores de leite. Nesse sentido, essas empresas estimularam a aquisição de tanques como o equipamento da imagem 03.

No entanto, não são todos os agricultores de Santo Cristo que já possuem o resfriador a granel. Embora as cinco famílias pesquisadas possuam, isso não é uma regra geral. Conforme demonstrou a entrevista com o presidente da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural-EMATER de Santo Cristo, existem ainda diversos produtores com menos de 100 litros de leite por dia. Essa quantidade é considerada baixa em termos de produtividade, e muitas empresas sugerem que em breve não farão mais o recolhimento/aquisição de leite de agricultores que operam com esse nível de produção. Segundo o presidente há muitos agricultores desistindo por falta de mão de obra. Dessa entrevista longa, de mais de uma hora, destaco uma parte em que o referido presidente reflete a cerca da especialização produtiva do leite em Santo Cristo:

Pesquisadora: O senhor concorda que os agricultores de Santo Cristo vem se especializando na produção de leite e priorizando os cultivos ligados a essa produção?

Entrevistado: (...) Os agricultores estão se especializando e cada vez mais a gente vê a própria legislação [exigindo], antes nós tínhamos uma legislação, aí depois entrou outra. A Instrução normativa 51, e hoje nós falamos em normativa 51 e 62. As pessoas que tem afinidade com o leite elas vão aos poucos se adequando conforme as normas, e se não se adequarem elas também vão sendo cada vez mais excluídas da atividade. E assim, (...) vamos dizer que há mais tecnificação, eles usam animais de ponta, usam uma dieta para os animais, usam, uma parte, que vai pro veterinário, [ou seja] uma assistência mais direcionada, muitos agricultores pagam o veterinário próprio e outros fazem uma parceria com as empresas que elas

⁴⁷Partindo da definição (um fragmento dela) concebida pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, temos uma visão geral dessa política: “O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do País”. Disponível em : <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-creditorural/sobre-o-programa> (Acessado dia 06.02.17). Sobre o surgimento do PRONAF, a autora Helena Vieira (2014) denota que nos anos de 1990, dado a expressiva atuação dos movimentos sociais ligados à questão agrária, juntamente com a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag) e suas campanhas anuais do chamado Grito da Terra Brasil “conquistaram a implementação do Programa de Valorização do Pequeno Agricultor (Provap), que em 1993, seria o início, a gênese, do Pronaf (p.42)”. Em 1996 o Governo Federal lançou o PRONAF em detrimento do PLANAF- Plano Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar, datado em 1995. A então recém-criada política fundamentou-se nas bases do PLANAF, e tinha como objetivo principal “proporcionar o aumento da produção agrícola, a geração de ocupações produtivas e, conseqüentemente, a melhoria da renda e da qualidade de vida dos agricultores familiares” (ibidem, p. 43).

vendem sua produção, então essas empresas pagam uma parte os produtores outra. Eles fazem uma assistência direcionada, diretamente pra incrementar na produção, eles trabalham muito na parte de animais com alta produção, trabalham com uma dieta dentro daquela realidade, usam um manejo diferenciado. As pessoas estão fazendo a sua parte, que seria pra qualidade do leite, estão se tecnificando. Inclusive quanto a pastagem, procuram alternativas e procuram melhorar a qualidade do alimento que eles fornecem aos animais. (Trecho da entrevista realizada no dia 06.06.16)

Na Vila Sírío há o caso de uma mulher que possui duas vacas de leite, cuja produção é voltada especialmente para o consumo familiar, embora ela já tenha tentado comercializar o leite cru/*in natura*, não obteve sucesso. Atualmente com sua produção diária de 20 litros, ela produz também queijos do estilo “*colonial*”, que comercializa entre a vizinhança. Outrossim, ela não investe na produção, tal qual as propriedades pesquisadas, porque o leite não constitui a maior fonte de renda da família. Embora ela e sua família residam no meio rural, a maior fonte de renda da família advém de trabalho assalariado. A família da Sr^a. Amanda é constituída por ela, o marido e seus dois filhos (20 anos; 06 anos). O marido e o filho mais velho trabalham fora da propriedade, na sede da Vila Sírío. A propriedade é pequena, cerca de 10 hectares, tendo duas vacas e outros animais de pequeno porte, como galinhas. Ela mesma costuma trabalhar com diarista quando alguém lhe convoca.

A ordenhadeira, podemos dizer, é um equipamento elétrico constituído respectivamente por um motor (alimentado por energia e óleo diesel concomitantemente) que dá origem a uma espécie de vácuo, este passa por canos que irão até as *teteiras*, que por sua vez serão acopladas nos tetos do animal, quatro respectivamente. O vácuo produz energia mecânica que extrai o leite da vaca, que por seu turno, passa por outro cano cujo destino é um reservatório, deste reservatório por fim vai para o resfriador. Esse procedimento é feito em cada vaca, e dura em média de 5 a 10 minutos. Embora um conjunto tenha quatro *teteiras*, nem sempre todos os animais possuem os quatro tetos aptos para a extração do leite, isso ocorre porque os mesmos podem ter complicações no nascimento ou alguma doença, como a mamite. Em todas as propriedades pesquisadas, pelo menos uma vaca estava nessa condição. Nesse caso, se improvisa uma tampa, que será colocada no bocal da *teteira*, a fim de não deixar sair o referido vácuo.



Imagem 04- A sala de ordenha em três propriedades. Propriedade 2, 3, 5.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Vale ressaltar que embora todas as famílias pesquisadas possuam a expansão direta do leite, isso não é a realidade para todos em Santo Cristo, há famílias que tem apenas parte da expansão, tendo que levar o leite até o resfriador com um *tarro*. Mesmo que os animais possuam os quatro tetos para a extração do leite, há ocasiões em que o animal, através de coices e pulos, consegue desprender a *teteira*, nessas situações o jogo precisa ser recolocado rapidamente, o que requer agilidade. Situações adversas como essa exigem atenção, uma vez que o animal pode danificar a máquina (pisoteando) e liberar o vácuo fazendo os outros conjuntos caírem também.

Nas cinco propriedades pesquisadas apenas uma delas não possui a denominada sala de ordenha. Esta sala, em contraste com a estrebaria convencional, tem um nivelamento entre as vacas e a pessoa que está realizando a ordenha, ou seja, a pessoa fica em um nível abaixo do gado, para fazer então a ordenha em posição ereta. Sem esta sala, a ordenha fica de forma obtusa, “o ordenhador” flexiona os joelhos e a coluna para operar o equipamento denominado *teteira(s)*.

Mas, a sala em questão, também apresenta desvantagens, uma é que domesticar o gado para entrar nessa estrutura requer certo desprendimento no início, esforço que se repete quando se tem uma nova vaca; outra questão é que a montagem da estrutura é custosa, variando conforme o tamanho, na faixa dos R\$ 10.000,00. Outro agravante que contribui para que boa parte das famílias não invista nessa estrutura é quando percebem que a atividade

agropecuária tende a se encerrar com o casal, ou seja, os filhos saíram ou pretendem sair da propriedade.

No dia 28.04.16 estava acompanhando a ordenha na propriedade 3. Era hora da ordenha vespertina, por volta das 17 horas e 30 minutos. Já para o final da ordenha havia uma vaca nova que teria que adentrar a sala. Foi preciso laçá-la pelos chifres e então puxá-la sala adentro. Fui convidada a auxiliar nesta tarefa, e meu ofício de pesquisadora mudou para membro de uma “equipe” que estava encarregada de levar o animal até a sala de ordenha, que por seu turno estava estressado e “teimoso”, creio que pesava mais de 500 kg.

Toda essa estrutura passa por um processo de higienização diariamente, depois da ordenha, higienizando então a ordenhadeira, os canos, e o espaço em geral. O resfriador é higienizado após o leite ser recolhido pelo caminhão, ou como dizem, pelo *leiteiro*. Já a sala de ordenha, que é revertida por paredes de cerâmica, é limpada semanalmente com um lava-jato.

A priori utilizavam detergente comum, de cozinha, e a água não era, como hoje o é, aquecida em 75 graus. Atualmente, por questões sanitárias, uma série de produtos é exigida para esse processo. Várias empresas cobram tal qualidade neste procedimento de limpeza, inclusive, um profissional dessas empresas, como ocorre com a Lactalis, costuma visitar as instalações mensalmente e verificar a utilização dos produtos requeridos, bem como o espaço em geral, cobrando regularmente melhorias. Os agricultores, em geral, consideram essas exigências necessárias, no entanto, destacam que em alguns meses do ano não conseguem tirar lucro da produção, considerando esses novos gastos, em determinados períodos é comum ouvir a frase: “- *A gente paga para trabalhar!*”

Vale ressaltar que não são apenas os gastos com os produtos de higienização e trato alimentar que “pesam” no bolso dos agricultores, mas também o cultivo do milho para a silagem, por exemplo. Para cultivar, em média, 1 hectare com milho, o agricultor gasta R\$ 360,00 em adubo, R\$ 580,00 em sementes, R\$ 120,00 em uréia (fonte de nitrogênio), R\$ 36,00 em defensivo, R\$ 140,00 em serviço de trator (caso não tenha um próprio e R\$15,00 se tiver trator próprio, em diesel). Investe R\$ 360,00 (considerando diesel e hora de trabalho para um terceiro ou R\$ 25,00 caso tiver um trator) em serviços de trator por hectare, para fazer silagem, e neste último caso mais R\$ 250,00 em lona. Do valor bruto da renda do leite, que é mensal, fica em média de 30 a 40% líquido, ou seja, mais de 60% é gasto. O valor bruto é retirado no banco (via depósito bancário) que fica no centro da cidade, e quando a mesma se encontra movimentada é comum o pessoal brincar entre si dizendo que “hoje é dia da nota de leite” e/ou “o pessoal veio pegar o cheque do leite”. Cada empresa tem um dia específico para

efetuar o pagamento, mas em geral é no início do mês. Outra coisa comum, na Vila Sírío, é as pessoas que trabalham com leite quantificarem os produtos comprados considerando o valor que recebem pelo litro de leite, por exemplo, uma calça é equivalente a x litros de leite.

Balsan (2006) pontua que a modernização agrícola⁴⁸ no Brasil foi progressiva e pontual, e provocou alterações estruturais no espaço rural, especialmente relacionados à produção, e que nesse sentido a modernização incentivou a especialização agrícola, variando regionalmente. Com esse processo de modernização, conforme essa última autora, o aumento no consumo dos insumos químicos e mecânicos fora notável. Isso se confirma na Vila Sírío.

As terminologias como desenvolvimento, expansão econômica e produtiva, tecnologia e capitalismo, para além de palavras que aparecem cotidianamente nos diálogos, são também contextualmente situadas. Em Santo Cristo o desenvolvimento é associado à tecnologia, esta quanto mais moderna e atual é considerada melhor. A tecnologia é bem quista, no sentido de que diminui o desprendimento de esforço físico em determinadas tarefas e possibilita o aumento da produção, que, por conseguinte gera mais renda. É impensável, hoje, ordenhar, 24 vacas, que produzem cerca de 350 a 400 litros por dia, manualmente. Os dados secundários a que tive acesso, do município, através da prefeitura, não exploram essa questão de quantos produtores estão com certo nível tecnológico ou não, mas através das conversas que tive com meus interlocutores/as foram elencados alguns produtores de comunidades vizinhas que ainda tiram leite manualmente, mas sua respectiva produção é baixa e são casos isolados.

Em todas as entrevistas, bem como nas conversas informais e sublinhado nos questionários, os agricultores consideram importante a inserção de novas tecnologias na agricultura, como facilitadoras, no sentido de tornar o trabalho menos penoso e suprir a falta de mão de obra na propriedade, possibilitando aumentar a produção e a lucratividade. Quanto à rotina diária de trabalho, subscrevo as respostas dos questionários:

Pergunta do questionário: Conte um pouco da sua rotina de trabalho ao longo do dia.

Propriedade 1: Bem, de manhã levantamos cedo e nos dirigimos para o local de trabalho. Fazemos a limpeza e depois tratamos as vacas. Começa-se a ordenha e

⁴⁸ Como problematizado em texto anterior (FROELICH, 2015b) o Estado teve e tem participação fundamental neste processo de modernização agrícola, subsidiando diversos projetos e políticas. Conforme apontado por Carneiro (2015), por exemplo, a elaboração e conseguinte aplicação da Instrução Normativa número 51 e 62 (referente à produção de leite no Brasil) por parte do Ministério da Agricultura e Pecuária, demonstra a supervalorização da qualidade cunhada única e rigorosamente nos moldes industriais, e uma exigência estatal sem o necessário suporte. Sobre a Instrução Normativa 51, Jonatha Carneiro (2014, p.23) destaca que “A (sic) partir de sua instauração, inicia-se uma corrida pela modernização no processo da ordenha, priorizando a questão da higiene, adequação a temperatura ideal do leite e o tempo limite para sua refrigeração e logística”. Sobre essa questão das INs ver Santos e colaboradores (2016) e Coletti; Perondi (2015) que analisam a repercussão dessa legislação para produtores no sul do Brasil.

depois levamos as vacas para a pastagem e buscamos silagem. De tardezinha repete-se o serviço da manhã.

Propriedade 2: Acordar as 05h00min horas, tomar mate até as 06h00min horas; tocar, ordenhar e tratar as vacas até as 08h00min horas; tomar café; largar as vacas na pastagem até as 11h00min horas; tratar as vacas “no cocho”; pegar silagem manejar cercas e pastagem; plantar; colher; levar as vacas na pastagem as 15h00min horas; buscar as vacas para tratar às 17h00min horas; ordenhar até as 18h00min horas.

Propriedade 3: Levantar cedo para tomar chimarrão, fazer a ordenha, tratar os animais, tomar café, tocar as vacas no pasto, preparar o almoço, providenciar pasto para alimentar as vacas e novilhas. Almoçar, tomar chimarrão, manejar os animais para o acesso a água e ao pasto. Buscar as vacas para ordenha, ordenhar, fazer ração e alimentar os animais novamente e tocar as vacas para o pasto.

Propriedade 4: Acordamos as 05h30min, ordenhamos e na sequência vou para a linha de leite e a esposa dá sequência nas atividades da propriedade (retirada da silagem, manejo das vacas para a pastagem, trato dos terneiros e a tardinha ordenha).

Propriedade 5: Pela manhã levantamos às 05h15min e tomamos chimarrão, depois vamos para a ordenha, tratamos as vacas no “canseis”, os terneiros (as), voltamos para a cozinha, tomamos café, depois pegamos pasto (silagem), as vacas são tocadas para a pastagem, e outros serviços diversos. Paramos no meio dia, almoçamos. A tarde continuamos os trabalhos a fazer e a noitinha novamente ordenhamos as vacas. Depois da ordenha são colocados na pastagem e no dia seguinte buscá-las novamente para a ordenha.

Cada propriedade rural tem um resfriador, no qual fica armazenado o leite *in natura* para que o *freiteiro/leiteiro* recolha a cada dia, geralmente isso ocorre à noite, mas varia conforme a *linha* de cada empresa. O *freiteiro*, por sua vez, anota a quantia em uma espécie de cartão, na qual constam os dias do mês, seguidos da anotação que o mesmo faz sobre os litros daquele dia e um espaço para a rubrica (imagem 05). O *freiteiro* faz a medição do leite e anota no cartão, sendo que o agricultor o fez anteriormente também, eventualmente as medições são discordantes, mas isso é uma exceção.

Uma vez por mês é feita uma coleta - a parte- de uma amostra do leite produzido em cada propriedade, que é levada ao laboratório para mensurar elementos físico-químicos, tais como a contagem de células somáticas (CCS) e a bacteriana total (CBT), gordura, proteínas e o volume. Também mensura-se a quantidade total (imagem 05).

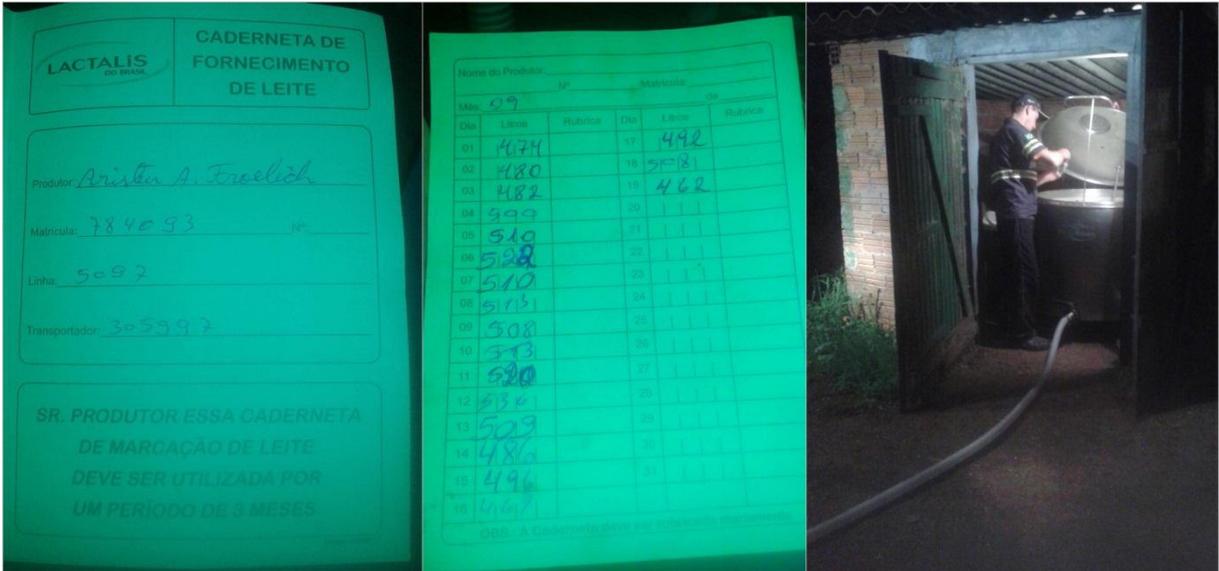


Imagem 05- Caderneta/cartão de leite; Freteiro mensurando os litros com uma régua de inox, na propriedade 1.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

O valor pago ao produtor diz respeito as características supracitadas, que, por conseguinte, configuram a qualidade da produção. Quando os vizinhos se encontram é comum a pergunta: – *Passaram nas células somáticas?* – *Quanto estão ganhando e quanto ganharam no mês passado? Para quem estão vendendo?*

The document is titled 'RESUL.TADOS ANALISES DE LEITE' and contains the following data:

Data	Análise	Tipo Análise	Unidade	Resultado	Laboratório	Alerta
05/06/2016	CCS		CCS/ml	> 1000	UPF-Passo Fundo	1
05/06/2016	EST		g100gr	13,03	UPF-Passo Fundo	
05/06/2016	LACTOSE		g100gr	4,39	UPF-Passo Fundo	
05/06/2016	PROTEINA		g100gr	3,54	UPF-Passo Fundo	
05/06/2016	ESD		g100gr	8,93	UPF-Passo Fundo	
05/06/2016	GORDURA		g100gr	4,1	UPF-Passo Fundo	
05/06/2016	CBT		UFC/ml	6	UPF-Passo Fundo	

Mensagem:
 1 - Atenção CCS elevada - revise procedimentos e equipamentos.

Imagem 06- Extrato de pagamento do leite ao produtor, da propriedade 2.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

As famílias da Vila Sírío (das 5 propriedades pesquisadas, 4 o fazem) que vendem seu respectivo leite para a multinacional francesa Lactalis⁴⁹, tem seu produto, em grande parte, processado como leite em pó, queijo ou *whey protein*, segundo a entrevista que fiz com um técnico de originação⁵⁰ da empresa. Segundo esse mesmo agente, o valor atribuído ao litro de leite possui os seguintes condicionantes:

Pesquisadora: O valor pago pela empresa a cada produtor sob seu respectivo litro de leite varia?

Técnico: Sim

Pesquisadora: Como é feita essa mensuração do valor?

Técnico: Hoje é considerado assim, é feito um pagamento, a gente paga por qualidade. Então o preço é formulado, 60% do valor o preço base seria 60% do valor do CEPEA. É um órgão que analisa o preço médio de produtores a nível nacional, então 60% desse valor é considerado preço base, tem um valor adicional de mercado que é estipulado pela empresa, que vai estipular as variações de mercado, vai ter épocas de variações de mercado, oferta e procura, demanda, então é do mercado. O restante teria bonificações em cima de volume, gordura, proteína, contagem bacteriana e células somáticas. (Trecho da entrevista realizada no dia 12.05.16)

No que se refere ao trato do gado, segundo relatos e através da observação, verifica-se que ele tem recebido periodicamente incrementos. Até mesmo a produção da silagem, atualmente comum, não é algo antigo. Os agricultores/as dizem ter aprendido a fabricá-la na prática, por vezes, no início, errando e perdendo aquele montante. Embora a silagem possa ser feita com outras plantas, como a soja, os produtores privilegiam o milho, ao constatarem que tal auxilia a aumentar a produção de leite. Antes do trator e do carretão entrarem em cena no meio rural, a estratégia para diminuir o desgaste físico, era trazer a silagem para perto do galpão onde ocorre o trato:

Nós já começamos com um bom volume de leite, mas tinha bastante coisa feita manualmente em comparação com hoje. Como carregar pasto, a silagem era carregada no carretão com o garfo. Não era carretão basculante, ou aquele vagão que hoje tu passa no lado e trata. Aquela vez tinha que carregar com o garfo, manual, e tratar com cesto. **Nos primeiros anos a gente fazia silagem perto do galpão.** O silo era aqui do lado. Você carregava os cestos com carrinho de mão. Era difícil, nos

⁴⁹ “A multinacional francesa Lactalis é uma empresa de capital fechado, que se tornou o maior grupo de laticínios do mundo (...) Com a compra de grande parte dos ativos da LBR e da divisão de lácteos da BRF, se tornará provavelmente a maior captadora do leite do Brasil” Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/artigos-especiais/quem-e-a-lactalis-90961n.aspx> (Acessado dia 06.02.17)

⁵⁰ Essa é uma denominação da própria empresa, no caso a Lactalis. Refere-se à pessoa responsável por visitar as propriedades, fazendo vistorias relativas aos procedimentos de higiene. Ele é chamado pelos agricultores para conversar a respeito do preço pago pelo litro de leite, quando há insatisfação. Podemos dizer, portanto, que o técnico de originação funciona como um braço da empresa mais próximo dos agricultores.

tínhamos 40 vacas e tratava tudo à mão. (Trecho de uma entrevista realizada no dia 25.07.16.)

A silagem, no caso dos agricultores da Vila Sírío, constitui a base alimentar do gado leiteiro, principalmente porque pode ser tratada o ano inteiro, independente da estação. Trata-se do milho triturado, disposto em uma espécie de monte, com cerca de 60 metros na horizontal e 8 metros na vertical. Esse milho fermenta na ausência de oxigênio, uma vez coberto por no mínimo duas camadas de lona e terra, esta última serve para segurar a lona em casos de vento forte e intempéries climáticas. Um monte de silagem tem durabilidade de pelo menos 2 anos (mas no geral é utilizado em menos tempo), no entanto precisa ficar fermentando no mínimo 3 semanas.

Embora hoje, o “*fazer silagem*” seja facilitado pelo uso do trator (anteriormente a colheita era manual), ainda sim necessita de certo trabalho manual no que se refere a cobrir o monte com a lona, para tal são necessários pelo menos duas pessoas, um rolo de lona pesa em média 100 kg e a disposição dela precisa ser exata, uma vez que qualquer parte descoberta pode comprometer todo o monte, no sentido de que ele precisa ser completamente isolado pela lona, caso contrário putrifica. Uma vez auxiliei na prática desse serviço e realmente é bastante cansativo, uma vez que o vento pode ser seu inimigo, caso sopra forte a lona voa e todo seu trabalho precisa ser repetido.

A silagem tem um aroma bem característico, dificultoso de se descrever quando não tenho nenhum referencial para compará-lo. Facilmente se impregna nas unhas e no nariz, e mesmo que incomode um pouco, é ótimo na produção de leite, em termos de produtividade. Os agricultores controlam quantos litros cada vaca produz diariamente, se você lhes questionar escolhendo uma vaca aleatoriamente eles dirão. As vacas que produzem mais leite recebem também mais trato. Uma das propriedades pesquisadas possui um equipamento de ordenha mais moderno, e este marca a quantidade de litros de cada qual, seguidamente a Sr.^a Zuleica me chamava para que eu visualizasse as quantidades.



Imagem 07- Monte de silagem na propriedade 1; Vacas comendo silagem na propriedade 5.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

No quadro a seguir verificamos as principais características do manejo/trato do gado bovino, variando eventualmente algum e outro produto de uma propriedade para outra. Outrossim todas tem a silagem e as pastagens como estratégias produtivas, sem exceção.

TRATO DO GADO DE LEITE NA VILA SÍRIO
Ração: Farelo de milho + Farelo de soja+ Farelo de trigo+ Farelo de arroz;
Silagem (Milho fermentado na ausência de oxigênio, através de um armazenamento com lona);
Suplemento vitamínico mineral para bovinos com probióticos;
Alkamix- Aditivo tamponante para ruminantes;
Medicamento homeopático complementar para controle de mastite ou mamite e infecções do casco em bovinos;
Feno (Gramma em feixes, desidratada no sol);
Milho verde (picado no momento do trato);
Pastagens: Aveia de inverno/verão + Gramas (pastagens permanentes) + potreiro (espécie de campo fechado, com grama e água);
Mandioca e/ou casca de melancia + cana de açúcar + capim elefante (eventualmente picotados para os bovinos)

Quadro 02- Relação do trato bovino.
Fonte: Elaborado pela autora.

2.2 A AGRICULTURA DE SANTO CRISTO: EXÍGUAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RUPTURAS E CONTINUIDADES

Creio que não é possível falar do caso de Santo Cristo como exemplar para o Noroeste Gaúcho, mas, creio que ele é exemplar e paradigmático do processo mais amplo de modernização da agricultura familiar especializada na produção de leite.

Contudo não devo falar em agricultura jogando o conceito de modo “cru”. Vale destacar que a agricultura de cada lugar (geograficamente falando) possui suas respectivas características regionais⁵¹ e modos de fazer, com o privilégio de determinadas culturas⁵² agrícolas, geralmente - mas não exclusiva e especificamente - em diálogo com as características edafoclimáticas do ecossistema local. Embora eu esteja relevando em alguns momentos do texto o caso agrícola brasileiro, de modo geral, vale novamente frisar que cada local possui sua respectiva estrutura fundiária, e logo uma diversidade (isto não quer dizer popular) relativa à ocupação das terras e organização.

O campesinato de origem europeia no sul do Brasil tem características peculiares derivadas dessa composição. No caso de Santo Cristo, a maioria da população tem ascendência alemã, mas em outros lugares do estado há outras como a italiana e a polonesa. A maioria dos moradores de Santo Cristo tem essa configuração por conta de alguns elementos como as características fenotípicas, os sobrenomes, a fala e/ou compreensão do dialeto alemão (no caso os jovens mais compreendem do que falam), autonominação. É comum as pessoas, principalmente de mais idade, se dirigirem a você falando em alemão, quem vem de outros locais estranha isso, e mesmo que a pessoa não esteja falando em alemão, sempre há uma expressão ou outra no meio do diálogo. Mais detalhes quanto a essa configuração serão retomados e aprofundados no terceiro capítulo.

2.3 “HOJE TUDO É MAIS COM MAQUINÁRIO”: A ROTINA DO TRABALHO COM A PECUÁRIA BOVINA NA VILA SÍRIO

Primeiramente, vale sublinhar que a pesquisa partiu de um caso particular do possível, ou seja, tratar o caso da especialização dos agricultores de Santo Cristo, como um caso particular das possibilidades de transformação inscritas no processo mais geral de modernização tecnológica da agricultura. Desta maneira, quando coloco os agricultores da

⁵¹ A agricultura no Maranhão, por exemplo, conforme Carneiro (2013) é cravejada de disputas pela propriedade e pela posse da terra, deflagrando embates entre capital e trabalho. Nesse sentido, segundo ele, observa-se a influência do capitalismo e dos movimentos sociais sob a agricultura maranhense. No Rio Grande do Sul, por seu turno, a ocupação das terras se cedeu em contraste, de acordo com sub-regiões: “O Rio Grande do Sul possui uma história contemporânea de ocupação do território marcada pelo estabelecimento de grandes propriedades fundiárias de criação de gado em suas áreas de campos, sobretudo na parte mais ao sul do estado, e de colônias de imigrantes pequenos proprietários nas áreas de florestas, sobretudo ao norte” (PICCIN, 2012, p.21).

⁵² Empregada no sentido de plantio(s).

Vila Sírío em questão, trata-se dos interlocutores da pesquisa que seriam uma espécie de amostra. No sentido de que a fala de uma pessoa carrega concomitantemente conotações pessoais e do grupo, e há uma heterogeneidade de opiniões e modos de compreender, no caso as mudanças no cenário agrícola.

A ordenha ocorre duas vezes ao longo do dia, todos os dias, a primeira cedo da manhã e a outra de tardinha. A ordenha da manhã costuma ser muito cedo, por volta das 06 ou no máximo 07 horas, pois após a ordenha as vacas são direcionadas as pastagens, e por conta do desconforto térmico que começa a acontecer por volta do meio dia, são realocadas para um local com sombra e água. Isso tem haver com o fato de que o desconforto térmico gera estresse no animal o que por seu turno pode diminuir a produção de leite e causar doenças. Na volta da pastagem os animais costumam ficar em um espaço chamado *potreiro*, nesta área cercada por arame farpado, há abundância de sombra e água, esta última quando não disposta de forma natural, é providenciada em caixa d' água.

Todas as propriedades possuem açudes, algumas têm poços artesianos e outras utilizam da água encanada para a ordenha. A água é necessária, não apenas para suprir as necessidades fisiológicas do gado, pois, quanto maior a ingestão de água melhor para a produção de leite, mas também para a limpeza do espaço de ordenha. De forma diferente do que ocorria no passado, atualmente os (as) agricultores (as) utilizam um líquido especial antes e após a ordenha para a higienização dos tetos, com a utilização da água só em casos de sujeiras extremas. Se aplica o chamado Pré-dipping⁵³, geralmente o produto *Hexiderm*, e após alguns segundos tira os excessos com um guardanapo, para cada teto, que deve ser descartado na sequência. Após a ordenha se o usa o Pós-dipping, *Dermagel*, ambos com função antisséptica. Um frasco de cada qual custa em média R\$220,00, de 5 litros.

⁵³ De acordo com a publicação do site Milk Point “o principal propósito do pré-dipping é ajudar a prevenir novos casos de mastite ambiental”, pois, geralmente “as vacas entram na sala de ordenha trazendo bactérias ambientais na pele do teto”, de forma que “o objetivo do pré-dipping é garantir a eliminação destas bactérias do teto”. (<https://www.milkpoint.com.br/anuncie/novidades-dos-parceiros/pre-e-posdipping-com-antissepticos-iodados-75114n.aspx>) Acessado em: 02/02/2017.

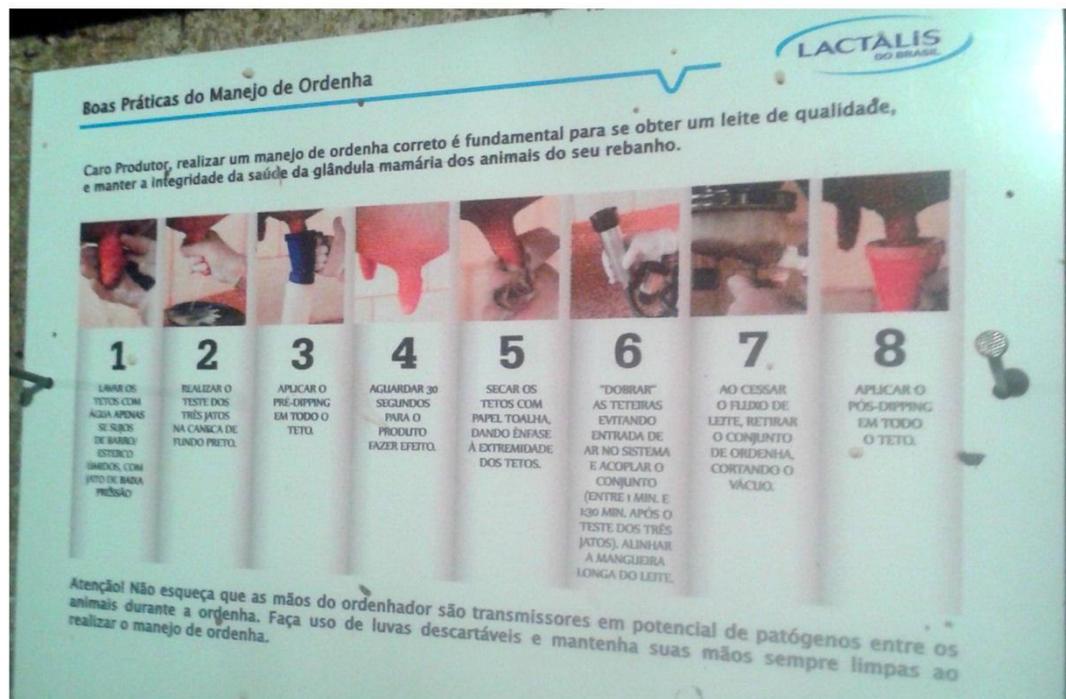


Imagem 08- Lembrete afixado na parede quanto aos procedimentos necessários para a ordenha, na propriedade 1.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Enquanto o supracitado *potreiro* é cercado com arame farpado e apresenta duas porteirosas de madeira, os chamados piquetes são fechados com arame do tipo liso e energizados, a chamada cerca elétrica.

Na propriedade 1 (dos meus pais), na qual não há sala de ordenha, os animais ficam posicionados no mesmo nível de quem opera a ordenhadeira, de forma que os animais são amarrados na frente, onde recebem trato, e nas patas traseiras. É fortemente recomendado o uso de botas de borracha, não apenas para evitar que você pise em dejetos dos animais, mas também para salvaguardar seus dedos dos pés, caso uma vaca se prontifique em porventura esmagá-los, embora dor maior seja receber um golpe do rabo do animal diretamente nos olhos, só quem já experimentou isso vai conseguir captar a intensidade dessa colocação. Para colocar a ordenhadeira você precisa flexionar os joelhos e dobrar a coluna, evitando durante a colocação da máquina, que o ar entre na *teteira* antes de apregoá-las nos tetos, caso contrário às outras (é um jogo de três conjuntos de *teteiras*) podem cair.

Nas outras propriedades que possuem a sala de ordenha, quem opera a máquina fica em um nível abaixo dos animais, de forma que você pode colocar a *teteira* em posição ereta, outrossim, também é preciso cuidar com os rabos. Nesse caso os animais não estão amarrados, mas dispostos em uma estrutura que de certa forma prende o animal, protegendo a

pessoa que está colocando a *teteira* de eventuais patadas dos animais. Contudo, mesmo nessa situação, alguns acidentes podem acontecer eventualmente, como no caso de dedos quebrados. Há uma técnica comum, utilizada em todas as propriedades pesquisadas: caso o animal esteja dando muitas patadas se ergue o rabo dele o máximo possível, esse movimento de certa forma puxa os músculos das pernas evitando que o animal dê patadas, ou pelo menos diminuindo consideravelmente a força e o alcance. É comum esse procedimentos quando estão domesticando as novilhas que viraram vacas.



Imagem 09- A estrutura da sala de ordenha das 4 propriedades.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Não por acaso a primeira pergunta em minhas entrevistas era relativa à percepção dos entrevistados quanto as possíveis modificações acerca da vida no campo. As respostas destacaram que se considerarmos no mínimo uma década precedente verificamos que diversas mudanças ocorreram no campo, especialmente relacionada à passagem da produção manual para mecanizada, com a aquisição de máquinas e equipamentos, contribuindo para a atividade especializada no leite:

Pergunta da entrevista: Como era a vida no campo quando vocês eram crianças? Vocês percebem mudanças de lá para cá?

Propriedade 1: Naquela época era tudo feito a mão, trabalho manual. Carpir, cortar soja com foice.

Propriedade 2: Lógico! Todo trabalho era manual, com os bois. Plantava soja e milho. Tirava leite à mão.

Propriedade 3: Ah, foi trabalhado mais a mão. Hoje é tudo mais com maquinário. A produção era menor em tudo, né? Trabalhava com grãos. Nós, em casa, trabalhávamos menos com leite. Certo tempo começamos com leite. Eles já tinham mais produção eu acho [família da esposa]. Mas igual era tudo com os bois... É, era tudo mais a mão... Era tudo manual, com os bois.

Propriedade 4: Sim, bastante mudanças! Porque hoje em dia a gente não trabalha mais como antigamente. Porque antigamente era tudo a mão. Tu se judiava mais. Tu trabalhava mais pesado do que agora. Agora isso é bem mais fácil. Muito mais fácil!

Propriedade 5: Está bem diferente contra antigamente. Por exemplo, ele [marido] quando era pequeno, nem luz eles tinham. Hoje tudo é melhor que antigamente. Hoje há facilidade no serviço. O jeito de trabalhar mudou muito de antigamente para cá. Se era para trabalhar como antigamente não sei se dava para produzir tanto. Antigamente você vendia o leite que sobrava, hoje o leite é a única renda da propriedade. Antigamente tinha milho e soja juntos, consorciado.

O trabalho, em Santo Cristo, é associado à honra e à dignidade. Quando é hora de ordenhar, não se para por praticamente nada. E quando há queda de energia elétrica, as famílias prontamente utilizam seu respectivo gerador. No dia 28.04.16, conforme nota do diário de campo (o diário de campo fora feito após cada visita, tão logo chegava em casa), na propriedade 3, a Sr.^a Zuleica⁵⁴ levou uma picada de abelha na mão, durante a ordenha, mas isso não foi motivo para pausar o trabalho, ela apenas balançou a mão, assoprou, queixou-se vagamente e continuou a lida.

Conforme as respostas dos questionários, as famílias pesquisadas começaram a trabalhar com a venda de leite a partir do início dos anos de 1990. Podemos observar a pequena escala e o caráter manual da atividade nos primeiros tempos:

Pergunta do questionário: Desde quando (ano) a família trabalha com a produção e venda do leite? Conte como foi o início dessa atividade na sua propriedade:

Propriedade 1: Há uns 24 anos. No início começamos com 6 litros diários e todo serviço era manual. Não tínhamos resfriador e levávamos o leite na estrada, dentro de um taro de leite.

Propriedade 2: Desde 1995, com 4 vacas e alimentação somente a pasto e ordenha manual.

Propriedade 3: Os avós maternos iniciaram a produção pela década de 60, com a venda de 10 litros diários. Sem energia elétrica até 1979. Para a conservação do leite utilizavam água do poço. Assim foi aumentando com o tempo. **Sempre tentando acompanhar as novas tecnologias que facilitavam/facilitam o serviço.**

Propriedade 4: 1992. Começamos com 7 vacas e a ordenha era no sistema balde ao pé, para realizar a venda o leite era colocado no congelador e na geladeira e levado 1 km até o ponto onde o freteiro o recolhia. Em 1998 foi adquirida a máquina de ordenha e um resfriador a água. Em 2012 foi construído uma sala de ordenha, adquirido um resfriador a granel e um transferidor com 3 jogos de ordenha e aumentado o rebanho leiteiro.

Propriedade 5: Desde 1993. No início ordenhávamos 5 vacas manualmente, resfriávamos o leite na geladeira e levávamos na estrada com um tubo de 30 litros. Depois de 3 anos mudamos para outra localidade, no município de Alecrim, onde então tínhamos ordenhadeira balde no pé e resfriador a água. Também aumentamos a produção. Tínhamos em média de 15 a 20 vacas e trabalhamos 2 anos lá. Depois mudamos novamente para Santo Cristo e continuamos nessa média de vacas ordenhadas, **aumentando aos poucos a produção e o número de vacas.** Em 2004, compramos um resfriador a granel de 700 litros. No começo tínhamos só 160 litros por dia. Mas com muita persistência **continuamos e aumentamos aos poucos a produção, melhorando o plantel de vacas com inseminações,** criando novilhas boas, e nunca foram compradas vacas de fora, todas foram criadas na propriedade. **E**

⁵⁴ Pseudônimo.

assim, estamos nos especializando na atividade, na medida do possível. Às vezes nem tudo acontece da maneira que se quer.

O conhecimento que os (as) agricultores (as) detêm sobre o manejo do rebanho e as doenças que podem acometê-lo é perceptível. Dominam igualmente técnicas de parto e vacinação. Em duas das propriedades pesquisadas, eles mesmos fazem a inseminação artificial. Em dois momentos da pesquisa empírica tive a oportunidade de observar a interação entre agricultor e veterinário que me pareceu mais uma conversa entre pares, pois, as doenças e a medicação necessária para ser utilizada eram conhecidas por ambos. Na propriedade dos meus pais, propriedade 1, o veterinário só é chamado em casos extremos, pois até aplicação de soro aprendeu-se a fazer. Nas propriedades 2 e 3, os (as) agricultores (as) pagam um valor mensal à um veterinário, que fica responsável por acompanhar o manejo do rebanho, ou seja, que funciona como uma espécie de assistência técnica, fato que também ocorre na propriedade 5. Na propriedade 4, só chamam o veterinário em caso de doença, quando a medicação aplicada por eles não surtiu o efeito esperado.

Quanto ao reconhecimento da situação do rebanho, geralmente se (re)conhece determinada vaca pelo úbere. Na propriedade 3, que possui maior número de vacas (50 vacas ordenhadas+ 14 secas⁵⁵+ 60 bezerros) entre as estudadas, aconteceu um caso representativo, que erroneamente não registrei a data, porém lembro de ter presenciado. Ocorreu o seguinte fato: por um breve descuido uma vaca não ordenhada passou para o lado das vacas já ordenhadas. Para reconhecer a vaca a Sr.^a Zuleica verificou os tetos das vacas e reconheceu “a fujona”.

⁵⁵ Diz-se vaca seca para aquele animal que está de 45-60 dias antes do parto, cuja alimentação é diferenciada e da qual não se extrai o leite para salvar o colostro.

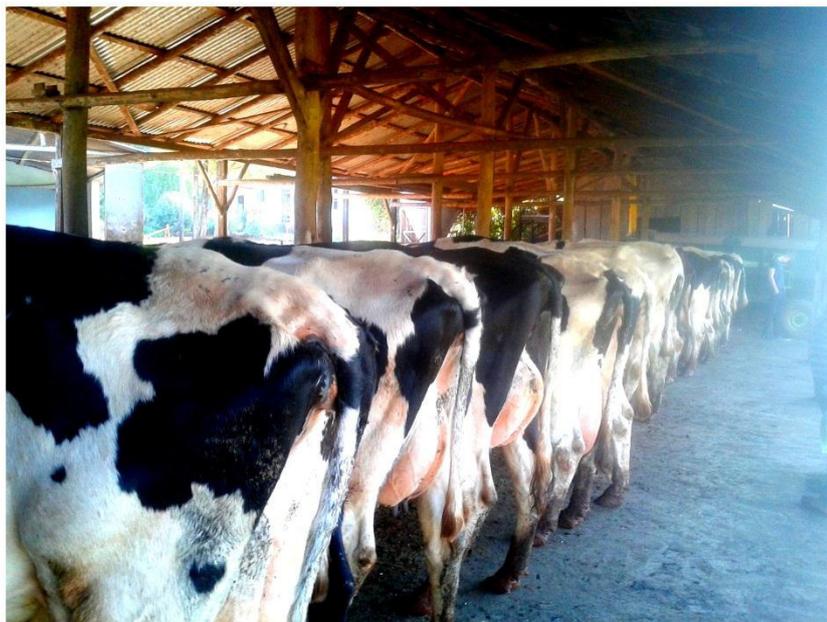


Imagem 10- Gado sendo alimentado na propriedade 5. Pelo tamanho visual dos úberes podemos verificar que a foto ocorreu no momento anterior a hora da ordenha.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Você percebe que a vaca não foi ordenhada quando os tetos estão visualmente “cheinhos”, e estes ficam ligeiramente “murchos” após, sem contar que depois da ordenha é colocado um produto nos tetos, chamado Pós-dipping, cuja ação antisséptica seria para prevenir a mastite. E este apresenta usualmente coloração laranja ou esverdeada. Assim fica ainda mais fácil reconhecer o gado caso se misturassem, outrossim pode ocorrer algum eventual esquecimento desta aplicação. Também se usa o Pré-dipping, que seria para garantir a eliminação das bactérias ambientais nos tetos.

Outrossim, vale destacar que reconhecer o gado não se limita ao fato supracitado. Os agricultores/as, quando questionados, sabem exatamente a idade da vaca, a quantidade de bezerros, a quantidade de litros por tirada, o quadro clínico e a origem genética. Isso, sem dúvida, tem relação com o manejo realizado diariamente. Eles sabem reconhecer quando uma vaca está doente, especialmente porque o seu respectivo consumo de silagem e ração é alterado, além de outras manifestações, como em casos de tristeza parasitária bovina, nos quais o animal apresenta marcante apatia, e em problemas do trato gastrointestinal, nos quais pode-se observar distensão da parede abdominal com notório desconforto para a vaca.



Imagem 11- Placa de trânsito entre a propriedade 2 e 3, em estrada rural; Gado na pastagem de aveia na propriedade 1(casa dos meus pais); Gado entre o galpão do trato e a sala de ordenha na propriedade 2; Gado na sala de ordenha, na hora desta, propriedade 3; Gado também na sala de ordenha, na hora desta última, propriedade 4; Gado no galpão do trato, na propriedade 5;

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Durante o inverno a produção de leite aumenta, principalmente pelas pastagens de aveia. Outrossim, realizar a ordenha da manhã, no inverno, com temperaturas baixas e até negativas, exige um esforço adicional que envolve o levantar da cama bem cedo e o manuseio dos equipamentos. Nessa época do ano, quando o pessoal vai fazer a ordenha da manhã, costumam dizer que “*está tudo congelado*”. Com essa colocação não querem dizer somente que seu respectivo corpo está sofrendo com a baixa temperatura, mas também que o equipamento não funciona adequadamente, pois, às vezes, as mangueiras que vão da ordenhadeira para o reservatório ficam duras, geralmente as feitas de material plástico, já que as elaboradas com silicone lidam melhor com baixas temperaturas. O vácuo não funciona tão bem e é comum as *teteiras* caírem mais nesse período. Em uma das propriedades pesquisadas, a ordenhadeira é mais sofisticada e se desprende sozinha ao final, dos tetos vai ao centro da sala de ordenha automaticamente. Mas quando digo que a ordenhadeira caí, é dos tetos ao chão.

Realizar a ordenha, embora duas vezes ao dia, é uma atividade relativamente rápida e simples. O que exige mais esforço são os serviços adjacentes, que igualmente precisam ser repetidos duas vezes ao dia. A tabela a seguir esboça uma estimativa a respeito do tempo gasto nas tarefas ligadas a ordenha, contudo esse tempo é relativo, variando conforme o

tamanho do rebanho, a sofisticação dos equipamentos e a quantidade de pessoas envolvidas. Além das tarefas expostas na sequência, há também outras, como o plantio, o parto, planejamento, buscar medicamentos e materiais, entre outros. A ordenha, conforme observado na imagem 08, inclui oito momentos/etapas. Esses oito momentos precisam ser repetidos em cada vaca. Nesse sentido a captação de leite exige serviços que precedem e sucedem-na.

TAREFAS	DURAÇÃO APROXIMADA
A. Ordenha	1h30min
B. Limpeza dos equipamentos e do espaço	40 min
C. Tratar as vacas nos “cochos”	20 min
D. Conduzir as vacas para a pastagem e buscá-las	35 min
E. Aplicar medicação	10 min
F. Banho com medicamento para eliminar pragas	20 min
G. Manejo de pastagens	24 h
H. Coletar e transportar silagem	40 min
I. Manutenção de porteiras, cercas e equipamentos	2 h
J. Manejo do gado que não está em lactação	40 min

Tabela 03- Tarefas relativas à ordenha.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como dito, o tempo exposto na tabela 03, varia de propriedade para propriedade, pois está relacionado com o número de vacas, a produtividade do plantel, o comportamento dos animais, a potência da máquina, a quantidade de jogos de *teteiras* e a quantidade de pessoas ordenhando. O item C, referente ao trato bovino, varia bastante também. Na propriedade 1 o trato ainda é parcialmente manual e o animal consome o alimento concomitante a ordenha, enquanto que na propriedade 3, por exemplo, o trato é exclusivamente com o trator, e ocorre pós-ordenha, assim o tempo empregado por este último é menor. O item D, por sua vez, varia conforme a distância da pastagem (os pastos não são todos próximos dos locais de ordenha).

O item E, não apresenta nenhuma regra específica, vai de acordo com a necessidade. O item F é mensal, mas, podemos incluir aqui o controle de pragas realizado manualmente, como muitos o fazem com os carrapatos (através do uso associado de carrapaticidas com a eliminação manual das pragas) e aplicação de medicamentos tópicos (as miíases⁵⁶ tratadas geralmente com a utilização de inseticidas em spray) que é praticamente diário. Observar o gado é importante, uma vez que para além das pragas, os cortes e machucados nas vacas também precisam ser tratados, especialmente aqueles perto do úbere.

A atividade de manejo da pastagem (item G) não é contínua, mas é demorada e exige bastante esforço. Os agricultores realizam a prática da rotação de pastagem, de forma que os locais onde pasto é plantado não são fixos, variando conforme as características de cada propriedade e do nível de consumo do rebanho remodeladas conforme o pasto é consumido. O estabelecimento de um bom pasto está relacionado com a qualidade do capim plantado e do investimento na adubação do solo e no controle das pragas. Outra atividade que integra o manejo da pastagem refere-se à colocação de postes e alinhamentos dos *piquetes*, energizando o arame e reparando a cerca caso seja necessário.

A coleta e transporte do alimento armazenado nos silos (item H) são realizados diariamente, com exceção dos domingos, cuja porção de trato referente a tal é armazenada no sábado, para salvaguardar o lazer do domingo de tarde. O item I também varia conforme necessidade. O manejo do gado que não está em lactação (item J) refere-se ao trato, direcionamento ao galpão durante a noite, medicação e curativos, domesticação dos bezerros, novilhas e touro. Também vale sublinhar que existem outros animais para alimentar e cuidar, caso da chamada pequena criação (peixes, galinhas, porcos, etc.), dos animais domésticos (cães e gatos) e dos bezerros destinados exclusivamente para engorda e posterior consumo da família. Há também a necessidade da realização de serviços domésticos, serviços com o jardim, horta e pomar. Ainda, os agricultores precisam manejar os dejetos produzidos pelo gado. De acordo com as entrevistas que realizei, todos associam a adubação orgânica e química na atividade agrícola ou do manejo das pastagens, aliando métodos considerados como mais tradicionais (compostagem) com aqueles designados como mais modernos, através da aquisição de insumos agrícolas industrializados.

Se quisermos encontrar um agricultor em casa, durante a semana especialmente, precisamos chegar antes da ordenha matinal, na hora do almoço ou da *sesteada* (no inverno

⁵⁶ Infestação de larvas de moscas na pele ou em outros tecidos de animais, conhecida também como *bicheira*. Deve ser tratada o quanto antes, uma vez que interfere na produção leiteira, mas não apenas isso, também aumenta a possibilidade de infecções secundárias e em casos graves, mutilações e até a perda/morte do animal.

ela não acontece, sendo que escurece mais cedo), ou de noite, pós-ordenha, quando geralmente, pelo menos na Vila Sírío é assim, o pessoal está olhando novela na televisão e tomando chimarrão. Aos finais de semana a ordenha também acontece, mas os serviços que não são extremamente necessários são deixados para a segunda-feira. É muito difícil as vacas fugirem da propriedade, porque já são domesticadas e tem fartura de água e alimento, é mais comum que isso ocorra com os bezerros e novilhas, e então eventualmente alguma hora do descanso dominical é sacrificado para trazer algum animal de volta a propriedade. É difícil que alguém venda uma vaca em período produtivo, mas, quando isso ocorre, elas costumam dar mais trabalho para serem alocadas no caminhão que servirá de transporte, quase como se tivessem apego a determinadas propriedades e pessoas.

Os interlocutores brincavam com o fato de eu lhes visitar na hora da ordenha dizendo que queriam uma ajudante e não uma pesquisadora. Tenho certeza que mais algumas visitas e eu faria participação observante em todas as propriedades. Um dia fui à propriedade da Sr.^a Zuleica sem aviso prévio, pois não consegui ligar, já era a terceira visita, e ela disse em tom jocoso que eu não precisava avisar, pois eles ordenhavam diariamente. No dia 10.04.16, por volta das 07h30min da manhã estava observando o trabalho na propriedade 3, a Sr.^a Zuleica estava ordenhando, já tínhamos conversado a respeito da pesquisa, então o Sr. Lucas chegou (estava tocando o restante das vacas do potreiro) para auxiliar e tivemos um breve diálogo nesse sentido:

Pesquisadora: Mais uma para fazer pesquisa!⁵⁷

Sr. Lucas: Ah, eu pensei que fosse para ajudar. Risos

Pesquisadora: Posso ajudar!

Sr. Lucas: Éhh, eu sei que tu não te complicaria.

Sr.^a Zuleica: Na verdade aqui até uma criança pode tirar leite! É só apertar o botão.

No diálogo em questão a resposta do Sr. Lucas vem ao encontro do fato dele(s) saberem que eu auxilio meus pais a fazer a ordenha, desta maneira conheço os procedimentos de limpeza e manuseio do equipamento, bem como não tenho medo do gado, outrossim a resposta da Sr.^a Zuleica refere-se ao fato da estrutura que eles possuem ser de fácil manuseio, comparado com a atividade em outras épocas, inclusive a sala de ordenha deles é a mais moderna dentre as pesquisadas.

O trabalho de realização da ordenha é compartilhado entre os membros da família. De manhã os filhos da Sr.^a Zuleica e do Sr. Lucas estão na escola, mas na ordenha da tardinha cada qual tem uma função. A filha que ajuda na ordenha diz gostar muito de fazê-lo e sua

⁵⁷ Como mencionado anteriormente essa família já recebeu visitas de outra estudante.

desenvoltura entre as vacas é de alguém que conhece e de fato gosta de estar ali. De manhã, durante a ordenha, mesmo já tendo tomado chimarrão em casa antes de começar o serviço, eles continuam tomando chimarrão durante o trabalho, e quando eu estava lá minha função era encher a cuia. Uma vez a água do chimarrão acabou e então Sr.^a Zuleica pegou um pouco da água que estava aquecendo para higienizar as máquinas no final da ordenha, demonstrando empiricamente que água utilizada é tão limpa que é inclusive própria para o consumo humano.

Na propriedade 1, por sua vez, a filha caçula (imagem 12) auxilia nas tarefas relativas aos bezerros. Na propriedade 2, o filho mais novo, que ainda permanece na propriedade, também auxilia nas tarefas com os bezerros, no manejo e nos serviços com o trator. Na propriedade 4, por sua vez, a única filha do casal não permaneceu trabalhando na propriedade, ela é assalariada, motivo pelo qual a família vem periodicamente diminuindo o rebanho. Na propriedade 5, dos dois filhos do casal, apenas a filha permanece até então, e quando não está na escola, auxilia na ordenha e nos serviços domésticos.



Imagem 12- Filha auxiliando nas tarefas da propriedade 1; Filha auxiliando na ordenha da propriedade 3.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Santo Cristo, cidade interiorana, apresenta um bucolismo convidativo com suas ruas limpas e organizadas, canteiros centrais com flores e arborizada. Vila Sírío, por seu turno, enquanto distrito, igualmente trás tais traços. Na direção das propriedades pesquisadas, o cenário é padronizado, considerando a época do ano, em geral você avista piquetes de aveia, montes de silagem, poteiros, plantações de milho, pedaços de mata virgem, casas, galpões, hortas e jardins. Talvez soe como ufanismo, mas Vila Sírío é muito agradável, e sua

respectiva quietude é rompida pelo mugido do gado, o cantarolar dos pássaros (especialmente o pássaro chamado quero-quero), e pelo barulho do rádio, ligado em consonância ao trabalho. Este, por sua vez, é um meio de comunicação muito importante no local.

Quando adentramos a propriedade 1, a dos meus pais, logo visualizamos o potreiro, a pastagem, para posteriormente visualizar as casas (da minha avó, dos meus pais e dos meus tios), galpões. A estrada que corta a propriedade, quase ao meio, é demarcada no começo por flores e palmeiras. Capricho que minha vó fez e que refaz depois de cada inverno. Se você entrar desatento nesse caminho, logo se surpreenderá com um cachorro miúdo, que gosta de atentar os visitantes, não afugenta ninguém, mas é um verdadeiro alarme. Você sente, de imediato, cheiro de criação bovina aliado ao frescor da mata, cuja determinada fração da propriedade resguarda. Para mim confere paz, paz de estar em casa, mas dessa vez foi por um motivo diferenciado.

A propriedade 2 é de uma organização que podemos definir como meticulosa. A porteira no estilo que justamente esperamos (no imaginário) de uma porteira. De um lado da entrada há um potreiro com os bezerros, do outro um pomar, para logo na sequência vir a casa, com um jardim jeitoso, a horta frondosa, a garagem, depois os galpões, sala de ordenha e do trato. Para além, açudes e pastagem.

A propriedade 3 é logo na descida de um morro, e quando você adentra a mesma visualiza um conjunto de bezerros recém-nascidos, o futuro da produção de leite está aí, como eles mesmo caracterizam. Inicialmente recebem leite o primeiro leite da vaca-mãe, o colostro, tratado com um litro cujo bico representa um teto. Posteriormente recebem um “pozinho” que substituirá o leite. Desde então começa a domesticação animal. Nessa propriedade há três cachorros de um porte um tanto quanto assustador. A meu pedido meu pai costumava me levar de carro em tal, para que a Sr.^a Zuleica perceba-se de imediato minha chegada e controlasse os cães. Eu tinha medo deles, mas os filhos da Sr.^a Zuleica riam e sempre destacam que os cachorros eram dóceis e queriam apenas brincar. Nesta propriedade há também um pônei fêmea, que uma das filhas utiliza para buscar as vacas na pastagem. É gracioso vê-la encilhando o animal, bem como observá-la cavalgando, há uma sinergia entre ambas.

A propriedade 4, logo na entrada tem o potreiro para na sequência vir a casa, cujo jardim e a organização do espaço de imediato prendem o olhar. Parece uma ode as propriedades pesquisadas, mas o quesito organização é extremamente cogitado. Além do visual, a pragmaticidade dos espaços e dos utensílios é deveras sobrelevado.

A propriedade 5 inicia pelo roçado, para depois virem as benfeitorias. A casa um tanto quanto antiga contrasta com as construções modernas para o gado de leite. A sala de ordenha muito bem equipada, igualmente a sala de trato. Muito verde, da mata nativa bem como das pastagens, isso é recorrente em todas as propriedades. Vale destacar que o termo propriedade é conceitualização dos interlocutores também, e refere-se a titulação da terra lhes pertencer, em suma através de herança familiar, com alguns hectares, em geral, adquiridos posteriormente pelos casais.

As propriedades privilegiam artigos afeitos a produção de leite, outrossim mantém alguns para autoconsumo, tais como feijão, milho pipoca, legumes e frutas. Aliás a cada estação há uma determinada fruta que vigora. Na época do inverno há a bergamota⁵⁸, com suas diversas variações, aparecendo de forma expressiva nas propriedades, sendo consumida de praxe entre as tarefas. Em torno de 25% de cada propriedade mantém área de mata nativa. Inclusive se utiliza madeira dessa área para confecção de postes e porteiras.

Nas cinco propriedades pesquisadas compete à mulher (imagem 13) realizar a tarefa de ordenhar as vacas, com exceção de uma, na qual os dois o fazem pela manhã. Outrossim, enquanto elas fazem essa tarefa, os maridos realizam outras. A divisão de tarefas está presente. No âmbito doméstico isso difere, mas não pretendo explorar isso, até mesmo porque minha aproximação circunscreveu o trabalho com a bovinocultura de leite, com exceção do momento da entrevista, minha presença no ambiente doméstico inexistiu.



Imagem 13- A ordenha nas cinco propriedades pesquisadas.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

⁵⁸ Dizer regional para a tangerina.

CAPÍTULO III

“HOJE SE TU PRODUZIR POUCO NÃO CONSEGUE SE MANTER”: **Percepções sobre as mudanças da agricultura e a modernização técnica**

Este capítulo postimeiro versa sobre as percepções acerca da modernização da agricultura e as representações dos (as) agricultores (as) de Santo Cristo sobre esse processo. Este último incidiu de forma distinta nas regiões do Brasil. As justificações para a especialização e tão logo o aumento da produção são relativas às concepções particulares e atendem situações específicas. Nesta parte do trabalho discuto, portanto, o que os agricultores percebem quanto ao processo em questão, bem como proponho uma explanação da modernização no escopo da literatura especializada. Minha visão, enquanto pesquisadora social é que, a modernização tem aspectos ambíguos e representativos para cada grupo social envolvido, no caso, na cadeia produtiva e comercial do leite.

Sobre abarcar representações, Lenoir (1998) já nos orientava que o sociólogo não deve tomar partido em quaisquer lutas simbólicas e sim analisar os agentes e suas respectivas estratégias, problematizando sobre as representações dominantes. A objetivação sociológica, cara ao nosso ofício, possui duas dimensões segundo tal: “a desconfiança em relação à experiência; e o fato de levar em consideração essa mesma experiência” (PINTO, 1996, p.14).

Esse processo modernizante que incidiu na agricultura tem como um de seus principais beneficiários a indústria de máquinas e insumos agrícolas (rações, adubos, medicamentos veterinários, etc.). Kautsky (1968), Martine (1987) e Graziano da Silva (1987) refletiram, em seus respectivos trabalhos, sobre os impactos sociais da modernização agrícola e a decorrente emergência de novos desafios no campo. Mais ou menos nesta direção é que o presente escrito segue passadas, pegando percepções e projetando-as.

Em Santo Cristo o uso e a apropriação da tecnologia e de técnicas ditas modernas, precisaram ser fomentadas e repassadas, conforme investimentos realizados pelas agências de pesquisa e extensão agropecuária. Os agricultores pesquisados têm também outros parentes que trabalham com a produção de leite, desta maneira quando ocorrem visitas o assunto leite domina as rodas de conversa, é uma espécie de lazer socializado e socializante. Se hoje há certa sinergia entre agricultores e tecnologia, essa interlocução vem de longa data, como indicando nesta pesquisa, de no mínimo duas décadas.

Nesse sentido, a produção de leite parece um assunto banal quando lhe dirigimos um olhar apressado, contudo abarca diversos atores e interesses, englobando questões ambientais

e culturais. A cadeia produtiva do leite se alicerça no campo econômico, mas está para além disso. Quanto outrora falava em complexidade da modernização técnica da agricultura estava justamente me referindo as múltiplas esferas, interesses e agentes que a mesma congrega. O mundo rural, igualmente, está para além de questões exclusivamente econômicas, mas não aparte delas, pois, como perspicazmente nos alertam Garcia Jr. e Heredia, campesinato e mercado sempre dialogaram:

A auto-suficiência não está na economia camponesa; ela é característica, sobretudo, dos que dissertam sobre o universo social sem se deslocarem de suas condições de existência cotidiana, tomando sua imaginação, ou fantasmas, por fatos observáveis. Os grupos camponeses de que estamos tratando – os sitiantes, os agricultores, os lavradores, os posseiros, os assentados – estão sempre inseridos em sistema de mercado, participam do mercado de terras, do mercado de produtos, do mercado de trabalho; há sistematicamente venda e compra de mercadorias. (GARCIA JR.; HEREDIA, 2009, p 223)

Ao traçar uma sociologia das posições em relação à literatura acerca da modernização agrícola, em suas diversas facetas, seja no escopo da economia, da administração, da própria sociologia, nos deparamos com diversas compreensões acerca deste processo, posições frequentemente em embate. Dentro disso há também dois outros extremos. Um é a posição que os agricultores têm diante das circunstâncias práticas que esse processo lhes afere e o outro é a minha respectiva posição, dentro desta espécie de arena social/intelectual.

As posições “em jogo” circunscritas em razões práticas, dos agentes, ou intelectuais da literatura especializada, conjugam um conjunto de percepções sobre um mesmo processo, a saber a modernização da agricultura. E quando colocadas na “arena social” materializam a complexidade de um movimento aparentemente homogêneo.

3.1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NA LITERATURA

Ao retomar a clássica obra de Kautsky sobre a questão agrária no capitalismo Seyferth (2015), discute aspectos que continuam pertinentes, a saber as reflexões sobre o universo rural, tal como as mudanças provocadas pelo capitalismo. Houveram mudanças na economia e nas práticas camponesas, no entanto, segundo Seyferth (ibidem, p10) “prevaleram categorias básicas, entre as quais se distinguem a relação específica com a terra, o trabalho familiar, a renda indiferenciada, a inserção peculiar num sistema de mercado, a antinomia rural-urbana”. Em Santo Cristo, verifiquei igualmente mudanças patrocinadas pelo

capitalismo, ou melhor, pela inserção tecnológica no campo, mas apesar disso, do diálogo mais afinado com o mercado, ainda se mantém as racionalidades, especialmente voltadas para a manutenção do núcleo familiar. A família e o trabalho são tomados como alicerces das relações sociais, e estão intrinsecamente correlacionados.

Os apontamentos de Buainain (2006, p.21) são importantes dentro da minha análise porque eles destacam que o estereótipo da agricultura familiar, a saber “a agricultura familiar como um setor atrasado do ponto de vista econômico, tecnológico e social, voltado fundamentalmente para a produção de produtos alimentares básicos e com uma lógica de produção de subsistência”, não condiz com a complexidade atual da categoria.

Nos anos de 1990, contudo, houve uma “profunda reestruturação do agronegócio nacional, cuja profundidade, extensão e efeitos sobre a estrutura agrária (conjunto de relações sociais e econômicas), em geral, e sobre os agricultores familiares ainda não podiam ser dimensionados com precisão” (BUAINAIN, 2006, p.22). É justamente nesse período que a intensificação produtiva do leite começa a ser preconizada na Vila Sírío, segundo relato das entrevistas e observação de dados secundários, conforme sobrelevado no primeiro capítulo. Se pensarmos em confluências históricas verificamos que a década de 1990, quando o setor leiteiro começou a se estruturar, já estávamos em um período neoliberal, onde o governo não mais tabelava o preço do leite.

Lamarche e colaboradores (1993) fazem uma comparação internacional sobre a exploração familiar da agricultura no Canadá, na França, na Polônia, na Tunísia e no Brasil. E neste último caso, versando sobre as regiões de Ijuí, no Rio Grande do Sul, Leme (SP) e Cariri (PB). A cidade de Ijuí, por seu turno, dista 117, 7 km da cidade de Santo Cristo. Ambas cidades compreendem o que denominamos como a região noroeste do Rio Grande do Sul. Neste estudo, a região de Ijuí é destacada como um local de colonização característico, a saber, predominantemente polonesa, italiana e alemã, o que faz com que vigorem, nas formas de trabalho e vida social, aspectos socioculturais dessa ascendência. A maior parte destes produtores seria segundo os autores: “modernos e bem integrados ao mercado” (LAMARCHE, 1993, p. 29).

A obra susodita, publicada em 1993, fala dos agricultores de Ijuí como produtores de soja, trigo e gado. Nessa época, em Santo Cristo, também havia uma grande dedicação à produção de grãos, o que foi periodicamente transcolado, quase em sua integralidade, para a produção de leite. Não quero dizer com isso que estas culturas foram abandonadas completamente, mas deixaram de ser atrativas e secundarizadas em prol da nova produção que deflagrava com força em toda a região do estado. O Rio Grande do Sul é múltiplo no

quesito produtivo. No noroeste a produção de leite e de grãos são as produções mais significativas, sendo que a primeira é mais expressiva na atualidade. As chamadas colônias velhas (cidades próximas de Porto Alegre, como São Leopoldo e Novo Hamburgo, colonizadas no início do século XIX, a partir de 1925) também produzem leite, mas em escala menor. A região da campanha, da fronteira oeste, sempre teve muito campo nativo, com gado, e atualmente a soja tem ganhado espaço. O litoral gaúcho tem produção de frutas e a serra também tem frutas, principalmente uva e derivados. A região do planalto, como Ibirubá e Cruz Alta, tem produção expressiva de grãos, cuja topografia não é ondulada e as terras são extremamente férteis.

A agricultura do município de Santa Rosa, cidade vizinha de Santo Cristo, foi analisada por Callegaro e Trevisan (2005). Características elencadas por esse estudo também são percebidas em Santo Cristo. Segundo eles, os primeiros agricultores Santa Rosenses instalaram-se na região em 1912, advindos das chamadas “colônias velhas” (CALLEGARO; TREVISAN, 2005, p.262). Antes da chegada desses colonos, somente alguns índios e caboclos habitavam as matas do noroeste gaúcho. Inicialmente estes agricultores/colonos passaram a desenvolver o policultivo, cuja maior fonte de renda advinha da banha de porco. O que, como destacado no primeiro capítulo do presente texto dissertativo, também ocorreu em Santo Cristo. Posteriormente, segundo estes autores, em 1967, houve uma propagação do uso de insumos químicos e mecânicos com a intensificação produtiva da soja e um “fluxo migratório de agricultores para o Norte” (ibidem, 2005, p.263).

Nos anos 80, com a diminuição dos subsídios ao crédito “(que eram destinados principalmente à soja e ao trigo)” (CALLEGARO; TREVISAN, 2005, p.263) houve uma importância crescente da produção leiteira. Problematizo duas questões a partir deste prognóstico: o Estado, por meio de suas ações, como a concessão de crédito e/ou através de políticas públicas, molda em certa medida a(s) agricultura(s); embora não tenha tratado a questão do deslocamento do campo para a cidade ou para regiões de fronteira agrícola, nas minhas entrevistas, sei que esse processo também ocorreu em Santo Cristo, principalmente porque você visualiza casas abandonadas no interior do município e porque sempre tem alguém contando de um parente que foi morar em outro estado, principalmente se fala em Mato Grosso do Sul e ainda alguns que foram trabalhar nas empresas calçadistas da cidade de Novo Hamburgo-RS.

Versando sobre a modernização da agricultura e suas facetas positivas e delicadas, Buainain e Garcia (2013, p.32) destacam que o processo tecnológico impacta/ou sobre a geografia dos lugares, modificando as características edafoclimáticas. Para eles, de modo

geral, a modernização da agricultura é importante, e algo que fazem em tal análise é interessante aqui: “(sic) Apenas uma pequena parcela desses produtores aproveitou as oportunidades surgidas pelo intenso processo de incorporação tecnológica na produção rural, notadamente aqueles localizados nas regiões Sul e Sudeste do país”. Nesse sentido, os agricultores da Vila Sírío podem ser definidos enquanto modernos e tecnificados, se comparados aos agricultores produtores de leite do município de Cidelândia/MA (CARNEIRO, 2016), por exemplo, cuja extração de leite ainda não é mecanizada e não há tanques de resfriamento individual, os mesmos são por vezes coletivos.

Em tempo vale destacar que a sobrelevada diferenciação, entre sul e nordeste, se deve a processos históricos específicos de constituição camponesa de cada respectiva região. Dessa forma é exequível romper com o discurso do senso comum que propaga uma vocação do campesinato sulista cuja exaltação modernista se sobrepõe, e onde as dificuldades de reprodução dos camponeses nordestinos é subscrita exclusivamente a questão de tecnificação e intensificação produtiva.

Nesse ínterim há entre as regiões, os produtores e conseqüentemente os sistemas produtivos, distinções. “Este padrão de crescimento assimétrico da agricultura brasileira contribuiu para difundir a oposição entre pequeno e grande produtor rural, moderno e atrasado, eficiente e ineficiente, rico e pobre, subsistência e comercial ou (recentemente), o familiar e não familiar” (BUAINAIN e GARCIA, 2013, p.33).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Zander Navarro e Campos (2013) acreditam que seja importante a tecnologia aplicada no campo, e mais do que isso, acessível especialmente aos pequenos produtores rurais. Podemos problematizar o uso da terminologia pequeno⁵⁹, destacando que isso não é apenas um determinante territorial, por exemplo, um pequeno produtor no Sul do Brasil pode ser um grande produtor em relação a outro estado e vice versa. Na Vila Sírío a distinção entre grande e pequeno refere-se ao volume de leite produzido diariamente. Assim como existem os agricultores, há também grandes pecuaristas no município, como é o caso de um senhor na Vila Sírío que possui 115 vacas em lactação, com produção de 2.000 litros de leite por dia e que contrata mão de obra assalariada para o manejo do gado e das pastagens.

Jalcione de Almeida (1989) reconhece que os sustentáculos da modernização da agricultura no Brasil seriam o ensino técnico agrícola/agronômico e as instituições públicas de pesquisa agrícola, assistência técnica e extensão rural. Nesse sentido o autor elenca as formas

⁵⁹ Na verdade a questão é mais complexa que isso, pois, Zander Navarro questiona a pertinência da classificação de agricultores familiares no campo brasileiro. Sobre essa discussão ver Navarro (2010).

sociais ligadas às distintas perspectivas tecnológicas na agricultura, como também problematiza a questão tecnológica por meio da análise das diferentes posições no campo tecnológico. Ao discutir as noções em embate, substancialmente a de tecnologia moderna x tecnologia alternativa, Jalcione (ibidem), elenca uma série de agentes sociais e instituições que instrumentalizam e orientam essas propostas, e que por fim traçam uma espécie de luta, neste caso política.

O avanço tecnológico para o autor sobredito advém do capitalismo e a busca por rendimentos maiores, com otimização de energia. A tecnologia, por seu turno, tem uma pluralidade de dimensões: política, social, econômica e até ideológica. E, dadas às circunstâncias, há articulações e enfrentamentos. Nesse escopo, segundo tal, há duas noções básicas em discussão: progresso x preservação. Quando você moderniza, nesse caso a agricultura, você altera não apenas bases técnicas, mas também bases sociais. O referido trabalho é importante na presente reflexão porque demonstra, através de exemplos empíricos, como os discursos, de moderno, por exemplo, são moldados e engatados na realidade por uma série de agentes. O ideal de modernidade é moldado e validado por uma série de Instituições e agentes, esses últimos dentro das primeiras ou não. Um exemplo de terminologia que a especialização produtiva trouxe e tornou corriqueiro no dia a dia dos agricultores da Vila Sítio, foi a ideia de eficiência produtiva. Nesse caso, eficiência é produzir mais, com menos recursos, sejam humanos, mecânicos ou plantel animal.

Maria José Carneiro (1998) embora tenha focado em um espaço social e temporal distinto da presente análise, a saber na chamada aldeia de *Theys* nos Alpes da França, elenca questões importantes e pertinentes a minha análise, por exemplo, como a reprodução social continua sendo preocupação central das famílias e como a modernização (e no caso que ela estudou também o turismo) pode(m) ameaçar e/ou impactar – metamorfoseando – a vida social das famílias. Um ponto relevante de tal trabalho, para o presente, foi o estranhamento que operou ao longo da pesquisa, refletindo sobre ela enquanto pesquisadora mulher e brasileira, e também enquanto pesquisadora e casada em relação aos camponeses alpinos. O texto foi bastante inspirador nesse sentido, embora meu movimento de estranhamento tenha “pecado” na questão de gênero. Eu me vi mais como uma espécie de filha dos interlocutores, já que minha idade é muito próxima da idade dos seus filhos/as, e sendo que tomei meus pais como interlocutores também. O referido livro possui uma potente perspectiva histórica, importante chamamento para nossos trabalhos.

Para Carneiro (1998) ainda a modernização da agricultura francesa foi seletiva e excludente, e isso é um ponto importante para se pensar sobre como o é no Brasil. Outro

ponto alto deste trabalho é a questão de sucessão da propriedade, que é delicado também no lócus da minha pesquisa. Quando questionei, tanto no questionário quanto na entrevista, se os pais gostariam que os filhos continuassem na(s) propriedade(s), gerou dúvidas. Alguns marcaram ‘sim’ no questionário, depois riscaram e marcaram ‘não’. Nas entrevistas apareceu que embora achassem interessante que os filhos prosseguissem na atividade de produção de leite, por já ter certa estrutura, também destacam que era penoso. No campo só se incentiva a ficar os filhos que “*não gosta(m) de estudar*”, como na propriedade 2, em que a filha saiu para estudar e o filho é incentivado a permanecer, sendo que ele (o filho Luís Armando, 17 anos), segundo a Sr^a. Lia, não gosta de fazê-lo.

A modernização, na minha visão, através das lentes teóricas susoditas, trás um modelo de produção que traça uma linha divisória na agricultura brasileira, de um lado quem se modernizou, do outro quem não o fez, e no epicentro quem está pendendo entre esses dois extremos. O meu recorte empírico contemplou os chamados agricultores integrados, que sob uma ótica econômica estariam “melhor” do que aqueles que não o fizeram. Nas entrevistas que exploro na sequência, vemos a questão das empresas que “ameaçam” não recolher mais o leite de quem produz menos de 50 litros por dia. E isso, também foi uma preocupação que apareceu ao longo da entrevista que realizei com o atual presidente da EMATER no município, pois, se Santo Cristo é hoje uma referência regional na produção de leite, existem também esses “outsiders” que pouco aparecem nos discursos progressistas do governo e/ou dos laticínios, e que também por questões temporais e “falha técnica”⁶⁰ não aparecem nesta análise.

3.2 O QUE OS(AS) AGRICULTORES(AS) DA VILA SIRÍO DIZEM SOBRE A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA?

Como destacado preliminarmente em outros momentos do texto, meus interlocutores - os agricultores da Vila Sírío - têm uma visão positiva da modernização da agricultura, eis a tecnologia como facilitadora. Embora coloquem que, em geral, não se sintam valorizadas pelo Estado e pelas pessoas da cidade. São unânimes em dizer, ainda, que houveram diversas mudanças no cenário rural, considerando a época que eram crianças. A visão que eles têm sobre esse processo está circunscrita em uma ordem prática que lhe afeta cotidianamente. Eu

⁶⁰ Na realidade não foi uma falha, foi uma opção metodológica de considerar os produtores estabelecidos, ciente de que um trabalho dissertativo tem diversas limitações e precisa fazer escolhas epistemológicas.

percebo as diferentes óticas a respeito da modernização com se fossem um óculos de grau, cujo grau é definido mediante necessidades de cada agente.

No meu caso, por exemplo, as lentes de observação são moldadas por teorias e percepções experienciadas e ora objetivadas. Quando os agricultores, por sua vez, falam que a tecnologia facilita e amplia a produtividade, querem dizer que “a saúde agradece” as máquinas que vem para lhes poupar emprego de força física e que possibilitam indiretamente o aumento da produção, que por seu turno, aumenta a renda e a possibilidade de aquisição de bens materiais, o que significa em outras palavras, para eles, bem estar e seguridade social para sua respectiva família. Lembro, no alto da minha idade escolar, com 10 anos, que comprar roupa era um evento anual, e limitado não somente ao gosto, mas aos valores das peças. Minha irmã caçula, 12 anos mais nova que eu, já vivenciou outra fase financeira dos meus pais. Ela tem possibilidade de comprar roupa com mais frequência que eu o fiz na infância. Também verifico como nossa casa melhorou estruturalmente falando. Isso é fruto em grande parte da renda advinda da produção de leite.

A especialização produtiva, olhada isoladamente, é por excelência uma questão complexa, contudo aumentou, como susodito, o poder aquisitivo das famílias. Consumir em uma sociedade capitalista é também marcar lugar no mercado, e na vida social. Eventualmente algumas pessoas remetem e restringem o rural ao simples e bucólico, e até o é, mas não apenas isso, as pessoas gostam também de tecnologia e conforto. Nas cinco propriedades pesquisadas, por exemplo, há acesso à internet, é um rural que poderíamos chamar de moderno. Em tempo vale destacar que a linha rural *versus* urbano, na contemporaneidade, é tênue.

A exposição, principalmente do conteúdo das entrevistas, segue a ordem de aplicação das mesmas. A forma de apresentá-las por sua vez, tem uma questão prática. Nessa parte do texto elas são expostas como relato de uma conversa, quase em tom jornalístico. Não são separadas por temas porque cada propriedade (ou melhor, cada agricultor/a) aprofundou determinado ponto ou não, algumas perguntas foram respondidas monossilabicamente e somente através de uma pergunta adicional conseguia um pequeno incremento. A menor entrevista, realizada na propriedade 4, durou cronometricamente 12 minutos e 30 segundos, enquanto a maior, da propriedade 3, durou 43 minutos e 57 segundos. Por essa questão temporal escolhi expor as entrevistas da maneira que segue.

Parece haver uma disposição aleatória das imagens que exponho a seguir. No entanto, destaco que a ideia é colocar uma imagem representativa de cada propriedade e assim explorar um pouco mais o acervo fotográfico, “arquivo pessoal da pesquisa”, que criei.

Embora tenham sido capturadas com um celular, apresentando, portanto uma série de limitações técnicas, servem como ilustrações, mas não somente, são também um completo ao texto (ou uma interlocução com ele) trazendo o cenário da pesquisa para o epicentro do trabalho.

3.2.1 A PROPRIEDADE 2 : Sr.^a Lia e Sr. Rodolfo

A entrevista na propriedade 2, sucedeu na tarde fria (8 graus aproximadamente) do dia 19 julho de 2016, minha primeira entrevista sozinha (como referido anteriormente, a pesquisa que resultou no trabalho monográfico foi feito em conjunto com minha professora), estava ansiosa para verificar a recepção do meu roteiro de questões e minha própria postura vestindo a “bata” de pesquisadora (simbolicamente falando), embora para eles eu fosse apenas “*a filha dos Froelich fazendo um trabalhinho para a faculdade*”. Quando eu cheguei já estavam me aguardando com um chimarrão.

Comecei me desculpando por atrapalhar a rotina deles e os mesmos destacaram que de qualquer forma era habitual o chimarrão após a soneca da tarde, que por sua vez procedia ao almoço, “*não precisa trabalhar sempre*” destaca a Sr.^a Lia, “*nós igual tomamos chimarrão até essas horas*”, complementa o Sr. Rodolfo. Acharam esse o horário mais adequado ao meu pedido, sendo que de noite seria muito frio e eles assistem novela, prática que é, inclusive, comum em todas as propriedades pesquisadas. Ao questioná-los sobre como era à vida no campo quando eram crianças e se percebiam mudanças, recebi olhares incrédulos, como se fosse uma obviedade perguntar aquilo, para por fim, depois de alguns segundos de silêncio, o Sr. Rodolfo desferir: “*Lógico!*”, e eu retrucar: “*O que vocês acham que mudou?*” e o Sr. Rodolfo complementar: “*Tudo! O trabalho era manual, com boi, plantava milho e soja dentro do milho. E as vacas, tirávamos leite a muque*”.

Posteriormente o Sr. Rodolfo complementou dizendo que atualmente o trabalho é mais fácil, porém sobra menos, dado o alto custo dos insumos e máquinas, ou em outras palavras, há um grande investimento na produção e na tecnificação desta. Depois conversamos sobre a origem social dos seus respectivos pais, com eles destacando as tarefas que desempenhavam quando crianças. A Sr.^a Lia, ressaltou que ninguém da sua família estudou (os irmãos), bem como o orgulho que tem da sua filha, que por seu turno, possui ensino superior completo e trabalha na área de formação, como contadora.



Imagem 14- Alimentação das vacas pós-ordenha, na propriedade 2.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Além do gado, eles têm cachorros, gatos, horta, pomar, jardim, galinhas, inclusive comercializam ovos com os vizinhos e também levam no mercadinho da Vila. Conversamos sobre as benfeitorias da propriedade, os veículos e a estrutura em si. Interpelados sobre o motivo de comercializar o leite destacaram que era a opção mais viável sendo que na época possuíam pouca terra, a soja não valeria a pena nessa circunstância (depois de comprar mais hectares de terra, neste último ano, tem parte desta dedicada a soja). Eles sempre produziram leite com intuito final de venda, mas anteriormente tinham também suínos para esse fim. No início, conforme destaca a Sr.^a Lia, tinham 4 vacas, e era ruim tirar o leite manualmente: “quase não consegui mais tirar leite, as mãos doíam”. Este início, segundo eles, foi há 22 anos⁶¹.

O atual plantel do Sr. Rodolfo e da Sr.^a Lia, é formado por 26 vacas em lactação, advindo majoritariamente de criação própria, sendo que 60% é de raça holandesa e 30% de raça jersey. Destacando que a média subiu muito por investimentos realizado na genética e no manejo dos animais. Para adubação das pastagens e roçado em geral, combinam fertilizantes orgânicos e químicos. Estão recebendo R\$1,29 pelo litro de leite, valor que julgam como baixo, considerando os gastos de produzi-lo.

Quanto a essa questão de preço do leite, tenho duas memórias de infância, quando o leite ainda nem chega à “casa do real”, eram centavos. A primeira é que não compreendia porque se discutia tanto quando o leite baixava, por exemplo, dois centavos, e eu na minha cabeça de criança, não entendia porque tamanha discussão por um valor aparentemente

⁶¹ Pensando em termos sócio históricos, foi exatamente nessa época que a produção de leite da região foi idealizada. O Estado então parou de incentivar a produção de grãos, e fazê-lo a pecuária leiteira.

irrisório. Hoje compreendo o que baixar, dois centavos no caso, representa na economia monetária daquele mês. Recordo também dos meus pais comentando entre si que se um dia o leite chegasse ao preço de um real, então ele geraria muito dinheiro, mal sabiam na época que a inflação sucumbiria esse sonho.

Quem faz a inseminação artificial do gado é o filho mais novo (chamado de “*nenê*”, prática comum para o filho mais novo, no interior) do casal. Eles adotam os procedimentos de higiene requisitados pela indústria, considerando que a empresa Nestlé “*paga por qualidade*”. Contratam os serviços de um veterinário que vem esporadicamente na propriedade, fazendo especialmente vacinas, “*queimando os chifres dos terneiros, fazendo toque nas vacas pra ver se tão prenhas⁶² ou não (...)*” e também eventualmente um vizinho para auxiliar, principalmente na época que há mais trabalho, como quando se produz a silagem.

Hoje o contrato de compra e venda com o laticínio é apenas verbal. Destacaram que já tiveram contrato oficializado com uma empresa, mas romperam, pois, segundo o Sr. Rodolfo o valor ficava baixo, porque tomava-se como base o valor do CEPEA.

A Sr.^a Lia destaca que atualmente “*não se trabalha mais tanto... capinava no sol quente, isso era ruim*”, considerando que anteriormente se trabalhava do clarear do dia até escurecer, principalmente no período que estavam quitando o valor da terra, que embora parte dela seja herança do Sr. Rodolfo, eles tiveram que trabalhar alguns anos para os pais dele como forma de pagamento. Interpelados sobre um possível aumento da produção o Sr. Rodolfo deixa em aberto: “*não sei, tem que deixar rolar*”. Já a Sr.^a Lia destaca que gostaria de aumentar, mas criando as próprias vacas, não comprando novos animais.

A doença de mamite é o maior problema de manejo destacada por eles. Eles visualizam o futuro da produção de leite com grandes propriedades, uma vez que na percepção deles “*os pequenos*”, por eles definidos como aqueles com menos de 50 litros diários, “*já estão caindo fora automaticamente*”. Dizem não se sentir valorizados pelo governo, mas acreditam que as pessoas da cidade valorizam mais que este último. As máquinas foram adquiridas via empresa e banco. A sala de ordenha foi construída no ano 2000, na época, segundo o Sr. Rodolfo, a sala custou R\$8.000,00, o resfriador R\$ 10.000,00 e a ordenhadeira R\$22.000,00. O Sr. Rodolfo destaca que anteriormente a ordenhadeira era mais cara, e que, atualmente, existe uma fábrica especializada na produção de ordenhadeiras

⁶² Vaca “*preença*” (prenhe- prenhez): recebeu inseminação artificial ou realizou coito (o termo técnico para coito é monta natural), e foi fecundada, carrega então um embrião.

em Santo Cristo⁶³. Após a finalização da entrevista questionaram novamente a razão desta interlocução, quando concluiria o estudo e o que trabalharia depois.

3.2.2 A PROPRIEDADE 3: Sr.^a Zuleica e Sr. Lucas

A entrevista na propriedade 3, ocorreu na noite do dia 25.07.16, por volta das 20h e 30 minutos. O Sr. Lucas e a Sr.^a Zuleica já me aguardavam, pois eu havia ligado com antecedência, muito embora estivessem ainda com as roupas de trabalho, questionando se eu me incomodava com tal fato. Quando chegamos (eu e meu pai) fomos direcionados a varanda da casa. Os três filhos estavam assistindo novela em outro cômodo. Logo a filha mais velha foi acionada para preparar um chimarrão.

Como de praxe, antes de iniciar a entrevista, expliquei que as respostas eram opcionais e seriam para complementar o questionário outrora preenchido. A entrevista foi com o casal, mas os filhos vinham eventualmente ouvir o que estava sendo conversado e por vezes proferiam uma palavra em acordo aos dizeres dos pais ou então algo complementar. O termo entrevista gerava estranhamento, por isso eu sempre explicava com antecedência o que seria esse momento, reforçando a contribuição que a mesma teria ao meu respectivo texto dissertativo. O termo entrevista costuma, no senso comum, ser reconhecida como instrumento jornalístico. Portanto, diversas vezes empreguei o termo entrevista, para logo após explicar que tratava-se de uma simples conversa.

Das cinco entrevistas com os agricultores, essa foi a mais longa. O Sr. Lucas falou significativamente mais do que a Sr.^a Zuleica. Para eles a agricultura de hoje está muito diferente do que era “*antigamente*”. Eles concebem a especialização e a intensificação produtiva como algo positivo. A tecnologia, para eles, que estão no “chão da fábrica”, ou melhor dizendo, no chão da sala de ordenha, a mecanização facilita as tarefas. Dentre, as famílias pesquisadas, são eles que possuem a produção mais elevada. Um motivo para tal é que os pais dela, já comercializavam o leite.

Conforme destacado no quadro 01 (apresentado no primeiro capítulo, sobre as propriedades sociais/materiais dos pesquisados) eles possuem a propriedade de maior dimensão (64 hectares), o maior rebanho (50 vacas) e produzem a maior quantidade diária de

⁶³ <http://www.metalinors.com.br/index.html> : “A METALINOX é uma empresa que trabalha no ramo de INOX desde 1997. Dentre os principais produtos fabricados são, resfriadores de leite expansão direta, tanques rodoviários de coleta de leite e sistema de ordenhas. Os produtos são fabricados dentro de padrões definidos, ou sob medida, conforme a necessidade dos clientes.” Telefone: (55) 3541-2119. Rua Prefeito Júlio Both, 42 - Centro - Santo Cristo, RS - CEP: 98960-000.

leite (1300 litros). Segundo eles, a produção que possuem atualmente seria inviável sem maquinário, ao passo que faltaria mão de obra. Mediante solicitação a estrutura da propriedade fora delineada através de seus dizeres, com atenção especial para o tamanho dos galpões. Faz 20 anos que, enquanto casal, trabalham com a comercialização do leite.

Contudo a Sr.^a Zuleica destaca que os pais foram pioneiros nessa empreitada e que ela, desde criança, auxiliava nessa atividade, destacando como anteriormente o trabalho era mais difícil, com as tarefas realizadas “*a muque*”. A mudança mais características da produção voltada para a bovinocultura de leite fora o abandono da dedicação para a soja e o milho consorciado, com a venda final dos grãos. Para eles, o trabalho com o leite melhorou a condição econômica da família, é uma renda boa, no entanto não é estável, pois varia muito de ano para ano. O Sr. Lucas destacou que “*tem épocas que não é boa [a renda] daí dá pra dizer, que dá para se manter, mas agora, 2013 era um ano bom de leite, dava dinheiro. Mas 2014 já piorou e 2015 era pior ainda, agora que está reagindo o preço*”.

Embora a inseminação artificial seja prática recorrente na propriedade, inclusive é a Sr.^a Zuleica quem o faz, eles tem um touro, “*o touro é para reprodução quando você não consegue emprenhar com sêmen ou às vezes fica uma novilha atrasada que você não percebe quando estava no cio ou não se manifestaram, daí botamos no touro*”. A média de litros de leite por vaca, deles, gira em torno de 23 litros. Quanto à raça dos animais “*a maioria é holandês, uma e outra que é jersey, mas o que é jersey, é puro jersey, não é mistura com holandesa*”.

Quando questionados se gostavam do trabalho com a bovinocultura de leite, destacaram que sim, enquanto forem dispostos fisicamente, mas se os filhos não quiserem permanecer na propriedade, então não compensa contratar mão de obra externa, de forma que seria mais viável migrar para a bovinocultura de corte⁶⁴. Foi destacado como a silagem é importante no manejo bovino e como a aquisição de um trator facilitou a produção desta. O milho é geralmente transgênico dado à resistência a pragas e insetos.

Combina-se, na propriedade, o uso de fertilizantes químicos e orgânico, característica comum em todas as propriedades pesquisadas. Houve uma época em que plantavam arroz para autoconsumo e alfafa para pastagem. Plantavam e ainda plantam milho pipoca, mandioca e batata, entre outros, para uso familiar. Em substituição ao cultivo da alfafa veio a utilização do capim híbrido áries⁶⁵, como ressalta o Sr. Lucas: “*áries, é uma cultura que não está tantos*

⁶⁴ Refere-se à criação e “engorda” de animais para comercialização da carne.

⁶⁵ Capim áries: *Panicum maximum* Jacq.

anos aqui na nossa região, ninguém conhecia ela e a tifton⁶⁶, a tifton já tava antes, mas, não há tantos anos como as outras gramas”.



Imagem 15- A sala de ordenha, na propriedade 3.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Referente ao valor que recebem pelo litro de leite produzido, Lucas e Zuleica destacam que *“as empresas poderiam pagar um pouco mais, comparando com o preço que ele está no mercado”*, sendo que eles receberam no mês passado (data da entrevista: 25.07.16, mês passado seria junho de 2016) R\$ 1,46. Sobre os cuidados higiênicos requeridos pela indústria, trago um trecho da entrevista, para sobrelevar essa questão e também demonstrar como a entrevista ocorreu em tom de complementaridade, uma vez que, como anteriormente frisado, foi feito ao casal:

Questão da entrevista: Quais cuidados de higiene vocês adotam e por quê?

Lucas: Hoje se paga por qualidade. Consegue um preço melhor se tem um leite sem bactérias, isso influencia muito nessa parte, e, já que é para consumo humano, você também não iria querer comprar uma coisa que tu sabia se era limpo. Mas a gente sempre trabalhou forte em cima da higiene e mesmo assim as máquinas, mangueiras e as teteiras, nunca tinham problema.

Zuleica: Sempre usamos detergente e coisa.

Lucas: A gente sempre trabalhou forte em cima disso, mas hoje a empresa também reconhece, paga e fiscaliza, para o pessoal, e, valoriza o que o pessoal investe. Além disso, quem faz, tem um custo, para tu ter essas máquinas com higiene, tu precisa usar um produto.

⁶⁶ Capim tifton : *Cynodon dactylon*.

Zuleica: De qualidade.

Lucas: Com valor mais alto também, se pega um produto com preço menor geralmente ele não faz a função que deveria fazer.

Zuleica: Geralmente ele não limpa.

A contratação de mão de obra externa na propriedade, além do veterinário, segundo o Sr. Lucas: *“nós temos às vezes, dias que precisa, quando é época de fazer silagem, se faz uma cerca nova (...) a gente manda fazer e roçar, roçar o potreiro daí sempre se contrata”*. Lembrando que expliquei no segundo capítulo o que é e como se faz a silagem.

A cerca susodita, por sua vez, refere-se ao cercamento de determinada área com um fim específico, como no potreiro a cerca costuma ser com arame farpado, e as cercas de piquetes costumam ser de arame liso e eletrificadas. O gado domesticado é dócil, mas em certos dias, principalmente no cio há um certo agito. Não é dificultoso conduzir um rebanho para determinado local, cujo fim é alimentação, mas é sempre mais fácil ter alguém que segue na frente, para chamar as vacas (com chamamentos breves como *“coh coh coh, vaca”*) e também ter alguém atrás tocando-as com uma varinha (qualquer graveto, galho fino de árvore, ou caule seco de milho ajuntado já no caminho) para dar toques leves nas traseiras dos animais, bater palmas e/ou eventualmente dizer um *“ala, ala, vaca, vamos, caminha”* Tocar, nesse caso, não é somente o toque em si, é um sinônimo para, por exemplo, pastorear.

A Sr.^a Zuleica e Sr. Lucas, quando questionados sobre a expectativa de aumentar o plantel e a produção, titubearam, para por fim destacar que para aumentá-la haveria a necessidade da contratação de mais mão de obra, porque embora às tecnologias tenham facilitado substancialmente o trabalho, ainda sim não cobrem todas as etapas da produção. Para eles, se os filhos não quiserem ficar na propriedade, um deles que seja, não vale a pena ampliar a produção, e essa questão ainda está em aberto para seus jovens filhos, uma criança e duas adolescentes⁶⁷.

Interrogados sobre as dificuldades na produção, ambos destacaram as doenças, ora sob controle, mas com reincidivas, como mastite e leucose⁶⁸. Eles dizem vacinar o gado com a frequência recomendada pelos órgãos fiscalizadores, como para leptospirose e carbúnculo. O

⁶⁷ As terminologias de criança e adolescente seguem sem as definições legais do Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA.

⁶⁸ “A Leucose Enzoótica Bovina (LEB) é uma doença infecto-contagiosa de caráter crônico causada por um retrovírus, que possui um período de incubação de dois a cinco anos, levando ao desenvolvimento de tumores em uma pequena porcentagem dos animais infectados (...) o Rio Grande do Sul, parece registrar oficialmente o primeiro diagnóstico clínico da doença em rebanhos criados no Brasil” (<http://www.beefpoint.com.br/radares-tecnicos/sanidade/leucose-enzootica-bovina-36191/>)

Sr. Lucas também destacou que estavam fazendo testes para brucelose e tuberculose⁶⁹, caso deem negativo em três amostras ganham uma certificação e dois centavos de acréscimo no valor pago pelo litro de leite, conforme estabelecido pela empresa Lactalis. O valor dos testes é por conta deles, e gira em torno de R\$30,00 por vaca, segundo a Sr^a. Zuleica. Eles acreditam que o clima do Rio Grande do Sul favorece a produção de leite, mas destacam que o ideal seria, para tal, que fosse sempre frio. Indagados sobre a qualidade do leite produzido destacam que consideram-no de qualidade, especialmente pelo investimento genético nas novas proles, cuja genética para futura produção de leite é fundamentada em mais sólidos, gordura e proteína.

A pergunta que mais causou “reboição”, isso em todos os casais, foi à vigésima segunda questão: **Como vocês acham que será a agricultura aqui na Vila Sírío, daqui a 20 anos?** Antes de respondê-la todos riam, para depois traçar um panorama. Para o Sr. Lucas e a Sr^a. Zuleica, de modo geral, quem não aumentar a produção e a tecnificação vai ter que abandonar a produção de leite, até porque, segundo o Sr. Lucas, *“as empresas estavam ameaçando não carregar mais o leite de até quantia x, então alguns investem e aumentam. Mas assim, no geral, vai aumentar como de 20 anos pra cá, eu não sei quantos litros aumentou, não só da Vila Sírío, mas da região”*.

Interpelados ainda quanto a valorização deles por parte do governo, colocam que sim, até certo ponto, o mesmo poderia investir na agricultura, subsidiando ainda mais maquinários e insumos. A Sr^a. Zuleica diz que não sente valorizada pelas pessoas da cidade, enquanto que o Sr. Lucas diz que alguns valorizam, principalmente quem tem ligação com a “colônia” (parentes, ou até a própria pessoa que migrou para a cidade), mas a maioria não. Questionados, por fim, como custear o valor do maquinário, o Sr. Lucas destaca que *“a ordenhadeira, a última que nós temos, canalizada, ela foi comprada em parcelas e não foi financiada pelo banco, foi financiada pela empresa”*.

Após a entrevista houveram diversos diálogos em complementariedade as perguntas do roteiro, agora entre a Sr^a. Zuleica, o Sr. Lucas e meu pai. Posteriormente chegou o genro deles, que também trabalha com a pecuária leiteira. Nesse momento se falou sobre a produção de leite sem a necessidade de perguntas norteadoras. Sem dúvida, a percepção que tenho da modernização trás muito do que ouvi em tais momentos, qualquer encontro entre vizinhos é

⁶⁹ “A tuberculose é uma doença crônica causada por bactérias do gênero *Mycobacterium* que acomete ruminantes, suínos, aves, animais silvestres e humanos. A tuberculose bovina é causada pelo *Mycobacterium bovis* (*M. bovis*) e é responsável por perdas econômicas significativas além de constituir uma das mais importantes zoonoses de relevância para a saúde pública.” (<https://www.milkpoint.com.br/radar-tecnico/medicina-da-producao/tuberculose-bovina-consideracoes-gerais-sobre-a-doenca-16732n.aspx>)

razão para falar sobre a produção de leite, já que é de interesse comum e por vezes ocorre uma espécie de comércio de bezerros fêmeas, futuras vacas lactantes.

Um bezerro cuja genética foi melhorada para produção de leite chega a ser comercializado por R\$ 200,00, pois tem haver não somente com o sêmen melhorado artificialmente, mas também tem ligação com a procedência da vaca-mãe. Também se faz outra espécie de negociação, entre os vizinhos, nesse caso relacionado a um artigo de autoconsumo, a saber a carne, quando um bezerro recém-nascido é “dado” para outro vizinho engordar (para engordar um bezerro desmamado precisa nove meses) quando for para abate, 30% da carne é retornada ao primeiro proprietário, como pagamento (na verdade o pagamento fica a critério do combinado verbal, por exemplo, pode se pagar com carne, “fazer a meia”, 30% ou quantia em dinheiro previamente acertada). Nesse caso, para carne, se prefere bezerro macho. Algumas pessoas apreciam a carne de vaca, mas em geral se prefere o novilho.

3.2.3 A PROPRIEDADE 4: Sr.^a Mônica e Sr. Eduardo

A entrevista na propriedade 4, foi apenas com a Sr.^a Mônica, embora minha mãe e a sogra dela estivessem presentes no recinto. Foi na tarde fria e chuvosa do dia 26 de julho de 2016. Dentre as cinco entrevistas com os agricultores, esta foi mais rápida, por ser apenas com uma pessoa e sendo ela pontual e objetiva nas respostas, mas igualmente solícita. Também tinha chimarrão e alguns comes que a Sr.^a Mônica fez especialmente para nós, como deliciosas bolachas com cobertura de “*Schnee*” (chantily).

A senhora Mônica é amiga de infância da minha mãe, e depois da entrevista, que é aquele momento padrão, com “roteirinho” e gravação, houveram diversos diálogos do tempo de infância delas, e ambas de origem rural, contrapondo trabalho antigo e atual. Por isso que eu tenho um olhar diferente da modernização agrícola, eu sempre ouvi diversos relatos de outra época que não vivenciei, mas sempre destacada com sendo muito humilde e com muito trabalho. O trabalho continua, mas ora facilitado pelas tecnologias e com um poder aquisitivo significativamente maior.

A casa da Sr.^a Mônica é muito bonita, ampla e organizada. Ela investe bastante no paisagismo do jardim. Em minha opinião não perde em nada para uma casa de classe média baixa, mas não vou entrar nesse mérito porque há uma complexidade de questões atrás da definição de uma classe. O que me chama atenção são as fotos de formatura da filha, principalmente na sala, relevando o orgulho de ter uma filha graduada. Achei a casa muito

limpa também, porém ela levanta muito cedo (05h30min) para fazer todas as tarefas, dentro e fora de casa (com o gado) e também na casa da sogra (limpeza) que é viúva.

Para a Sr.^a Mônica o trabalho com a agricultura hoje está muito mais fácil do que foi “*antigamente*”, você não precisa se “*judiar mais*”. Quando criança auxiliava os pais, também agricultores, “*primeiro eu tinha uns 6, 7 anos, então nós tínhamos que cozinhar a lavagem para os porcos. Depois nós tínhamos que ir junto à roça, e ajudar... tratar as vacas, levar as vacas no pasto... isso cada um tinha o que fazer*”. Diferente das demais propriedades pesquisadas, a produção de leite dessa família é pequena, por volta de 180 litros diários, assumindo a função de uma renda complementar, sendo a principal a oriunda do salário do esposo, freteiro de leite.

Inclusive a Sr.^a Mônica teve problemas de saúde e a produção fora completamente extinta, com a venda de todo gado (venderam as vacas e ficaram com as novilhas) e da ordenhadeira. Quando ela se recuperou (de uma cirurgia) retomou a produção, porque olhava para a estrutura toda ali, a sala de ordenha para ser mais exata, e também por gostar desse manejo: “*... se tu está acostumada em uma coisa, tu não fica sem fazer nada! Eu sempre gostei de lidar com gado, com vaca e coisa... Tu não vai desacostumar tão fácil assim, parece que falta uma coisa, se tu não tem mais isso. E ainda mais, tu tem cada final de mês tua renda... Que assim, a renda tu tem e o capital fica, sabe?! Como as vacas, ficam. E tu vende o leite, igual entra uma renda sempre, cada fim do mês*”.

Faz 24 anos que a Sr.^a Mônica casou e reside nessa propriedade. Destaca que os seus pais já trabalhavam com leite, na época tinham 7 vacas, e ela com 7 anos já ajudava os pais nesse afazer. A média de leite por vaca está na casa dos 20 litros. Holandês e jersey são as raças dos animais. Sublinha ainda que utiliza mais pasto do que silagem, embora tenha os dois. Tem a sala de ordenha faz quatro anos. Utiliza insumos industriais e também adubação orgânica.



Imagem 16- A sala de ordenha, na propriedade 4.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Questionada se percebe mudanças nos cultivos, considerando o que se plantava há vinte anos e hoje, como a batata, ela destaca que esta última ela planta, entre outras coisas como a mandioca, para autoconsumo, mas que muitas pessoas deixaram de o fazer. Sobre o preço pago pelo litro do leite, ela ressalta que poderia ser melhor, comparado com o preço final vendido no mercado. No último mês receberam R\$ 1,21 pelo litro de leite.

A respeito do futuro da produção de leite na Vila Sírío, a Sr^a Mônica frisou: *“acho que vai ser fraco porque ninguém quer mais ficar na agricultura. E isso é porque você não tira mais nada. Se você não tem outro emprego junto, então não tem como viver só da agricultura. Se tu tem outro emprego sim, mas se não, não é fácil.”* Sobre a valorização por parte dos governo para com os agricultores, há segundo ela os financiamentos que são importantes, mas isso é pouco, uma vez que *“não dão nada a fundo perdido parar o agricultor se manter, para comprar uma coisa. Os financiamentos você consegue, só que tem de pagar tudo de volta e sempre tem juros”*. Ela não se sente valorizada pelas pessoas da cidade. Para a compra das máquinas eles utilizaram, segundo ela, recursos próprios, mas o resfriador que foi adquirido era usado.

3.2.4 A PROPRIEDADE 5: Sr.^a Amábile e Sr. Wendson

A entrevista na propriedade 5, sucedeu em uma tarde de domingo, no dia 24 de julho de 2016. O pai nos deixou (eu, mãe e minha irmã), de carro, na entrada da propriedade, por volta das 14 horas. Havia ligado com antecedência. Eu estava indo para realizar a entrevista, minha mãe e minha irmã para socializar. Sentamos na cozinha da casa, e imediatamente iniciamos o procedimento. A Sr^a Amábile deixou para preparar o chimarrão pós-interlocução. Estavam no recinto, eu (e minhas convivas), a Sr^a Amábile, o Sr. Wendson e seus dois filhos, ambos “mexiam” no celular, pelos sons que escoavam parecia que conversavam com alguém através do WhatsApp⁷⁰. Como explanado em outro momento do texto, errei por não requisitar os dizeres dos filhos também.

Como de praxe iniciei explicando que o que se sucederia seria algumas perguntas em complementariedade ao questionário, e que nenhuma questão era obrigatória. Agradei o preenchimento do referido questionário, destacando sua importância no escopo do meu trabalho. Questionados inicialmente se percebiam mudanças na agricultura da época em que eram crianças e agora, seus dizeres foram uníssonos em destacar que as diferenças eram gritantes, *“Isso está bem diferente contra antigamente...”* destaca Sr.^a Amábile, e o Sr. Wendson complementa: *“É, hoje é tudo melhor que antigamente, a sociedade, o serviço, e tudo...”*. Na propriedade deles o leite é a fonte de renda principal, nas palavras do Sr. Wendson o leite é a *“única renda da propriedade, antigamente tinha milho, soja junto, consorciado”*.

A senhora Amábile destaca que começou a tirar leite com 10 anos de idade, na época era manualmente e ela o fazia antes de ir para a escola, sendo que tinha uma vaca da raça jersey. Atualmente as atividades na propriedade são divididas com ela realizando a ordenha, enquanto ele faz o trato e ações ligadas a tal. As decisões relativas ao plantio são em conjunto. A propriedade deles advém de compra. Sobre as benfeitorias na propriedade há a casa, o galpão, a garagem, sala de equipamentos e sala de ordenha. Além do gado, tem galinhas, *“um porquinho, sempre tratamos para carnear, para ter para o consumo”*. Tem horta e pomar. Trabalham com trator, mas tem ainda uma carroça (já com pneus de borracha) para trazer silagem da roça/silo ao galpão, sendo que a distância é relativamente curta (aproximadamente 500 metros).

⁷⁰ Aplicativo (App) de mensagens instantâneas para/entre celulares. Através do WhatsApp os usuários(as) conseguem comunicar-se com seus contatos sem precisar telefonar ou enviar SMS, uma vez que ambos estejam conectado à internet. Podendo enviar além de mensagens de texto, também áudios, vídeos e imagens.



Imagem 17- Vacas sendo alimentadas, na propriedade 5.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Vale destacar que é raro visualizar carroças com os pneus de ferro e madeira como outrora. As propriedades que não tem trator costumam trabalhar com carreta agrícola e/ou contratar serviços de trator de algum vizinho que o tenha/faça. Há aproximadamente 40 anos as carroças ou carros de bois eram comuns para locomoção das pessoas, algumas inclusive incorporavam bancos. Quando não era com carroça, o meio de locomoção era com cavalo. Esse período é referido pelos interlocutores como “*antigamente*”, “*quando se fazia tudo a muque*”, “*no tempo dos pais*”.

Questionados sobre o motivo pelo qual vendem leite, a Sr^a. Amábile destaca que trata-se da “*única renda que temos, nós estamos vivendo do leite. Não podemos parar agora, temos que continuar. A nossa estrutura é para isso*” e o Sr. Wendson complementa em sintonia “*é, nos adaptamos para vender leite, era a solução que nós achamos melhor, que iria render*”. Eles começaram a se dedicar exclusivamente a produção de leite quando se casaram, em 1993, tinham 12 litros com 5 vacas, e tirando leite manualmente. Quando investiram na compra de máquinas, como a ordenhadeira e o resfriador, o fizeram com apoio de recursos do Programa Mais Alimentos⁷¹, do governo federal.

Eles destacam que a produção com a bovinocultura de leite melhorou significativamente a condição econômica da família, sendo destacada a compra do automóvel, feita com a renda “*só do leite*”. O respectivo plantel advém de criação própria

⁷¹ “O Pronaf Mais Alimentos destina recursos para investimentos em infraestrutura produtiva da propriedade familiar e, assim, cria as condições necessárias para o aumento da produção e da produtividade.” (IN: <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-mais/sobre-o-programa> acessado em 05.04.17)

(desenvolvimento das vacas através dos bezerros), nenhuma vaca comprada, com uma média de 18 litros por vaca. A raça das vacas é holandesa, jersey e pardo suíço. Interrogados sobre gostar do manejo com a pecuária bovina, a Sr.^a Amábile coloca que é questão de costume e o Sr. Wendson, por sua vez, ressalta que ele sempre gostou de trabalhar com isso, não mudaria. Sobre o trato alimentar bovino, transcrevo uma parte elucidativa de mudanças quanto a tal:

Pesquisadora: Gostaria que vocês falassem um pouco da alimentação do gado, o que mudou com o tempo?

W: No início era potreiro e pasto elefante e depois começou as pastagens.

A: Nem ração a gente dava no início!

W: Ração era mínima coisa, hoje é bem diferente. A silagem praticamente é programada, é isso.

A: É duas vezes por dia. Silagem o ano todo, sempre, sem faltar.

Pesquisadora: Como vocês aprenderam a trabalhar com a silagem?

W: Eu participei bastante de cursos, dias de campo, onde tinha dia de campo eu estava. Todas as informações eu peguei.

A: As primeiras silagens nós fazíamos a muque, nós cortávamos, levávamos com a carroça em uma ensiladeira estacionária, fazia tudo a muque as primeiras, era difícil, era judiado. Até que a gente comprou a ensiladeira com o trator para passar na roça. Agora é fácil

W: É, hoje é fácil fazer silagem.

A: Tem carretão que descarrega por si agora.

Estão utilizando milho transgênico para a alimentação dos animais. Combinam adubo químico com industrial, especialmente na formação das pastagens. Seguem plantando cultivos para autoconsumo como mandioca e feijão. Consideram o preço recebido pelo litro de leite razoável: R\$ 1,38. Sobre os cuidados higiênicos destacam o uso de detergentes alcalinos e ácidos com fins específicos. Pagam por assistência veterinária, a cada 45 dias ela vem e verifica vacinas e outros pormenores. Interpelados sobre a vontade de aumentar a produção, Sr. Wendson destaca que a meta é chegar em 40 vacas, mais é complicado porque a estrutura é para essa média.

Como maior intempérie quanto a produção destacaram o clima, o ideal é que fosse sempre frio, mas em relação ao clima do nordeste ainda levaríamos vantagens. Convidados a fazer uma projeção sobre agricultura da Vila Sírío daqui a 20 anos, destacam a evasão dos jovens, que por sua vez procuram algo *“menos penoso, menos trabalhoso do que a agricultura”*. Sobre a valorização governamental, destacam que o último governo incentivara muito a agricultura com financiamento e crédito, mas que agora está ficando complicado, com a reforma da previdência para os agricultores, a Sr.^a Amábile coloca em tom preocupado: *“...eles não deveriam mexer porque já tem alguns que nem chegam até 55 e 60, alguns já estão acabados, já não podem mais trabalhar até essa idade, e problema de coluna todos*

tem”. A Sr.^a Amábile e o Sr. Wendson acreditam que a valorização do agricultor por parte dos cidadãos aumentou recentemente, que agora há mais consciência da origem dos alimentos.

3.2.5 A PROPRIEDADE 1: Sr.^a Teresinha (mãe) e Sr. Aristeu (pai)

A entrevista na propriedade 1 foi a última, pois essa não precisou de combinação prévia. Foi um momento divertido e diferente. Eles conhecem minha pesquisa, embora não a concebiam com razão prática. No momento que acionei o “play” do celular, meu gravador adaptado, houve minutos de silêncio e uma leve tensão, afinal nunca tinham passado por situação semelhante. Passados tais minutos a conversa fluiu normalmente, mas com um tom mais formal do que de costume, dada a gravação. Aliás, essa questão de gravar as entrevistas, embora o fizesse com permissão e através do aparelho celular (um aparelho comum no dia a dia), gerou certo inquietamento inicial, houve um cuidado com a fala por parte de cada interlocutor, dentro das suas respectivas possibilidades. Quando falavam no dialeto alemão e o percebiam, voltavam para o português. Quando me questionavam se poderiam falar em alemão, destaquei que seria melhor em português, pensando na futura tarefa de transcrição.

Segui o mesmo roteiro em ambas as propriedades, e assim o fiz com meus pais também. A primeira pergunta, relacionada à percepção de mudanças, é destacado que houveram diversas mudanças, especialmente do trato manual (“feito a mão”) ao mecanizado. Ambos, de origem rural, tinham tarefas quando crianças, o Sr. Aristeu destaca: “Tratar os cachorros, gatos, carpir a mandioca” a Sr.^a Teresinha, por sua vez coloca: “Abrir espiga de milho... Carpir, cortar pasto com a foice”. Solicitei que valorassem as mudanças, e o Sr. Aristeu frisou: “Boas. Facilita muito mais o trabalho”. Há divisão de tarefas na propriedade e decisões em conjunto. Enquanto a Sr.^a Teresinha realiza a ordenha, o Sr. Aristeu busca silagem, realiza manutenção das máquinas e é responsável pela saúde veterinária do rebanho.

A época propícia para plantar milho, neste caso para fins de silagem, é em agosto, setembro, outubro e ainda em janeiro e fevereiro. Embora não cultivem mais soja, o Sr. Aristeu destaca que o mês de fazê-lo é em outubro; a pastagem planta e replanta (no caso das pastagens fixas, se replanta só “pedaços” que eventualmente morreram, ocorreu praga, etc.) em agosto e setembro. Embora dê para fazer silagem com aveia, capim, e/ou com sorgo, a preferência é pelo milho, que ganha em quesitos nutricionais. Interpelados sobre como aprenderam a fazer silagem, colocaram que foi através da prática, as primeiras não deram certo, porque se acrescentou sal. O tamanho da propriedade é de 25 hectares, mas estão

utilizando a área por usufruto. A respeito da utilização da área, “5 hectares são de pastagem, 3 hectares de tifton, quer dizer grama, e, 6 hectares para plantio de milho (safra e safrinha) e depois aveia de inverno, 4 hectares são de mata nativa e mais 4 hectares de potreiro e 3 hectares de benfeitorias”, destaca o Sr. Aristeu.

Na propriedade há produção de leite e suínos, essa segunda sob os cuidados do meu tio. Ao questioná-los porque investir em gado e não em suínos, o Sr. Aristeu destaca que a produção de leite é mais maleável do que a suinocultura, no sentido de que você pode, em casos do preço estar em queda, fracionar gastos: “*tratar menos ração, porco não pode, porco não engorda se fizer isso, depois terá que comer o dobro*”. Algo destacado quando a dedicação a bovinocultura de leite refere-se a autonomia que tem se relação a um trabalho assalariado. Começaram a vender leite em 1995, quando tinham 10 litros. Os pais deles nunca se dedicaram a produção de leite, eles vendiam ovos, galinhas, porcos, bois, bezerros, milho e soja (grãos). Há um tempo não se fala em dinheiro, se falava em x sacos de soja para valorar determinado produto. Interpelados se a produção de leite melhorou a condição econômica da família, ambos colocam que sim, que o fato de ter uma renda mensal dá certa segurança, diferente da produção de grãos que se esperava pela safra.

O atual plantel da Sr.^a Teresinha e do Sr. Aristeu é uma mescla de gado comprado e criado. A média de litros por vaca é 19. As raças são holandesa, jersey e montbéliard. Transcrevo abaixo o fragmento em que falam das dificuldades do manejo bovino:

Pesquisadora: Vocês gostam de trabalhar com gado de leite ou mudariam de atividade?

Aristeu: Mudaria de atividade se fosse melhor que o leite.

Pesquisadora: Por quê?

Aristeu: Porque trabalhar com vaca é muito amarrado, muito judiado.

Teresinha: Cansativo.

No início o trato era com mandioca, batata, milho verde, cana de açúcar e agora é silagem e pastagem. Sendo que essa última - pastagem verde- aumenta a produção de leite significativamente. Tem as pastagens fixas e perenes. A “*aveia de verão dá mais leite*”, segundo a Sr.^a Teresinha. O capim⁷² áries é uma variedade nova, o tifton é mais antigo. Utilizam insumos industriais e compram sementes, uma vez que a área é pequena para produção de sementes. Utilizam estrume de porco na lavoura e do gado nas pequenas plantações, como na horta. Indagados sobre mudança nos cultivos, destacam que foram poucas, apenas deixou-se de plantar soja, trigo, arroz e fumo. Receberam R\$1,31 pelo litro de

⁷² Capim é o termo técnico. Mas no dia a dia os agricultores dizem grama.

leite, valor que consideram baixo, sendo que na opinião deles quem tem lucro de fato são as empresas multinacionais do setor lácteo.



Imagem 18- Poste de piquete, com bambu e arame liso, na propriedade 1.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Utilizam diversos produtos com fins sanitizantes, como guardanapos, antisséptico e antiderme. Quanto aos procedimentos veterinários, o Sr. Aristeu diz ter aprendido na prática, ora observando o veterinário. Frisaram que não pretendem ampliar a produção, pois falta mão de obra. Quanto a projeção da agricultura na Vila Sirio daqui a 20 anos, o Sr. Aristeu coloca : “- Não sei. Vai ser um pequeno grupo de grandes produtores que vão ter todo o domínio da produção e os pequenos vão desaparecer, por falta de mão de obra, falta de recurso” e a Sr^a Teresinha complementa: “- Os filhos não querem mais ficar na propriedade, querem estudar”. Me olha e sorri depois de fazer essa afirmação.

Não se consideram valorizados pelo governo e nem pelos cidadãos. Utilizaram recursos fornecidos pelo PRONAF para custear as máquinas para tecnificação da produção de leite. Após a entrevista, feita pós-novela (a pedidos), era em torno das 22h30min. Todos se prepararam para dormir. Aliás, dormir antes da meia noite é prática comum na Vila Sirio, porque se costuma levantar cedo também, por volta ou até mesmo antes das 06 horas, o que no inverno constitui-se em uma tarefa mais complicada, mas ainda assim realizada.

NOTAS FINAIS

Traçar panoramas a respeito da agricultura familiar que produz leite na Vila Sírío é delicado, tendo em vista que a realidade não é estática. Nem pretendo fazê-lo aqui. Mas como apresentado no primeiro capítulo, as estatísticas indicam que o nível de tecnificação aumentou e a tendência ou melhor dizendo, as cobranças para que esse “aperfeiçoamento” aumente, cresce a cada dia, inclusive salvaguardado pela legislação⁷³. Assim como a legislação apregoa métodos mais modernos de produção e higiene, os laticínios também estimulam a aquisição de máquinas maiores e mais sofisticadas, especialmente a aquisição de tanques de resfriamento, que simbolizam uma preocupação com a quantidade e a qualidade – industrial – do produto.

Para as empresas a especialização produtiva é como um tipo ideal de produção. Os altos índices de produtividade apresentados em Santo Cristo são propagandeados constantemente pelo sindicato e pela prefeitura. A Emater, por sua vez, apresenta, pelo menos no discurso, preocupação com os agricultores que produzem menos de 100 litros por dia, e que por isso podem ser excluídos da aquisição realizada pelos laticínios, já que há ameaças de que tal quantia não seja mais recolhida, como referido outrora.

A reprodução do saber no campo ocorre através da prática, do aprender vivenciando (WOORTMANN, 2009). Me recordo de que, quando criança eu tinha minha enxada, com cabo adaptado para minha altura, e acompanhava os pais na hora da capina, claro que observava e tentava imitá-los, mas muitas vezes esquecia o inço e ficava remexendo a terra aleatoriamente. Minha mãe conta que quando erámos pequenas, na idade que ainda não sabíamos caminhar, eles nos levavam na roça com uma espécie de caixa, e lá ficávamos, por vezes comendo terra do mato, que popularmente é considerada saudável. Essa parece uma memória extremamente particular, mas isso também acontecia nas propriedades vizinhas. Como não haviam/há creches, as crianças eram levadas para a roça, ficavam na sombra de uma árvore, pois todos os adultos estavam lá trabalhando. Se por acaso havia um irmão mais velho, por vezes as crianças ficavam em casa sob a tutela deste. Isso há 20 anos, ou mais, quando toda mão de obra era manual e/ou força motriz animal.

O gerenciamento da propriedade frente a situações de perda remetem ao processo de aprendizado ligado a modernização que se consolida(ou) periodicamente. Existiram momentos em que a produção do dia foi perdida por queda de energia elétrica. Em momentos

⁷³ Instrução Normativa 51/2002 (IN 51/2002), que foi revogada com a publicação da IN 62/2011 (30/12/2011).

assim, classificados como emergenciais, já se fez derivados do leite, como o queijo, e posteriormente se adquiriu gerador de energia. Também, vale destacar, que todo *maquinário* era até então estranho e externo, houve uma aprendizagem prática em relação a ela, através dos erros, como quando se esquece de ligar o resfriador e/ou se aperta o botão errado (ou se conecta as mangueiras equivocadamente). Foram com situações de perda que o aprendizado em relação a essa nova estrutura se consolidaram.

O lazer na Vila Sírío está circunscrito em festas e bailes idealizadas pela *Sociedade Ipiranga da Vila Sírío*, missas, cultos e procissões organizadas pela Igreja católica *Santa Teresinha da Vila Sírío*, também pelas atividades recreativas e abertas ao público da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Teresinha, jogos de futebol e bocha⁷⁴ elaborados pela referida Sociedade e as visitas nas casas, entre vizinhos e parentes. Visitas recepcionadas com chimarrão e comes. Entre os comes está a famosa “*cuca*”⁷⁵ alemã.

Na Vila Sírío a relação de reciprocidade entre os vizinhos existe e muito. Mas também há discórdias quanto aos limites/divisas (“*Grenze*” no dialeto alemão) das propriedades, com vizinhos “*passando veneno*” em terra alheia ou jogando pedra em bueiros para alagar a entrada da propriedade de outrem. Intrigas existem, pois o interior não é só bucolismo pastoril.

Embora eu tenha explorado a especialização produtiva do leite, vale destacar que o cenário rural da Vila Sírío vai além disso. É um lugar de produção, mas também de morada e reprodução da família. São pessoas dedicadas ao trabalho da pecuária, contudo gostam de cuidar do paisagismo de suas casas, das hortas e dos pomares. Na primavera há as cores dos diversos jardins; no inverno o verde das pastagens; no outono as frutas, especialmente a bergamota (“enfeitando” os pomares); no verão as gloriosas sombras das árvores e os riachos. De fato temos uma paisagem que voltou-se para a pecuária de leite, porém não somente isto, também guarda bucolismos, cores e aromas.

Quando retorno à Vila Sírío, especialmente depois de uma temporada em alguma capital, o silêncio da localidade, da minha (mas talvez não mais tão minha) terra, me

⁷⁴ O jogo de bocha é muito popular nas zonas rurais de Santo Cristo, sendo que até ocorrem alguns campeonatos dessa modalidade. Em todas as comunidades você encontra uma cancha de bocha, geralmente praticada pelos homens, o que não é uma regra. Trata-se de um jogo cujo “ objeto usado para a prática desse esporte recebe o nome do jogo, bocha. Trata-se de uma bola pequena de madeira ou resina sintética (...) O objetivo da bocha consiste na marcação de pontos, através do lançamento das bolas, a fim de que elas se aproximem de um ponto, determinado aleatoriamente pelo lançamento de um objeto, o bolim” (<http://regrasdoesporte.com.br/bocha-como-jogar-bocha-conheca-as-regras.html>)

⁷⁵ Uma espécie de pão adocicado, coberto por uma crosta composta de açúcar, farinha e nata (derivado de leite). Tem diversos recheios, como chocolate e framboesa. Algo similar a um rocambole. É uma receita antiga. Se diz que é *cuca* alemã, porque a receita italiana de *cuca* não tem recheio no centro como tal.

assombra. O que era “de antigamente” e o que é “de hoje”, quanto a agricultura, dialogam e se fundem, temos então um rural que segue se modificando. A única certeza que tenho, como socióloga, é que o mundo, nesse caso o universo rural, é dinâmico e a realidade(s) complexa(s). Almejo que esta dissertação seja como uma semente - ora lançada no terreno acadêmico - e que dela “brotem”, quiçá, trabalhos “podando” o meu, e, principalmente, lançando novas sementes, seja no escopo da Sociologia Rural, seja em outra área. Que essas sementes rendam adocicados frutos denominados produção de conhecimento(s).

Vale frisar que o leite, buscado no supermercado como fonte de cálcio e vitaminas, não vem da caixinha, há muito trabalho aquém das propriedades nutricionais que você analisa no rótulo. Uma história social incrustada no leite que consumimos, e não apenas o polietileno de baixa densidade das embalagens, ou seja, “as mercadorias, como as pessoas, tem uma vida social” (APPADURAI, 2008, p.15).

“FECHANDO AS PORTEIRAS”: CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem 19- Bezerros e vacas e novilhas, na propriedade 1.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa.

Este trabalho teve como objetivo problematizar o processo de intensificação da produção de leite, privilegiando a concepção que os próprios agentes na base desta cadeia tem sobre tal. À vista disso realizei uma investigação etnográfica e utilizei, especialmente no primeiro capítulo, dados secundários. O lócus da pesquisa, como susodito, foi na comunidade da Vila Sírio, município de Santo Cristo-RS, em cinco propriedades rurais. Propriedades que

pertencem a cinco famílias de agricultores, que, encontram-se bastante envolvidos na produção leiteira. Esta é, portanto, mais uma dissertação que questiona a modernização da agricultura e suas complexidades, beneficiando uns em detrimento de outros.

A grande dificuldade deste escrito, para mim enquanto pesquisadora social, foi escrever a respeito de um ambiente literalmente familiar. Embora os limites entre familiar e exótico sejam mais tênues na atualidade, mesmo assim, tomar a própria origem social, ou melhor dizendo, a família e os vizinhos, como interlocutores de pesquisa, foi desafiador, emocional e cientificamente falando. Houve, da minha parte, todos os cuidados éticos possíveis recomendados pelos teóricos epistemológicos que ora tive acesso, e que problematizei no primeiro capítulo. Assumo, conquanto, minha imaturidade conceitual, pois, seis anos dedicados a Sociologia não são nada, ou então muito pouco, diante da gama de questões sociais envoltas, nesse caso, na análise do processo de especialização produtiva na pecuária leiteira. Contudo embora reconhecendo as lacunas/omissões do presente escrito e logo também as de quem o escreve, acredito que o mesmo tenha ressonância no cenário acadêmico, requerendo vez e voz aos agentes basilares da cadeia produtiva do leite, os agricultores familiares, nesse recorte os da Vila Sítio.

Muitas vezes, ao longo da revisão bibliográfica, pensei estar lendo “mais do mesmo” e por vez acreditei estar escrevendo desta forma também. Mas, na realidade, há muitas congruências – ou não – quando se problematiza acerca de um processo de especialização. Embora o campesinato de Santo Cristo/Rio Grande do Sul seja distinto de, por exemplo, Piracanjuba/ Goiás, por conta de questões sócio históricas, mesmo assim, podemos problematizar conteúdos levantados sob aquele espaço diante da modernização da agricultura, contrapondo com a realidade social ora pesquisada. Há certa limitação nisso, de fato, contudo estamos falando de uma categoria que embora não genérica, é similar: a agricultura familiar.

A sobredita “comparação” foi destacada, pois “abriu as portas dessa dissertação”, no sentido de trazer questões para começar a esmiuçar esse processo complexo de especialização produtiva do leite. Em outras palavras, essa menção foi exposta na introdução e retomada nesta seção, para “fechar as portas deste trabalho”. Fechar, que se diga, não é encerrar. Quiçá as diversas lacunas conceituais e empíricas, deste texto dissertativo, incentivem outros pesquisadores a refutar o que apresento, porque as críticas – bem fundadas e interessadas – são, na minha concepção, formas de fazer ciência, de nutrir significado para nossa(s) investigação, neste enquadramento, etnográfica.

Pensando em termos nacionais, a partir de um recorte de caso, concluo que a especialização produtiva incorporada, de certa forma, pela agricultura familiar, tem diversos

níveis de intensidade e aceitação, onde cada agente, dentro de suas razões – na maioria das vezes práticas- e possibilidades a concebe. Os agricultores da Vila Sírío, como explorado no terceiro capítulo, conseguiram se capitalizar e participar ativamente do mercado de leite, contando, para tanto, com um contexto institucional favorável a essa inserção.

Em outras palavras, meus interlocutores concebem a inserção numa produção com alto nível de utilização de insumos técnicos como importante e facilitadora, mas, isso ocorreu em primeiro lugar, porque tiveram/tem acesso a ela, os agricultores que, por um motivo ou outro, não puderam assim fazer, podem ter – ou não –visão contrária desse panorama. As políticas de incentivo, como o PRONAF, são deveras importantes para a agricultura, mas por vezes não alcançam toda a categoria dos produtores familiares. Sei que a prioridade do nosso trabalho científico não é propor uma ação de ordem prática, mas porventura as vindouras políticas públicas, por exemplo, podem re(olhar) o que se produz na academia e incorporar – pelos menos os questionamentos e lacunas – em suas elaborações.

Esta dissertação é, em primeira instância, fruto de um amadurecimento teórico, ou pelo menos uma tentativa disso. Através do suporte bibliográfico fornecido pelas Ciências Sociais, principalmente pela Sociologia Rural, problematizei algo que me era ordinário até então. Nesta caminhada, muitas pessoas foram importantes, já bem registradas na seção de agradecimentos. Contudo, as reflexões que norteiam e por suposto alicerçam este escrito, tem ligação com discussões dentro da sala de aula, nos grupos de estudos, na auto avaliação diante de incitações epistemológicas.

Há muito trabalho coletivo presente neste escrito. Trabalho intelectual, reflexivo e objetivante. Na outra margem, os agricultores, interlocutores desta/nesta problemática de pesquisa, trazem respostas às minhas questões, mas que são também percepções deles em relação a um processo que lhes afeta cotidianamente, seria outra espécie de objetivação (?), ou então, dentro da concepção etnometodológica de Garfinkel (2012), podemos dizer que essas respostas são uma elaboração teórica nativa sobre o processo de modernização tecnológica.

É consenso, entre os agricultores pesquisados, valorar positivamente as recentes inserções tecnológicas, e buscar, cada dia mais, uma especialização produtiva, de forma a se adequarem aos padrões de qualidade exigidos pela legislação sanitária e pela indústria de laticínios. Há um padrão de qualidade industrial explanado e exigido. Os agricultores estão, nesse sentido, dialogando com o mercado, “abraçando” a lei da oferta e da demanda.

Na realidade sabemos que não existe o mercado, existem os mercados (de proximidade, de compras institucionais, de venda a distância, etc.). Historicamente, as condições de reprodução camponesa são melhores quando eles conseguem se inserir nesses

diferentes circuitos mercantis, mantendo também a possibilidade de orientar sua produção para o autoconsumo, este último para quando os termos de venda dos produtos nos mercados pioram. Segundo Conterato e colaboradores (2011, p.71) “os mercados são o resultado de uma construção social e histórica em que atores (individuais e coletivos) disputam recursos e colocam em interface diferentes valores, normas e interesses”.

A especialização produtiva é um processo homogenizador, mas também é o que vem alimentando as famílias de agricultores, na Vila Sírío. Aquém, lhe dando possibilidades de consumir bens além daqueles de ordem básica, o que antes era praticamente um sonho longínquo. Esta investigação mostrou que os cultivos voltados para o autoconsumo não foram abandonados. Na Vila Sírío, a grande diferença na questão de cultivos- tendo em vista a especialização produtiva do leite- foi o abandono da produção voltada à venda de grãos (milho e soja), privilegiando cultivos ligados a produção de leite: milho (para a silagem), sorgo, aveia, azevém e gramas (tifton e áries). Contudo as cinco famílias pesquisadas mantêm, para o consumo da família (essencialmente), a horta, o pomar, bezerro/porco (para carne), e produções aleatórias para autoconsumo como feijão, mel e milho pipoca.

O mundo rural também quer conforto e praticidade, nada muito distinto dos cidadãos. Há quem goste do trabalho manual e do trato com a terra, mas o tempo do mercado é outro. O tempo que você levaria para capinar 5 hectares de terra, por exemplo, é de alguns dias, sozinho. E certamente se o fizer desta maneira quando terminar em um lado no outro já terá “brotos de inço⁷⁶” novamente. É inviável para determinada extensão de terra. A plantação de forma orgânica, desde preparação de terra, adubo e sementes, é bem complicada atualmente na Vila Sírío. Comumentemente os idosos do campo (e também meus interlocutores o fizeram) comentam que a agricultura de *“hoje é muito mais fácil do que antigamente”*. Atualmente quem trabalha com especialização produtiva, na minha visão, precisa desses recursos tecnológicos, por questões de tempo e emprego de energia.

Meus interlocutores foram unânimes em afirmar que hoje a agricultura está bem diferente do que outrora, ou melhor dizendo, como era há vinte anos, e que consideram a inserção de tecnologias importante e positiva em termos de produção (maior produtividade) e de bem estar para as pessoas que trabalham no campo, no sentido de dispensar uma menor carga. Nas respostas dos questionários, as famílias das cinco propriedades marcaram que consideram importante a inserção de novas tecnologias na agricultura porque: *“facilitam a atividade agrícola”*; *“aumentam a produção, facilitam o trabalho e melhoram a qualidade*

⁷⁶ Um broto é uma planta em seu estágio inicial de desenvolvimento. Inço, por sua vez, são as ervas daninhas.

dos produtos”; “facilitam e aceleram as atividades”; “diminuem a mão-de-obra, facilitam o processo”; “melhores resultados a curto e longo prazo”.

O leite, conforme relatado nas entrevistas, passou de um produto acessório para uma produção que fornece, em regra, a renda mensal da família. Na propriedade 1 a renda advém exclusivamente da produção leiteira. Na propriedade 2 há conjugado à venda de ovos e prestação de serviços com o trator para agricultores que não possuem esse equipamento. Na propriedade 3, o leite é a produção mais expressiva, mas eles também vendem bezerros e vacas em situação de descarte (velhas ou com problemas que limitam a lactação) e ainda artigos de autoconsumo, quando esta extrapola as necessidades da unidade.

Na propriedade 4, diferente das demais, a produção desta unidade vem em sentido contrário, ela tem periodicamente diminuído a produção, tendo sido inclusive interrompida quando a Sr.^a Mônica passou por uma intervenção cirúrgica. Passado o processo de recuperação ela sentiu a necessidade de retomar a produção, uma vez que toda estrutura estava ali. Ela geralmente faz tudo relativo a esse trabalho individualmente, inclusive opera o trator com destreza. O leite não é a principal renda da família ao passo que o marido e a filha da Sr.^a Mônica são assalariados. Na propriedade 5 o leite fornece a única renda da família, “*(sic)Antigamente vendíamos o leite que sobrava, hoje ele já a única renda”.*

Os agricultores da Vila Sírío podem ser definidos enquanto integrados ao mercado e tecnificados. Essa integração tem origem em um ambiente institucional adequado para isso, ou seja, o Estado, as cooperativas, o sindicato, a prefeitura, os bancos, os laticínios estimularam esse processo de especialização agrícola visualizada em Santo Cristo. Faz cerca de 20 anos que os agricultores iniciaram a produção de leite voltada ao mercado e não mais exclusivamente para o consumo da família. A partir de então foram feitas grandes investidas de melhoramento genético do gado, que em Santo Cristo foi vigorosamente incentivada pela prefeitura.

O contexto Institucional fomentou significativamente o processo de especialização produtiva do leite no RS. Segundo Souza (2011, p.152), “*(sic) As cooperativas de produção captam o leite de seus associados e repassam à empresas privadas de processamento ou remetem às indústrias vinculadas às próprias cooperativas de produção”.* Na Vila Sírío inicialmente os agricultores vendiam leite para as Cooperativas. Depois vieram as multinacionais. Das 5 propriedades pesquisadas, 4 vendem para a multinacional francesa Lactalis (a propriedade 2 vende para a Nestlé) . Dentre os motivos para essa escolha foi apontado nos questionários que trata-se de “*uma empresa confiável*”; “*empresa séria, nunca atrasou pagamento, paga por qualidade*”; “*preço médio anual equilibrado (bom)*”.

O leite foi priorizado nas propriedades pesquisadas (4 das 5, melhor dizendo) porque permite uma renda mensal maior do que através do plantio de grãos, “(sic) Nesse último ano até que o grão reagiu, mas antes, o milho que tu produzias tu só colhia o custo. Daí nos plantava o milho mas transformava em leite” (entrevista na propriedade 3). Através questionários e das entrevistas verifiquei a diminuição, abandono ou beneficiamento dos grãos na própria propriedade (como é o caso do milho). Segundo exemplificação em questionário respondido pela propriedade 5, e marcador de regra, “(sic) Não plantamos mais soja, nos dedicamos exclusivamente à atividade leiteira”.

Entre as dificuldades que os agricultores especializados na produção de leite enfrentam, uma delas é falta de mão de obra. A utilização de novas tecnologias no manejo do gado e na ordenha do leite pode ser considerada uma resposta à diminuição da força de trabalho familiar, em substituição ao(as) filho(as) emigrado(as). Essa questão apareceu nas entrevistas, como sendo um dos motivos para o não aumento, na atualidade, do rebanho, e de não se investir mais demasiadamente na estrutura da propriedade.

Outra dificuldade importante relaciona-se com o alto preço dos insumos químicos adquiridos, que, quando comprados em grande quantidade, reduzem consideravelmente a receita líquida familiar (receita líquida = receita bruta menos gastos com a produção). Na medida em que um agricultor depende essencialmente da renda de um único produto, como é o caso da maioria dos agricultores da Vila Sírrio, fica então à mercê das flutuações do mercado. Outras dificuldades ligadas ao manejo do gado leiteiro referem-se a doenças e a utilização de medicamentos. Métodos convencionais e modernos são combinados, por exemplo, quanto a adubação, ou seja, todas as famílias pesquisadas associam métodos orgânicos de adubação (esterco do gado) e adubos químicos, uma espécie de “drible”, de estratégia, utilizada para diminuir custos e dar finalidade aos dejetos.

O processo de modernização observado em Santo Cristo ocorreu/ocorre periodicamente. Nesse sentido sob um olhar apressado parece haver sintonia total entre as mudanças tecnológicas e os agricultores. Mas é um processo, no sentido histórico do termo. Houve uma espécie de educação tecnológica, ou seja, os agricultores aprenderam a manipular uma série de equipamentos e dinâmicas novas. O gado precisou ser domesticado⁷⁷ e melhorado geneticamente para a produção de leite. O que fez com que o número de cabeças de gado não fosse drasticamente aumentado, mas, aperfeiçoado, com a melhoria da qualidade genética do plantel.

⁷⁷ Referente à domesticação “de mecanizar”, e não domesticação no seu sentido literal.

“*Tirar leite*” manualmente parece mais natural do que adquirir uma máquina para fazê-lo. Mas uma vez tendo o gado domesticado, então é complicado fazer o contrário. Antes das famílias pesquisadas adquirirem gerador de energia, quando havia queda na rede, toda família era convocada para “*ordenhar a mão*”, e o gado estranhava a mudança, conferindo patadas e berros. Contudo o processo de domesticação é constante, uma vez que está sempre atrelado aos bezerros e as novas vacas em lactação (outrora novilhas).

Como explorado nos capítulos precedentes, a noção de qualidade relativa à produção de leite, é um termo recorrente tanto nos discursos das empresas, quanto dos órgãos municipais e ultimamente até dos próprios agricultores, em resposta a tantas cobranças. Mas é difícil indagações quanto ao lixo produzido pelos guardanapos utilizados diariamente, em cada respectivo teto e não reutilizáveis, que se acumula em um balde pós ordenha. O leite produzido é um leite saudável/sustentável? Quem questiona o fato de que provavelmente há resíduos dos fortes detergentes alcalinos que sanitizam e desincrustam os canos, as ordenhadeiras e o resfriador (o mesmo que quando cai nas mãos por acidente arde muito)? O leite que chega às prateleiras dos supermercados mantém as características físico-químicas que as empresas tanto cobram dos produtores? Quem se preocupa se fazer empréstimos e financiamentos gera um estresse grandioso para os agricultores por conta do futuro endividamento? São muitas questões que ficam em aberto, ora em tom retórico.

A partir da leitura da autora Shiva (2000) refleti sobre a questão do meio ambiente, e como isso é secundário dentro do desenvolvimento agrícola, os lixos e os resíduos nem entram em pauta quando o assunto é especialização produtiva. A prioridade é modernizar, mas além do custo social, qual é o custo ambiental? Quem se preocupa com a questão dos agrotóxicos e das sementes transgênicas?

Considerando a epistemologia das Ciências Sociais enquanto um conjunto de recursos teóricos que visam, em um primeiro momento, orientar o modo de produção do conhecimento, atesto que utilizei neste escrito as ferramentas reflexivas que estavam ao meu alcance e em conformidade com minha maturidade teórica. Não é tarefa simples refletir sobre o trabalho de investigação empírica, e muito mais difícil é refletir acerca do que escrever e sua importância no conjunto do trabalho. A escrita é como lapidar um diamante.

Os textos de cunho etnográfico, tal qual este pretere ser, não só podem quanto devem esboçar “as representações explícitas da presença do autor” (GEERTZ, 2005, p. 29), isto é, os etnógrafos devem entrar em seus textos, tal e qual entram em uma cultura. Comungo da vontade de Geertz em estabelecer, neste texto dissertativo, uma identidade autoral, e consequentemente uma etnografia afinada com os novos dilemas contemporâneos,

especialmente relacionados ao rural e ao ato de estudar o universo rural. Concluo que galguei êxito nessa caminhada, embora cambeteando, por diversos momentos, tanto da pesquisa em si quanto da escrita.

Segundo Pinto, o sociólogo precisa interrogar-se constantemente sobre a posição que ocupa no transcorrer da pesquisa, objetivando portanto, relações e situações. Desta maneira compreender o interlocutor “não é uma operação psicológica habitual (...), mas em primeiro lugar um trabalho sobre si mesmo que visa o controle de suas próprias pulsões enquanto socialmente condicionadas (...)” (PINTO, 1996, p.43). Enfrentando diversos intempéries pessoais e intelectuais, eis um trabalho de estranhamento.

Minha intenção, aqui, foi que os “leigos” também possam ler o presente trabalho, e acima de tudo compreender as complexidades da agricultura familiar hoje, perceber em certa medida, as demandas e as heterogeneidades da modernização agrícola e também que, a visão que se tem de determinado processo muitas vezes parte de onde observamos. A modernização da agricultura é cheia de clivagens e nuances. Meus interlocutores acreditam que atualmente trabalhar com a agricultura está muito menos penoso do que outrora, isso com as inovações tecnológicas. A perda de autonomia por parte destes, frente a sua especialização produtiva, parece, grosso modo, preocupação da academia.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial ; Palmarinca : 1997.

ALMEIDA, Jalcione Pereira De. Tecnologia “moderna” versus tecnologia “alternativa”: a luta pelo monopólio da competência tecnológica na agricultura. Dissertação de mestrado, UFRGS. Porto Alegre, janeiro de 1989.

ANJOS ET al. **Agricultura Familiar e Políticas Públicas: o Impacto do Pronaf no Rio Grande do Sul**. RER, Rio de Janeiro, vol. 42, nº 03, p. 529-548, jul./set 2004 – Impressa em setembro 2004.

APPADURAI, Arjun. INTRODUÇÃO: MERCADO E A POLÍTICA DE VALOR. **A vida social das coisas: as mercadorias sub uma perspectiva cultural**. Arjun Appadurai: Tradução de Agatha Bacelar- Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. p.15-88

BALSAN, Rosane. **Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.

BACHELARD, Gaston. “Discurso preliminar” e “A noção de obstáculo epistemológico-plano da obra”. In: **A Formação do Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7-15 e 17-28.

BEAUD, Stéphane & Weber, Florence. **Guia para a pesquisa de campo- produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, Editores, 1977. Cap. 8. Problemas na Publicação de Estudos de Campo. p. 137-157.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. IN: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, Nº 1 (3), janeiro-julho/2005.

BOURDIEU, Pierre. « Compreender ». In : **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes: 2008.

_____. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **O poder simbólico**. 15º edição. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2011.

_____. **Ofício de Sociólogo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

BUAINAIN, Antonio Márcio. GARCIA, Junior Ruiz. **Os pequenos produtores rurais mais pobres ainda tem alguma chance como agricultores?** In: **A pequena produção rural e as**

tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível? – Brasília : CGEE, 2013.p.29-70.

BUAINAIN, Antonio Márcio. **Agricultura familiar, agroecológica e desenvolvimento sustentável: questões para debate.** (colaboração de Hildo Meirelles de Souza Filho) - Brasília. - Brasília: IICA, 2006.

CALLEGARO, Sandra Simoni. TREVISAN, Luiz Pedro. **Análise- diagnóstico da Agricultura de Santa Rosa.** In: Sistemas agrários do Rio Grande do Sul: análise e recomendações de políticas.Org. Benedito Silva Neto, David Basso. Ijuí- Ed. Unijui, 2005. p. 259- 268.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** IPEA: Rio de Janeiro, janeiro de 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** Revista de Antropologia, São Paulo, v.39, n.1, p.13-37, 1998.

CARNEIRO, Jonatha Farias. **Produção familiar e indústria leiteira: a inserção dos produtores de leite do Assentamento São Jorge no APL da pecuária de leite da MRH de Imperatriz.** Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Ciências Sociais, 2014.

CARNEIRO, Jonatha Farias. **A INSERÇÃO DO CAMPESINATO NA PRODUÇÃO DE LEITE NA MICRORREGIÃO DE IMPERATRIZ/MA: exercício de autonomia ou subordinação à indústria de laticínios?** Dissertação de mestrado. – Universidade Federal do Maranhão, Curso de mestrado em Ciências Sociais, 2016.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, Agricultores e Pluriatividade.** Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1998, 228 p.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio. **Terra, Trabalho e poder: conflitos e lutas sociais no Maranhão contemporâneo.** São Paulo: Annablume, 2013. 180p.

_____. **Convenções de qualidade e a inserção da agricultura familiar na cadeia produtiva do leite na região de Imperatriz/MA.** In: **Sinais Sociais/SESC,** Departamento Nacional- Vol. 1, n 1 (maio/agosto de 2006). Rio de Janeiro, 2015.

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 342 p.

_____. **Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas (1924).** Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223914353V2aDN7ku4Mf79OI1.pdf>. Acesso em 24 de abr. 2017

COLETTI, Vinicius D.; PERONDI, Miguel A. **Produção de leite e resistência da agricultura familiar: comparando duas estratégias de comercialização local na região sudoeste do Paraná, Brasil.** *Redes* (Sta. Cruz Sul), v.20, n.2, p.236-260, 2015.

CONTERATO, Marcelo Antônio. NIEDERLE, Paulo André. RADOMSKY, Guilherme. SCHNEIDER, Sergio. Mercantilização e mercados: a construção da diversidade da agricultura na ruralidade contemporânea. 2011. Disponível em (acessado 01.05.2017): <http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/marcelo-conterato/conterato-marcelo-niederle-paulo-andre-radomsky-guilherme-f-w-schneider-s-mercantilizacao-e-mercados-a-construcao-da-diversidade-da-agricultura-na-ruralidade-contemporanea-in-sergio-schneider-marcio-gazolla-org-os-atores-do-desenvolvimento-rural>

COSTA, Ana Monteiro. **POBREZA E VULNERABILIDADE DE AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO CRISTO/RS: UMA ANÁLISE DA SECA A PARTIR DA ABORDAGEM DAS CAPACITAÇÕES.** Dissertação, Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Rural- UFRGS, 2006.

DEWALT, Katheen M., DEWALT, Billie R. e WAYLAND, Coral B. “Participant observation”. In: BERNARD, H. Russel. **Handbook of methods in cultural anthropology.** New York: Oxford, 1993, p. 259-299.

DROZ, Yvan. MIÉVILLE-OTT, Valérie. JACQUES-JOUVENOT, Dominique. LAFLEUR, Ginette. **Malaise en agriculture- Une approche interdisciplinaire des politiques agricoles France-Québec-Suisse.** Éditions KARTHALA : 2014. Paris. 189 p.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. **Etnografia: Saberes e Práticas.** In: **Ciências Humanas: pesquisa e método.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação** Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, set. 1998disponhttp://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONS ECA.pdf

FROELICH, Patrícia Rejane; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Fazendo etnografia na feira: uma etnografia entre mulheres camponesas em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. In: **Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis.** ZANINI, Maria Catarina Chitolina (Org.) – São Leopoldo: Oikos, 2015a. p. 185-219

FROELICH, Patrícia Rejane. O campesinato em questão: etnografando uma feira urbana de alimentos. In: **Somos todas mulheres iguais! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato.** DUTRA, Maria Rita Py; OLIVEIRA, Silvana Silva de; ZANINI, Maria Catarina Chitolina (Organizadoras) – São Leopoldo: Oikos, 2015b. p. 76-87

GARCIA JR., Afrânio Raúl; HEREDIA, Beatriz Alasia de. Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil. IN: **Diversidade do campesinato: expressões e categorias, estratégias de reprodução social,** v.2. Emilia Pietrafesa de Godoi, Marilda Aparecida de Menezes, Rosa Acevedo Marin (orgs.) – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

GARFINKEL, Harold e SACKS, Harvey. **Sobre estruturas formais de ações práticas**. Trad.: Adauto Vilella e Claudio Calabria. Rev. Paulo Cortes Gago e Raul Francisco Magalhães. Veredas. Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 220-56, 2012.

GAZOLLA, M. e SCHNEIDER, S. **A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares**. Estud.soc.agric, Rio de Janeiro, vol. 15, no. 1, 2007: 89-122.

_____. **Qual Fortalecimento da Agricultura Familiar? Uma análise do Pronaf crédito de custeio e investimento no Rio Grande do Sul**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 51, p. 45-68, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

_____. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005 (Capítulos 1 e 6).

GERHARDT, Marcos. **História ambiental, colonização e genealogia**. História: Debates e Tendências – v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 124-140.

GIDDENS, Anthony. **Política, sociologia e teoria social**. São Paulo: UNESP, 1998.

GLUCKMAN, Max. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”. In: Feldman-Bianco, Bela (org). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 237-265.

GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. Horizontes antropológicos – Antropologia visual. Porto Alegre: Revista temática semestral, ano 1, n. 2, 1995.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Primeiros Passos). p. 20-67.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HECK, Rita Maria. **UMA METODOLOGIA PARA INVESTIGAR FAMÍLIAS RURAIS**. Fam. Saúde Desenv., Curitiba, v.5, n.1, p.28-34, jan./abr. 2003

KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária**. Rio de Janeiro: Editora Laemmert S. A. 1968.

LAMARCHE, Hughes (coord) **Agricultura Familiar: comparação internacional**. Vol I. Uma realidade multiforme. Campinas: UNICAMP. 1993, 336p. Trad. Angela M. N. Tijiwa. (Coleção Repertórios)

LÊNIN, Vladimir. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril, 1982.

LENOIR, Remi. “Objeto sociológico e problema social”. In: Champagne, P. (org). **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes. 1998, p. 63-106.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MERLLIÉ, D. “A construção estatística”. In: Champagne, P. (org). **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes. 1998, p. 107-170.

MARMITT, Rosi Kelly Regina. **O TURISMO RURAL NO ROTEIRO “DOCES CAMINHOS GERMÂNICOS” NO MUNICÍPIO DE SANTO CRISTO – RS: DIFICULDADES E POSSÍVEIS CAUSAS DE ESTAGNAÇÃO**. Monografia, curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, 2013.

MARTINE, George; GARCIA, Ronaldo C. **Impactos sociais da modernização da agrícola**. São Paulo: Ed. Caetés, 1987. Cap. 4- Êxodo rural, concentração urbana e fronteira agrícola. p. 59-78.

MILLS, C. Wriqth. “Sobre o artesanato intelectual”. In: **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.21-63.

MOTTER, Adriana Fátima Canova. **UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NA BACIA DO RIO SANTA ROSA (NW DO RS), DE 1915 ATÉ OS DIAS ATUAIS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências do Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

MOURA, Margarida M. **Camponeses**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

NAVARRO, Zander. A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. In: GAQUES, J. G.; VIEIRA FILHO, J. E. R.; NAVARRO, Z. (Org.). **A agricultura brasileira: desempenhos, desafios e perspectivas**. Brasília, DF: IPEA, 2010. p. 185-209.

NAVARRO, Zander. CAMPOS, Sílvia Kanadani. A “pequena produção rural” no Brasil. In: **A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível?** – Brasília : CGEE, 2013. p. 13-28.

NEUHAUS, Ademir. **CONDOMÍNIOS LEITEIROS NA REGIÃO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL**. Monografia, CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E AGROECOLOGIA, UFRGS, 2001.

OLIVEIRA, Angélica de. **O padrão tecnológico na produção de leite e o desenvolvimento rural: uma análise baseada nos sistemas de produção do município de Ijuí(RS)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós Graduação Stricto - Sensu em Desenvolvimento. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ/RS, 2010.

OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. "Introduction- Adéquation empirique, Théorie, anthropologie". In: **La rigueur du qualitatif: les contraintes empiriques de L'interprétation socio-anthropologique**. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2008.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PICCIN, Marcos Botton. **Os senhores da Terra e da Guerra no Rio Grande do Sul: um estudo sobre as práticas de reprodução social do patronato rural estancieiro**. Tese (doutorado), Unicamp, 2012.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. **As mãos que alimentam a nação: agricultura familiar, sindicalismo e política**. Tese (doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2011.

PINTO, Louis. "Experiência vivida e exigência científica de objetividade." In: CHAMPAGNE, Patrick. **Iniciação à prática sociológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.13-57.

RAMBO, Anelise Graciele. **ANÁLISE ESCALAR DAS DINÂMICAS TERRITORIAIS DE DESENVOLVIMENTO E AS CONTRIBUIÇÕES DA NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA E NOVA ECONOMIA INSTITUCIONAL: um estudo de experiências no noroeste gaúcho**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2011.

SAMAIN, Etienne. **Para que a antropologia consiga tornar-se visual, com uma breve bibliografia seletiva**. In: FAUSTO NETO, A. (Org.) Brasil. Comunicação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

_____. **"Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia**. Horizontes Antropológicos, UFRGS, n. 2, p. 19-48, 1995.

SANTOS, J. S; CARDOSO, J.H.; DA CRUZ, F.T.; DOS ANJOS, F.S. **Dilemas e desafios para a circulação de queijos artesanais no Brasil**. Visa em Debate, n.4, v.4, p.13-22, 2016.

SCHNEIDER, Sergio. Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso. In: Froehlich, J.M.; Vivien Diesel. (Org.). **Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2006.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso)**. In: Anuário Antropológico/91. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. Trabalho familiar, comércio e reprodução social camponesa. IN: **Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis**. Organizado por Maria Catarina Chitolina Zanini. – São Leopoldo: Oikos, 2015. p.9-31.

SHANIN, Teodor. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista**. REVISTA NERA – ANO 8, N. 7 – JULHO/DEZEMBRO DE 2005 – ISSN 1806-6755.

SHIVA, Vandana. Recursos Naturais. In: SACHS, Wolfgang (editor). **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Trad. Vera Lúcia M

JOSCELYNE, Susana de GYALOKAY e Jaime A. CLASEN. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.300-316.

SILVA, Margot Riemann Costa e. VIEIRA, Jeferson de Castro. **Modernização e intensificação da produção leiteira em debate Piracanjuba/Goiás (1990-2013)**. Estud. Soc. E Agric., Rio de Janeiro, vol. 23, n.1, 2015: 84-109.

SOUZA, Raquel Pereira de. **A competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão**. Tese (doutorado), Unicamp, 2011.

_____. BUAINAIN, Antônio Márcio. **A competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão**. Estudos Sociedade e Agricultura, v.21. n.2. 308-331, 2013.

TEDESCO, João Carlos. **Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês**. Passo Fundo: UPF editora, 1999.

TELÓ, Fabricio. **O TRADICIONAL NO MODERNO: RUPTURAS E CONTINUIDADES NA AVICULTURA INTEGRADA NO MUNICÍPIO DE ANTA GORDA/RS**. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Ciências Sociais, 2011.

TOLEDO, Eliziário Nóe Boeira. SCHNEIDER, Sérgio. **O PRONAF NO RIO GRANDE DO SUL DEZ ANOS DEPOIS: O QUE DIZER?** www.fee.rs.gov.br/4-encontro-economia.../agricultura-sessao4-3.doc

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: Édson de Oliveira (org). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método de pesquisa social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 36-46

VIEIRA, Maria Helena Matchin. **PNAE E AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTA MARIA/RS: “MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS”**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

ZANINI Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. **Políticas públicas e trabalho familiar na agricultura do Sul do Brasil**. IN: Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis / Organizado por Maria Catarina Chitolina Zanini. – São Leopoldo: Oikos, 2015. p.123-139

WANDERLEY, Maria N. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. **Estudos Sociedade e Agricultura**. N. 21, Rio de Janeiro: outubro, 2003.

_____. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho: uma etnografia de percepções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

WOORTMANN, Ellen F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. **Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2: estratégias de reprodução social/** Emilia Pietrafesa de Godoi, Marilda Aparecida de Menezes, Rosa Acevedo Marin

(orgs.) – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF : Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen F. **Monoparentalidade e chefia feminino: Conceitos, Contextos e Circunstâncias.** Apresentado no Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas, realizado em 4 de novembro de 2002, Ouro Preto-MG pela CNPD, FNUAP e ABEP.

ANEXOS

Anexo 1- Questionário aplicado aos agricultores da Vila Sírío



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Estudante/pesquisadora: Patrícia Rejane Froelich -patyfroelich@gmail.com- (55)99546992

Professor-orientador: Doutor Marcelo Sampaio Carneiro

A PRODUÇÃO LEITEIRA EM SANTO CRISTO-RS: RECONFIGURAÇÕES DA AGRICULTURA FAMILIAR.

Síntese da proposta: O universo empírico escolhido é o distrito de Vila Sírío, município de Santo Cristo, estado do Rio Grande do Sul, no qual há considerável produção leiteira realizada por agricultores(as) familiares, que mantém uma especialização constante dessa atividade ao longo dos últimos anos, especialmente relacionada à mecanização, ao melhoramento genético do gado, à incrementação do trato alimentar bovino e ao aumento do plantel. O objetivo geral da investigação é compreender, por meio das narrativas dos agricultores/as, as transformações da agricultura familiar em Vila Sírío, e os condicionantes que motivaram/motivam tais trabalhadores a privilegiar a produção leiteira em sua propriedade. Para atingir o objetivo geral, proponho os seguintes objetivos específicos:

1. Investigar quais agentes incentivaram/incentivam esse processo de intensificação da produção leiteira;
2. Elencar quais os cultivos que deixaram ou começaram a ser produzidos mediante essa aparente especialização em bovinocultura leiteira, e os motivos elencados pelas famílias.
3. Analisar a influência da produção do leite na economia monetária das famílias (fazendo uma comparação entre a situação anterior e o presente);

4. Investigar as aspirações desses agricultores, contrapondo passado, presente e futuro, em referência a expansão da produção de leite e sua gradual modernização técnica.

QUESTIONÁRIO

Observações quanto ao preenchimento:

* O preenchimento é de livre escolha. Caso não se sinta confortável com alguma questão deixe-a sem resposta;

* Não há limites para as respectivas respostas, em caso de necessidade use o verso da folha.

*As identidades (nomes) serão mantidas em sigilo, caso esta seja sua vontade;

* Desde já agradeço pela disponibilidade!

Data(s) do preenchimento: _____

Nome OU Pseudônimo (nome que prefere utilizar ao invés do original):

Idade: ____ Escolaridade: _____

Nome do marido-esposa: _____

Idade dele (a): _____

Escolaridade dele(a): _____

Filhos (Idades?): _____

Religião: _____

Origem étnica: () Alemã () Italiana () Outra _____

Tamanho da propriedade: ____ Tipo de solo: _____

Tamanho do resfriador: _____

Número de vacas ordenhadas: _____

Número de vacas secas: _____

Número de terneiros: _____

1. Vendem o leite para quem? _____

Por quê? _____

2. Desde quando (ano) a família trabalha com a produção e venda do leite? Conte como foi o início dessa atividade na sua propriedade:

3. Para o início da atividade de produção de leite e sua respectiva continuidade a família recebeu/recebe incentivo de alguma instituição (ex. sindicato, cooperativa, emater, prefeitura, etc)? _____

4. Para a compra de materiais relativos à ordenha e maquinários em geral, a família acessou linhas de crédito?

() Não. Por quê? _____

() Sim. Por quê? _____

Quais (ex. Pronaf)?:

5. Quais implementos agrícolas a família possui:

6. Quais maquinários a família necessita adquirir? Por quê?

7. De que forma (exemplo: compra de implementos, gado, acesso ao crédito bancário, etc.) e por que a família tem investido na atividade do leite?

8. Mais pessoas da sua família trabalham com a venda de leite?

Não

Sim. Quem? (ex.: irmão)

Localidade que ele/a ou eles/as moram:

9. Os filhos e/ou filhas auxiliam nas tarefas da propriedade?

Não. Meu filho/a já tem outra ocupação. Qual? _____

Não. Por quê? _____

Sim. Por quê? _____

No caso da resposta ser SIM, quais as tarefas que os filhos/as realizam?

10. Você gostaria que seu filho/a(s) continuasse trabalhando com a produção leiteira?

Não. Por quê? _____

() Sim. Por quê? _____

11. Conte um pouco da sua rotina de trabalho ao longo do dia:

12. Descreva o trato bovino e suas alterações ao longo do ano (período frio e quente):

13. Existem cultivos agrícolas que vocês deixaram (ou então começaram) de produzir a partir do trabalho com a bovinocultura leiteira? Quais?

14. A família mantém horta e/ou outra produção para consumo próprio (ex. ovos, frutas, carneiro para carne):

Não (). Por quê? _____

Sim (). Por quê? _____

15. Podemos dizer que a produção de leite é muito importante na economia monetária (renda) da sua família?

() Não. Por quê? _____

() Sim. Por quê? _____

16. O(A) Sr(a). se considera Agricultor (a), Trabalhador (a) rural, camponês (a), colono (a) ou outra denominação (pode usar mais de uma se achar adequado)? Por quê?

17. O(A) Sr (a) acha que os/as agricultores(as) são valorizados pela sociedade? Por quê?

18. Você considera importante a inserção de novas tecnologias na agricultura?

() Não. Por quê? _____

() Sim. Por quê? _____

19. Gostaria que nas linhas seguintes o(a) Sr(a) deixasse escritas algumas palavras relativas a condição de agricultor(a)-produtor(a) de leite e como visualiza o futuro da produção de leite em Santo Cristo.

MUITO OBRIGADA POR DEDICAR UM POUCO DO SEU TEMPO PARA O PREENCHIMENTO DESTE QUESTIONÁRIO, ELE É DE **EXTREMA** IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DO MEU TRABALHO! LAMENTO PELA SUA EXCESSIVA EXTENSÃO! AGRADEÇO TAMBÉM A AFETUOSA RECEPÇÃO EM VOSSA PROPRIEDADE!

Anexo 2- Roteiro de entrevista com os agricultores da Vila Sírío

- ❖ Pedir permissão para gravar a entrevista;
 - ❖ Agradecer o preenchimento do questionário e destacar que esta entrevista é um complemento;
 - ❖ Destacar que nenhuma resposta é obrigatória;
1. Como era a vida no campo quando vocês eram crianças (tarefas)? Percebem mudanças de lá para cá (acham isso bom ou ruim)?
 2. Como vocês dividem as tarefas na propriedade? Quem toma as decisões sobre a produção e o manejo?
 3. Sobre a propriedade (tamanho): Arrendam para terceiros ou então arrendam de terceiros? Por quê? Pensam em comprar mais terra? Vocês são proprietários daqui por compra ou herança?
 4. Vocês poderiam descrever a estrutura da propriedade? (as construções; veículos; outros animais; horta; pomar)
 5. Por que vender leite?
 6. Como foi o início da atividade de produção e venda do leite? (Fale um pouco, por favor, das dificuldades, medos, motivações; Produziam anteriormente apenas para o consumo? Os pais já realizavam essa atividade?)
 7. O trabalho da bovinocultura de leite melhorou a condição econômica da família? (como?)
 8. Fale um pouco, por favor, do plantel atual, como vocês chegaram a ele? (média de leite por vaca, raça dos animais)
 9. Vocês gostam de trabalhar com gado de leite ou mudariam de atividade caso tivessem uma oportunidade?
 10. Vocês poderiam contar um pouco mais a respeito da produção de leite aqui na propriedade (no que se refere ao aumento na quantidade de leite e animais, mudanças na alimentação bovina, uso de máquinas e equipamentos no cotidiano)?
 11. Vocês utilizam insumos industriais como sementes melhoradas, ração e complementos alimentares, adubos/fertilizantes?
 12. Vocês ainda utilizam o esterco/dejetos como fertilizante?
 13. Ao longo dos últimos anos vocês modificaram os cultivos na propriedade (abandonando algum, como por exemplo, a batata e o trigo)?

14. Vocês acham que o preço pago pelo litro de leite é justo (quanto vocês receberam no último mês pelo litro)?
15. Quais cuidados higiênicos vocês adotam? Por quê? Sempre foi assim?
16. Vocês contratam algum tipo de mão-de-obra externa? (ex. veterinário)
17. Qual o sonho de vocês quanto à produção de leite, ou melhor, pretendem aumentar a produção? (investir em outras raças ou vender para outra empresa)
18. Atualmente quais as dificuldades que vocês tem tido para desenvolver a produção?
19. Vocês participam de alguma associação/cooperativa?
20. Vocês acreditam que o clima e o solo daqui favorecem a produção de leite?
21. As empresas que compram o leite falam muito em qualidade. Vocês consideram o leite aqui produzido como sendo um leite de qualidade? Por quê?
22. Como vocês acham que será a agricultura aqui na Vila Sírrio, daqui a 20 anos?
23. Vocês acham que os agricultores familiares são valorizados pelo governo? E pelas pessoas da cidade?
24. Para custear o valor do resfriador e ordenhadeira, como vocês fizeram?

❖ Agradecimento.

Anexo 3- Roteiro de entrevista com o técnico de originação da empresa Lactalis

- ❖ Pedir permissão para gravar a entrevista;
- ❖ Agradecer a disponibilidade e explicar do que trata o estudo em questão;
- ❖ Destacar que nenhuma resposta é obrigatória;

- Nome- Escolaridade- Função na empresa-

1. Faz quantos anos que você trabalha na empresa? Em sua opinião o que seria um leite de qualidade?
2. Como a intensificação produtiva do leite (especialmente em Santo Cristo) é acompanhada e apreciada pela empresa?
3. Se o senhor fosse questionado a respeito do perfil dos agricultores de Santo Cristo, como os definiria?
4. O leite produzido em Santo Cristo alcança qual destino final?
5. O valor pago pela empresa a cada produtor sob seu respectivo litro de leite difere entre os demais. Como é feita essa mensuração?
6. Na sua visão o que os agricultores tem feito em relação a produção de leite que tem melhorado a qualidade e/ou aumentado o volume desta produção?
7. O que a empresa faz para manter a fidelidade do agricultor?

- ❖ Agradecimento e troca de endereço eletrônico.

Anexo 4- Roteiro de entrevista com o presidente da EMATER

- ❖ Pedir permissão para gravar a entrevista;
- ❖ Agradecer a disponibilidade e explicar do que trata o estudo em questão;
- ❖ Destacar que nenhuma resposta é obrigatória;
- Nome- Escolaridade- Idade- Função-

1. Quando o senhor começou a trabalhar na Emater? Se alguém lhe questionasse sobre a atuação da Emater em Santo Cristo, como o senhor definiria?
2. O senhor poderia explicar porque a Emater realiza visita nas propriedades rurais do município? Que situações o senhor gostaria de relevar?
3. Se o senhor fosse questionado acerca do perfil dos agricultores de Santo Cristo (especialmente da Vila Sírío) como definiria?
4. O senhor concorda que os agricultores de Santo Cristo vêm se especializando na produção do leite e priorizando os cultivos ligados a tal (o senhor visualiza isso em suas visitas)?
5. Na sua opinião o que leva os agricultores a privilegiar uma produção ou outra?
6. O senhor acredita que vocês, enquanto Emater, incentivam essa especialização da produção leiteira?
7. Em conversa com o secretário municipal da agricultura ele me repassou o relatório do PROGRAMA MUNICIPAL DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, no qual a Emater colaborou. O senhor poderia, por gentileza, falar acerca dele?
8. Como o senhor visualiza a agricultura de Santo Cristo daqui a 20 anos?
9. A Emater dentro do escopo de seus programas elabora relatorias. Estes materiais são acessíveis ao público?

- ❖ Agradecimento da minha parte; indicações complementares da parte dele.